

**MARIS STELLA ALVARES GABRIEL**

**MÉTODOS DO TRABALHO CORPORAL:  
UMA PROPOSTA SUTIL**

**MARIS STELLA ALVARES GABRIEL**

**MÉTODOS DO TRABALHO CORPORAL:  
UMA PROPOSTA SUTIL**

Dissertação apresentada a Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia Clínica).

Orientadora: Dra. Terezinha Maria Pancini de Sá

**ASSIS - 2001**

**MARIS STELLA ALVARES GABRIEL**

**MÉTODOS DO TRABALHO CORPORAL:  
UMA PROPOSTA SUTIL**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Dra. Elisabeth P. Constantivo: \_\_\_\_\_

Dra. Vera da Rocha Resende: \_\_\_\_\_

Dra. Teresinha Maria Pancini de Sá: \_\_\_\_\_

Assis, Outubro de 2001.

## **DADOS CURRICULARES**

### **MARIS STELLA ALVARES GABRIEL**

NASCIMENTO 17.09.1955 – ASSIS/SP

FILIAÇÃO Antonio Gabriel  
Diva Penha Alvares Gabriel

1975/1979 Curso de Graduação  
Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis –  
UNESP

1981/1983 Curso de especialização em Psicoterapia Psicodinâmica  
com Adolescentes.  
Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

1990/1994 Curso de especialização em Cinesiologia Psicológica  
Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

1997/2001 Curso de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade,  
área de concentração Psicologia Clínica, nível Mestrado  
Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

Ao meu filho querido, Thales,  
minha produção verdadeiramente  
ousada e amada.

Aos meus filhos do coração, Frederico Afonso de  
Guimarães Escocard, Juliana Rocha Chil, Silvia  
Vasconcelos Ramos, Vanessa Juliana Pavan, por  
terem compreendido.

*“Morte não existe – só transformação de consciência”.*  
(Sándor)

Aos mestres,  
Pethö Sándor e C. G. Jung.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Dra. Terezinha Maria Pancini de Sá, que me acolheu e me permitiu alçar vôo;

Ao meu amigo, prof. Jorge Luis Ferreira Abrão, por estar junto a mim, a cada passo deste trabalho;

A meus pais, por me possibilitarem viver na Terra;

A minha mãe, por compartilhar tristezas e alegrias;

Ao Marco Antonio, meu companheiro;

A cada um de meus entrevistados, por dividirem comigo as lembranças e os ensinamentos do pai e do avô;

Aos que responderam aos questionários, por dividirem os ensinamentos do mestre;

Ao Dr. Hélio Rebello Cardoso Junior pela orientação filosófica;

Ao Dr. J. Treiger, presidente da Fundação Cultural Avatar, pela orientação esotérica;

A minha amiga querida, psicóloga e mestra Sandra Maria Greger Tavares, que neste trabalho aparece como Duran, por estar tão presente, apesar da distância;

Aos amigos que, indiretamente, participaram dando opiniões, emprestando livros e, especialmente, oferecendo apoio e incentivo.

*“Na alvorada do terceiro milênio, podemos dizer definitivamente que estamos testemunhando a re-emergência, numa forma inteiramente nova, do relacionamento entre ciência e consciência, entre a acumulação do conhecimento e o desenvolvimento do espírito. A maneira como essas questões são resolvidas leva a conseqüências na sociedade em que vivemos, sua orientação e seus valores. A razão não é a antinomia do sentido espiritual, mas permite a purificação da espiritualidade das formas supersticiosas ou irracionais. Essa magnífica aventura humana em busca do sentido da vida pode ser lida em muitos testemunhos da Arte Sagrada. O segredo da Beleza na Arte Sagrada está na parte invisível, inscrita dentro do coração humano.*

*Um provérbio árabe diz: ‘É do jeito que olhamos para as coisas que podemos descobrir a Beleza’“*

(Faouzi Skali)

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>Apresentação .....</b>                                     | <b>11</b>  |
| <b>I. Os caminhos da pesquisa .....</b>                       | <b>15</b>  |
| 1.1. Justificativa .....                                      | 15         |
| 1.2. Objetivos .....  | 22         |
| 1.3. Procedimento .....                                       | 25         |
| <b>II. A história do conhecimento .....</b>                   | <b>28</b>  |
| 2.1. Os deuses em busca da cura .....                         | 28         |
| 2.2. Os homens em busca do saber .....                        | 34         |
| 2.3. A história da História: uma conquista .....              | 39         |
| 2.4. Pelos caminhos da psique .....                           | 58         |
| 2.5. Pelos caminhos do corpo .....                            | 65         |
| <b>III. C. G. Jung: um inconsciente realizado .....</b>       | <b>101</b> |
| <b>IV. Métodos do Trabalho Corporal .....</b>                 | <b>107</b> |
| 4.1. Pethö Sándor: uma vida de experiência .....              | 107        |
| 4.2. A vivência em grupo .....                                | 114        |
| 4.3. O relaxamento .....                                      | 116        |
| 4.4. O método de trabalho corporal elaborado por Sándor ..... | 119        |
| 4.5. As técnicas: esculpindo o corpo e a alma .....           | 128        |
| 4.6. Situando o método .....                                  | 135        |

|   |            |
|---|------------|
| <b>V. Um método organísmico .....</b>               | <b>140</b> |
| 5.1. Um método intuído .....                        | 140        |
| 5.2. Os fundamentos do método .....                 | 147        |
| 5.2.1. Fundamentos neuro-anatomo-fisiológicos ..... | 147        |
| 5.2.2. Fundamentos psicológicos .....               | 161        |
| <br>  |            |
| <b>VI. Outros conhecimentos .....</b>               | <b>178</b> |
| 6.1. A astrologia .....                             | 188        |
| 6.2. A sabedoria sem idade .....                    | 195        |
| <br>  |            |
| <b>VII. Considerações éticas .....</b>              | <b>209</b> |
| 7.1. A ética de Sándor .....                        | 209        |
| 7.2. A ética da pesquisa .....                      | 212        |
| <br>  |            |
| <b>VIII. Reflexões finais .....</b>                 | <b>213</b> |
| <br>  |            |
| <b>IX. Referências Bibliográficas.....</b>          | <b>219</b> |
| <br>  |            |
| <b>Anexos .....</b>                                 | <b>228</b> |
| <b>Resumo .....</b>                                 | <b>230</b> |
| <b>Abstract .....</b>                               | <b>231</b> |

## APRESENTAÇÃO

*“O homem é parte integrante do cosmos, que é um todo indivisível. O universo tem suas próprias leis imutáveis, seus ciclos, seus ritmos. Não acreditar nesses princípios seria uma grande pretensão e um desafio ao Criador. Lutar contra eles é lutar contra a vida”.*

(I. Koor, fisiologista, 1982)

Este estudo fala do método de trabalho corporal elaborado por um homem simples, que soube viver dignamente e dignamente deixou a vida: Pethö Sándor.

Pesquisar e escrever sobre a vida de uma pessoa e sua maneira de trabalhar é tarefa complexa e arriscada. Entretanto, propicia o prazer e o encantamento de descobrir trilhas e paragens que nos arrebatam e fazem ver quão ampla pode ser a vida e o bem viver.

Pethö Sándor é uma dessas pessoas que nos levam do científico e do concreto ao mais subjetivo e sutil dos caminhos. Foi um homem que atravessou passagens íngremes durante sua existência, mas pode e soube acolher e transformar cada seixo e cada obstáculo que a vida lhe apresentou, transformando-os em conhecimento e sabedoria. Por esta razão, retomar suas idéias nos envolve na poesia e nos mistérios do viver.

Esta pesquisa se remete apenas a uma pequena parte de sua vida e seu trabalho. Muito há para se dizer e descobrir, mas este estudo é apenas um breve delineamento do grande mistério que envolve a criação de um método de trabalho. A passagem está aberta, a proposta está feita para aqueles que desejarem continuar nesta trilha.

Sándor deixou um legado extraordinário tanto no que diz respeito a técnicas corporais, quanto na maneira simples e aberta de viver a vida, que transmitiu para todos aqueles que o conheceram e com ele conviveram. Seu método foi inteiramente constituído de forma a possibilitar sua ampliação e enriquecimento. Sándor não se propôs a escrever um trabalho teórico, na medida em que fazia do corpo a tela para sua obra. No corpo, pelo corpo e através dele ou até mesmo apesar dele, Sándor construiu todo um método de trabalho. Não se ocupou especificamente em teorizar porque, provavelmente, seu método foi criado apenas para o sentir, ou seja, sua preocupação era fazer com que o paciente entrasse em contato consigo mesmo e com seus próprios sentimentos. Ocupou-se mais, teoricamente falando, em realizar trabalhos de tradução de textos não publicados no Brasil, de todos aqueles pesquisadores que, na sua maioria junguianos, apresentavam afinidades com seu trabalho prático ou sua linha de trabalho psicológico<sup>1</sup>.

Depois de seu falecimento, houve mobilização de seu grupo de amigos e alunos no intuito de organizar e ampliar seu método de trabalho, assim como transmitir sua obra para o meio acadêmico. Esse movimento tem alcançado, ao nosso ver, seu objetivo, visto que obras importantes já foram publicadas além de dissertações e teses que foram defendidas em universidades do estado de São Paulo. Algumas dessas publicações foram amplamente utilizadas na construção desta pesquisa. Outros trabalhos estão sendo realizados, assim como esta dissertação, que se insere neste contexto, no sentido de complementar e dialogar com as produções já existentes.

Esta dissertação foi escrita de maneira que, especialmente, os leigos e estudantes pudessem entrar em contato com as idéias de Sándor e com as áreas que o interessavam. Desta forma, cada capítulo e sub-capítulo tem introdução própria que, talvez, para o leitor inteirado do assunto isso possa parecer repetitivo. Mas nossa intenção é, de fato, atingir aqueles que ainda não conhecem a área e o autor em questão. Por

---

<sup>1</sup> Esses textos fazem parte do acervo do C. G. Jung Institute de Zurique.

isso estamos mencionando as áreas do conhecimento, pertinentes ao método de trabalho corporal construído por Sándor, de maneira simplificada e resumida.

O primeiro capítulo, metodológico, tratará da justificativa, dos objetivos e dos procedimentos que adotamos durante todo o trajeto da pesquisa.

Do segundo, constará a síntese da história do conhecimento científico, iniciando pela história da filosofia, passando pela medicina, psicologia e finalmente chegando até o caminho dos métodos corporais. Ao retomar a história da filosofia podemos localizar o desenvolvimento de algumas das idéias de Sándor, estabelecendo um elo com a medicina e a psicologia, áreas em que ele era especialista. O autor em questão estudou filosofia e era apreciador dos filósofos antigos, mencionando-os quando pertinente. Dessa forma, achamos pertinente retomar também a história da medicina que precede a história da psicologia. E, finalizando este capítulo, a história do trabalho corporal cumpre o objetivo de inserirmos o método elaborado por Sándor como parte integrante de uma história a ser contada e enriquecida. Essa trajetória será também realizada com o intuito de situar o leitor no processo de descobrimento e evolução do saber científico. Dessa forma, podemos ir percebendo como as teorias e descobertas foram sendo edificadas e entrelaçadas ao longo dos séculos. Para cada sub-capítulo instituímos uma introdução, já que estamos nos referindo a três históricos diferentes.

A seguir, teremos o capítulo terceiro, no qual abordaremos sinteticamente a história biográfica de C. G. Jung e a teoria que construiu.

No quarto capítulo serão apresentadas a história biográfica concentrada de Sándor e a explicitação das técnicas que compõem o método de trabalho corporal por ele elaborado.

No quinto capítulo estão descritas as áreas do conhecimento que provavelmente fundamentaram o método: a anatomia, a neurologia e a psicologia profunda de C. G. Jung que, apesar de descritas

sumariamente, têm como objetivo apresentar ao leitor uma idéia desta fundamentação teórica.

A seguir, no sexto capítulo, apresentamos a descrição de outras duas áreas que interessavam Sándor e que, de certa forma, parecem ter norteado parte de sua vida: a astrologia e a sabedoria perene.

No sétimo capítulo arrolaremos, de modo geral, o que se refere à ética pertinente ao método elaborado por Sándor.

No último capítulo deste trabalho faremos reflexões finais e não conclusões, pois esta pesquisa não tem uma abordagem conclusiva, uma vez que Sándor não deu esse tom ao método de trabalho que construiu.

Esta pesquisa possui um caráter pessoal, como nesta apresentação, na medida em que nosso contato com Sándor apesar de breve (dois anos) foi intenso. Realizar este estudo nos remete a agradáveis recordações, cabendo, inclusive, dizer que esta dissertação de mestrado foi, em grande parte, escrita com o coração.

## I. OS CAMINHOS DA PESQUISA

*“O próprio carvalho afirmava: só este crescer pode fundar o que dura e frutifica. Crescer significa abrir-se à amplitude dos céus. Mas também deitar raízes na escuridão da terra. Tudo o que é maduro, só chega à maturidade, se o homem for, ao mesmo tempo, ambas as coisas: disponível para o apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra, que tudo sustenta. É o que o carvalho diz sempre ao caminho do campo, que lhe passa ao lado seguro de sua via”.*

(M. Heidegger)

### 1.1. Justificativa

As teorias a respeito da vida do homem parecem não alcançar todos os questionamentos que lhe são pertinentes. Existem razões para que estejamos vivendo nossas vidas, nossa história biográfica, permeada por significados e razões coerentes. Compreendemos que a vida possui um mistério que está além da nossa compreensão, como algo ainda impenetrável por nós. Por conseguinte, para realizarmos a reflexão sobre o sentido de estarmos vivos, é necessário que deixemos de lado certos enquadramentos psicológicos, aos quais estamos habituados, para justificar as perguntas que fazemos sobre nossas vidas, pois tais enquadramentos podem não revelar o suficiente, mas apenas tentar encaixar a vida numa moldura. E compreender a vida assim, explicada, analisada e enquadrada num paradigma estabelecido e esperado, é deixar de experimentar o sabor da verdadeira excentricidade que a vida propicia.

Hillman, analista junguiano, propõe alguns postulados que formam o que ele denominou “*a teoria do fruto do carvalho, que sustenta que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida e que já está presente antes de poder ser vivida*” (1997, p.16). Empregamos neste momento as idéias de Hillman, pois acreditamos serem estas, uma metáfora que pode nos levar à compreensão de, pelo menos, parte da vida e do viver.

Este autor usa muitos termos para se referir ao fruto do carvalho, que contém em si o chamado que o indivíduo atende quando adentra à vida. Para ele, a vida tem uma essência que nos encaminha para um determinado destino, que está inscrito na pequena semente do fruto, trazendo as marcas que o homem terá que desenvolver. Dentro dessa pequena semente está contido todo o mistério que adormece na essência de cada um de nós.

Os termos por ele utilizados para designar o que há dentro da semente do fruto do carvalho são: imagem, personalidade, fado, gênio, vocação, *daimon*, alma, destino, sendo que dá preferência a um ou outro conforme o contexto em que este está inserido. Quando se refere a *daimon*, afirma:

*“A alma de cada um de nós recebe um daimon único, antes de nascer, que escolhe uma imagem ou um padrão a ser vivido na terra. Esse companheiro da alma, o daimon, nos guia aqui. Na chegada, porém, esquecemos tudo o que aconteceu e achamos que chegamos vazios a esse mundo. O daimon lembra do que está em sua imagem e pertence a seu padrão, e portanto o seu daimon é portador do seu destino”.* (p.18)

Segundo Hillman o *daimon* age de muitas formas, motivando-nos e protegendo fielmente. Pode não ceder ao bom senso fazendo com que o indivíduo fuja às regras costumeiras impostas pelo mundo. Por outro lado, oferece conforto, mas pode fazer o corpo adoecer. Não conhece a temporalidade e tem afinidades com o mítico. Está ligado a

sentimentos de singularidade, grandeza e com as inquietações do coração dos homens, estando em sintonia com a harmonia cósmica.

Para a Europa mediterrânea, germânica e celta, o carvalho era uma árvore ancestral mágica e tudo o que estava a ela associado compartilhava desse poder: os pássaros, as vespas, as abelhas (e sua produção de mel) e seus próprios frutos. Como árvores-pais, atraíam os raios do céu e pertenciam a Zeus, Donar, Jupiter e Wotan, os poderosos deuses mitológicos. Como árvores-mães davam à luz a humanos em vários mitos, os quais contam como os homens chegaram à terra. Assim, como afirma o autor, *“nascemos do fruto do carvalho, assim como os frutos do carvalho nascem do carvalho”*.(p.295)

Os carvalhos são também considerados árvores-alma por acolherem as abelhas e o mel por elas produzido, este considerado na antiguidade mediterrânea e em outras parte do mundo como néctar divino, o alimento primordial do outro mundo, e também porque ao seu redor ou no seu interior, acredita-se, moram as ninfas, adivinhos e sacerdotisas.

Segundo Hillman, toda árvore alta é sábia e *“seu movimento é imperceptível, sua conexão entre o que está em cima e o que está embaixo, firmíssima, sua presença física, generosíssima e útil”*. (p.295) Assim, o carvalho por seu porte, beleza, idade e solidez é considerado detentor da sabedoria que está condensada num pequeno núcleo dentro de seus frutos.

O autor escolheu o fruto do carvalho para denominar sua teoria, pois ele mesmo afirma que este tem um significado metodológico, morfológico e etimológico, além de arquetípico.

Em termos botânicos, o fruto do carvalho é fruto de uma angiosperma, ou seja, é uma fruta embrionária completa, pois contém a essência da planta.

Etimologicamente, Hillman cria, para a palavra *acorn* (o fruto do carvalho), uma confluência de etimologias, a partir dos conceitos de *acre*, *act* e *agent*. Com ela, tenciona fazer uma aproximação de

qualificativos que se ajustem à noção principal de *origem da ação*, que pretende atribuir ao termo.

Arquetipicamente podemos nos remeter ao conceito de *puer eternus*, o eternamente jovem, pois em seu cerne encontramos ativos a curiosidade, a devoção, a intuição e a imaginação, sendo estes os instrumentos dos quais o jovem se utiliza para chegar ao conhecimento.

Feita essa breve digressão, podemos concluir que a semente do fruto do carvalho carrega em si o doce e o amaro. Como afirma Hillman, "*a teoria do fruto do carvalho e a ajuda extraordinária que ele dá a vida – visão, beleza, destino – são também uma noz dura de engolir*"(p.304).

Portanto, apoiados nas idéias de Hillman, podemos deduzir que a vida não é só constituída por processos naturais, mas também, por mistérios, e por isso não podemos simplesmente explicá-la. Ela precisa ser vivida, sem que, para isso, lancemos mão de muitos conceitos pré-estabelecidos para sua compreensão. O segredo do bem viver parece ser entregar-se à vida e/ou confiar nela.

Isto posto, ficam as seguintes questões, que deverão ser respondidas ao longo desse trabalho: por ventura Sándor passou por vivências que podem tê-lo influenciado na construção do método de trabalho corporal que elaborou ? Como se deu o processo de elaboração do método de trabalho corporal e o que podemos inferir sobre as influências teóricas ?

A partir das respostas a essas questões iniciais, ainda perguntamos: qual a fundamentação teórica do método de trabalho corporal elaborado por Sándor ?

Parece que Sándor elaborou técnicas de trabalhos corporais com o intuito de levar o indivíduo à integração psicofísica e à consciência corporal por meio das sensações e percepções que esses toques proporcionam. Outra preocupação sua parece ter sido a de traduzir obras de C. G. Jung e seus seguidos, ainda não publicadas em português. Assim sendo, não se empenhou com a sistematização teórica desse

método de trabalho, na medida em que utilizava como embasamento a Psicologia Analítica de C. G. Jung e seu conhecimento médico. E parece que a não formulação dessa fundamentação teórica não se constitui em um obstáculo para a compreensão e aplicação do método de trabalho corporal por ele desenvolvido, pois a utilização da teoria médica e psicológica já existentes oferecem a base necessária para sustentar a prática.

Tudo faz crer que as teorias já existentes foram suficientes para apoiar o autor no desenvolvimento de seu método de trabalho, sendo que sua preocupação foi elaborar um método que enfatizasse o corpo e que através dele, o indivíduo pudesse encontrar seu próprio equilíbrio psico-físico. Dessa forma, apoiado por teorias já existentes ocupou-se mais com a construção prática de seu método, que parece ter sido realizada pelo corpo e para o corpo.

Entretanto, parece evidente a preocupação de Sándor com a construção de um método de trabalho corporal que ficasse em aberto, com a possibilidade de uma continuidade. Esse trabalho parece ter sido construído pela epistemologia do corpo com a proposta de se manter em aberto para uma possível complementação ou acréscimo por parte de outros profissionais interessados. Assim, parece-nos justificada a escassez de publicações por parte do autor, por intermédio das quais fossem desveladas a fundamentação teórica que parece ter sido construída pelo corpo e pela teoria junguiana.

Apresentar o método de Sándor para a academia e defini-lo como área do conhecimento científico, além de ser uma tarefa instrutiva é também, conforme Abrão (1999), *pitoresca*, na medida em que conhecer a história biográfica de Sándor e a construção do método de trabalho corporal, leva-nos para uma viagem a um passado nada distante – ainda muito presente.

Algumas pesquisas apresentadas à comunidade científica utilizando-se do método de trabalho corporal elaborado por Sándor,

deram conta da dimensão didática, como se pretende fazer nesta dissertação.

Esta pesquisa se propõe conhecer e desvelar interesses do autor, suas inquietações no exercício da prática profissional, que o levaram a idealizar e concretizar o método de trabalho corporal. Assim, a busca que foi realizada com questões que abordaram um pouco mais profundamente a sua vida, tiveram por objetivo encontrar nessa história a resposta para a compreensão de como foi elaborado o método de trabalho e talvez até a fundamentação teórica do mesmo.

*“Toda investigação do passado tem sua origem no presente”* (Abrão, 1999, p.15), por isso, buscar o passado de Sándor nesta pesquisa, define-se como significativa, na medida em que se espera fazer a conexão entre sua vida e sua obra. Assim, realizar esta pesquisa se justifica não só pela necessidade de inserir o método elaborado entre os principais métodos de trabalho corporal existentes no Brasil e no mundo, como também apresentá-lo oficialmente à academia e, ainda, ampliar e dar continuidade ao que tem sido realizado por outros profissionais que compartilharam das aulas e os grupos de estudos por ele oferecidos.

Esta é uma pesquisa, de certa forma, historiográfica<sup>2</sup>, e, enquanto método, tem proximidade com a auto-análise realizada por Sigmund Freud:

*“... um escrutínio extremamente cuidadoso, um recenseamento meticuloso, aguçado e contínuo de suas lembranças fragmentárias, seus desejos e emoções ocultos. A partir de peças e pedaços torturantes, ele reconstruiu fragmentos de seus primeiros anos de vida sepultados, e com o auxílio de tais reconstruções extremamente pessoais, combinadas com sua experiência clínica,*

---

<sup>2</sup> O termo 'historiografia' será aqui empregado da maneira que foi definido por William Woodward: *“O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio, divide-se em duas partes ou fases: método histórico, ou análise das fontes, e historiografia, ou síntese e escrita. Em outras palavras a coleta de dados leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática, a palavra “historiografia” passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese.”* (Woodward, 1998, p. 62-3)

*procurou esboçar as linhas gerais da natureza humana*” (Gay, 1988, p. 104).

Freud estruturou várias partes da teoria psicanalítica, por ele elaborada, embasado na reconstrução de sua história pessoal. Também como citado por Abrão (1999), parte do material onírico que ilustra o livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900) pertence aos sonhos do próprio Freud, o que mais uma vez nos traz a confirmação da importância da vida na obra do autor.

Também C. G. Jung em seu livro **A Prática da Psicoterapia** (1971) afirma que: *“Todo psicoterapeuta não só tem o seu método: ele próprio é esse método. “Ars totum requirit hominum”<sup>3</sup>, diz um velho mestre. O grande fator de cura, na psicoterapia, é a personalidade do médico...”*. (p.84)

Também Descartes postulou que muitas idéias aparecem a partir de sua experiência de vida.

Cabe ainda lembrar alguns profissionais, não só da área da Psicologia, mas também das artes teatrais como F. M. Alexander, ator, e até da física como Moshe Feldenkrais, que elaboraram métodos de trabalhos corporais a partir de necessidades individuais ou de seu ofício.

Assim, justifica-se buscar conhecer de perto algumas facetas da vida de Sándor, tomando os devidos cuidados no tocante à ética, evitando se tornar invasivo ou simplesmente curioso, o que não engrandeceria esse trabalho, mas o tornaria obscuro, indelicado e anti-científico.

Cabe também mencionar o interesse cada vez mais crescente em relação aos métodos que abordam a temática corporal. De tal modo esta pesquisa se torna relevante na medida em que o autor que está sendo abordado se dedicou mais a transmitir seus ensinamentos oralmente, em detrimento de uma exposição sistemática veiculada através de trabalhos escritos.

---

<sup>3</sup> A arte exige o homem todo.

A relevância da proposta de tornar cada vez mais conhecidas e utilizadas as técnicas corporais, vai ao encontro do que Carotenuto (1979) escreve sobre processos terapêuticos verbais:

*“Uma das mais violentas acusações feitas em relação à psicoterapia é que esta representa uma manipulação do outro, apesar das aparências democráticas, pouco autoritárias ... Temos que encarar esta acusação e nos perguntar se é que existe, ou não, um processo psicológico pelo qual o analista, com sua visão de vida... induz mudanças no outro”. (Carotenuto apud Sannino, 1982, p.54)*

Cabe também uma referência aqui sobre o alcance social deste trabalho, na medida em que mais profissionais poderão entrar em contato com este conhecimento e realizar trabalhos nos mais diversos locais, desde os centros de atendimentos públicos, escolas, creches, hospitais a empresas de pequeno e grande porte, já que nosso objetivo é levar esses profissionais a uma maior compreensão do método elaborado por Sándor. Atingido os objetivos, os trabalhos de aplicação do método podem se tornar mais efetivos.

## **1.2. Objetivos**

A partir da justificativa desta pesquisa, podemos definir os objetivos da mesma, como sendo:

- a) reconstruir e investigar a biografia de Sándor e as principais influências sobre seu pensamento na construção do método de trabalho corporal;
- b) organizar e transmitir esse conhecimento, para que seja possível o acesso das pessoas interessadas por esse tema, tanto para conhecê-lo, como também para ampliá-lo, dando continuidade à proposta iniciada por Sándor, que era deixá-lo em aberto.

O método de trabalho corporal construído por Sándor foi idealizado com o objetivo de colocar o paciente em contato consigo mesmo sem a interferência egóica do terapeuta. Isso é possível através do toque, quando a palavra não se faz presente, quando o diálogo é realizado através do corpo e para o corpo.

Sobre a palavra, Delmanto (1997) aponta a citação de um autor desconhecido:

*“Existem quatro coisas na vida que não se recuperam: a pedra depois de atirada, a palavra depois de proferida, a ocasião depois de perdida, o tempo depois de passado “. (p.36)*

E relembra Sándor que citava os Vedas ao se referir à importância do silêncio: *“É importante aprender a escutar a Voz do Silêncio”* (p.29) e mencionava também um aforismo vindo do Monastério de Huelgas:

*“San Juan de La Cruz nos ensina que o silêncio tem sua própria música: é o silêncio que nos permite ver a nós mesmos e as coisas que nos cercam”. (p.29)*

Portanto, há de se ficar atento à eloquência corporal e ao seu silêncio que é pleno de signos não-lingüísticos. E é através desse silêncio e desses signos, que tanto paciente como terapeuta podem entrar em contato consigo mesmos e com a possibilidade de descobertas que a energia corporal traz. O risco de se cometer um engano quando se trabalha com o corpo, em silêncio, é menor do que quando se utiliza da fala e do poder que esta pode conferir à relação terapeuta-paciente.

Cabe também registrar que, num processo terapêutico, em que o trabalho corporal é utilizado como ferramenta, o tempo despendido pode ser menor do que aquele gasto numa terapia verbal convencional.

Sannino (1961) cita Bousigen, que postula:

*“As terapias de relaxação permitem com facilidade obter transformações rápidas e sensíveis da situação emocional e psíquica, por uma ação direta sobre as funções neurovegetativas e viscerais... Os métodos de relaxação podem ser empregados pelo mesmo terapeuta combinados com uma psicoterapia de inspiração analítica” (p.135).*

E Sándor (1982) reafirma Bousigen, dizendo:

*“Igualmente quase todas as escolas analíticas ou psicoterapêuticas, experimentam os diferentes métodos de relaxação para conseguirem em tempo mais curto, que o paciente se reestrutur, pela nova coordenação dos seus valores existenciais, pela introspecção, vivência e ação”. (p. 9)*

Isso posto, fica definida a importância e a necessidade de cada vez mais tornar pública a relevância do método de trabalho corporal elaborado por Sándor, para que mais profissionais possam entrar em contato com ele e aplicá-lo de maneira adequada.

O presente estudo visa também a relatar parte da história dos métodos e técnicas de trabalho corporal existentes, considerando-se que Sándor é um autor de grande relevância para a psicologia, não só do Brasil, mas também para a internacional, podendo ser equiparado aos grandes nomes por nós conhecidos.

### 1.3. Procedimento

Para a realização desta pesquisa foram utilizados dois instrumentos: questionários e entrevistas com profissionais que pertenceram ao grupo de ex-alunos e tiveram uma convivência mais próxima com o autor em questão.

O primeiro questionário<sup>4</sup> versou sobre as prováveis influências que Sándor pode ter sofrido, tanto pela psicologia junguiana, como por outras áreas do conhecimento ou outros autores e que o levaram a elaborar o método de trabalho corporal. Referiu-se, também, às áreas do conhecimento que o interessavam, além da psicologia e da medicina.

A partir das respostas obtidas nesta primeira investigação, formulou-se um segundo questionário, que buscou investigar mais sua biografia, com perguntas que se referiram a outros interesses seus e à sua maneira de conduzir as aulas e os grupos de estudo.

As pessoas escolhidas para responder a esse questionário foram contatadas e realizaram esta tarefa via *internet*.

Esse recurso foi utilizado em virtude do grupo ser composto de profissionais da área da saúde e/ou educação e não dispor tempo para que se pudesse organiza-lo em sessões de entrevistas pessoais.

Com o advento da *Internet* pode-se afirmar que há uma economia significativa de tempo, tanto no envio como no recebimento do material em questão; o sigilo é mantido, na medida em que cada pessoa possui um endereço eletrônico próprio, com senha secreta. Assim, os profissionais foram contatados e aqueles que se dispuseram, responderam aos questionários enviados.

Foram contatados dezessete profissionais quando do primeiro envio do questionário, dos quais somente dez responderam às questões propostas, sendo que três responderam ao *e-mail*, porém, sem mostrar interesse em participar da pesquisa e, quatro não responderam ao *e-mail*.

---

<sup>4</sup> Em texto anexo, no final do trabalho.

Depois de analisadas as respostas deste primeiro questionário, foi elaborado o segundo e enviado a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, responderam ao primeiro *e-mail*. Desta vez foram, então, enviados catorze questionários e somente três pessoas enviaram as respostas.

Depois de aplicados os questionários e averiguadas suas respostas, sentimos necessidade de colher informações mais detalhadas, o que fizemos mediante a realização de entrevistas, com cinco pessoas que pertencem à família de Sándor e que mantiveram com ele uma relação de extrema proximidade. São todos psicólogos e estão atuando na área clínica. Das cinco entrevistas realizadas pessoalmente, somente uma não foi utilizada como material de estudo para esta pesquisa, pela não anuência do entrevistado.

As entrevistas foram abertas, não seguindo um roteiro específico, para que dessa forma os entrevistados pudessem fazer um relato mais espontâneo. Entretanto, o tema gerador desses encontros tratou das mesmas questões do questionário. Em um segundo momento enfocamos mais diretamente a história de vida de Sándor.

A análise realizada teve como dados coletados as respostas aos questionários e as entrevistas. Seguiram uma proposta qualitativa, através da seleção e organização dos trechos mais representativos.

Desta forma, extraímos fragmentos dos dados coletados que traziam em si significados que foram empregados na construção deste trabalho. Estes significados se referem a informações sobre a vida e obra de Sándor e da maneira como ele pode ter elaborado o método de trabalho corporal.

Assim, ao longo desta dissertação, utilizamos transcrições literais destes textos, com o objetivo de ilustrar alguns aspectos da vida e obra de Sándor que colhemos de pessoas que fizeram parte de sua vida. Cabe, ainda, salientar que as transcrições das entrevistas respeitam fielmente a fala dos entrevistados, visto que consideramos os dados da

gravação realizada, a despeito das interferências lingüísticas presentes nos depoimentos dos estrangeiros, como publicação.

A linguagem utilizada para a escrita deste trabalho é coloquial, sem muito recurso a termos técnicos, pois um de nossos propósitos é de estender esta fonte de leitura não só para psicólogos, mas também para profissionais de outras áreas e até para leigos que se interessem pelo tema.

## II- A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO

*“Que ninguém, sendo jovem, tarde a filosofar, nem velho se canse da filosofia. Pois pra ninguém é demasiado cedo nem demasiado tarde para assegurar a saúde da alma”*

(Epicuro 341-270 a .C.)

Neste capítulo, estaremos percorrendo um caminho que se inicia na mitologia, passando pelo nascimento e desenvolvimento da ciência, germinado na filosofia, até chegarmos às expressões da psicologia e do trabalho corporal.

Assim, observando o caminho que o saber percorreu ao longo da história, poderemos contextualizar Sándor e o método de trabalho corporal por ele construído.

### 2.1. Os deuses em busca da cura

Há mais tempo do que se possa imaginar, os homens já estavam preocupados com a busca da cura para seus males. Muito antes do mundo ser mundo, já havia a preocupação com a busca do bem estar da alma e do corpo. Os ‘gregos’ antes dos gregos já se interessavam pela saúde da alma e do corpo. O bem estar, como parte integrante da possibilidade de uma vida feliz, harmônica e completa é alvo do homem, desde que o mundo ainda vivia seus primórdios.

Conta o mito que Cronos<sup>5</sup> estava na Tessália procurando seu filho Zeus<sup>6</sup> quando vê Filira<sup>7</sup> pela primeira vez. Deseja-a. Ela, entretanto,

---

<sup>5</sup> Filho do Céu e da Terra, é o mais jovem dos Titãs. A pedido da Terra, mutilou seu pai e ocupou seu lugar no trono do universo.

<sup>6</sup> A maior divindade do Olimpo.

<sup>7</sup> Filha do Oceano, também filho do Céu e da Terra, o mais velho dos Titãs.

não tem o mesmo sentimento por Cronos e, para escapar de sua perseguição, metamorfoseia-se em égua. Cronos, ao perceber esta artimanha, transforma-se em cavalo e consegue unir-se a Filira. Assim é gerado e nasce Quíron<sup>8</sup>, o Centauro que tem corpo e pernas de cavalo e dorso e braços de homem. Filira, ao ver o filho fica transtornada e roga aos deuses que a transformem em qualquer outro ser da natureza. Os deuses ouvem sua prece e a transformam em árvore de tília<sup>9</sup>. Quíron fica assim, órfão, abandonado e é encontrado por Apolo, o deus Sol, que o adota e, como seu mentor, transmite-lhe muito ensinamento. É esse pai adotivo a principal influência masculina no desenvolvimento de Quíron.

Apolo era o deus Sol, deus da música, da profecia, da poesia e da medicina. Era um modelo de juventude, beleza, sabedoria e justiça. Nunca fora um deus vingativo e redimia os homens de suas culpas e transgressões. Fornecia ainda proteção divina contra os animais selvagens e as doenças, mesmo sendo o deus da caça e, como deus, ter o poder de lançar pragas.

Quíron sobrevive, mas permanece eternamente ferido pois foi humilhado e rejeitado. Para encontrar equilíbrio com seu lado instintivo, animal, torna-se o mediador dos ideais apolíneos de harmonia, cultura, ordem e criatividade. Torna-se sábio, profeta, médico, professor e músico. Ensina centauros rebeldes, príncipes e heróis, entre estes Jasão, Aquiles, Hércules e Asclépio, que foi imortalizado devido a seus notáveis poderes de cura.

Quíron ensinava de tudo: a montar a cavalo, a atirar com arco, a caçar, as artimanhas da guerra, as artes da medicina, ética, música, rituais religiosos e os princípios das ciências naturais. Tudo o que era ensinado destinava-se à sobrevivência de seus discípulos.

---

<sup>8</sup> O nome Quíron provém da palavra grega *cheir* que significa mão.

<sup>9</sup> Tília é uma árvore que produz uma flor que faz com que os heróis adormeçam num encantamento, isto é, tomem-se inconscientes.

Quíron começou a mapear a esfera celeste. Atribui-se a ele a descoberta de várias constelações, assim como a invenção da flauta e da lança. Também a ele se atribui o pioneirismo no uso medicinal das plantas, pois existem muitas narrativas das quais constam suas curas e profecias.

Certa vez, os Centauros faziam uma festa em homenagem a Hércules, mas durante esse evento começaram a brigar entre si. Hércules, para acalmá-los, começou a atirar flechas. Os Centauros fugiram em todas as direções. Entretanto, uma dessas flechas feriu Quíron na coxa. Esse ferimento incurável, fê-lo sofrer pelo resto da vida, pois a flecha que o atingiu estava envenenada com o sangue da Hidra, monstro contra o qual Hércules havia recentemente lutado num de seus famosos trabalhos. Hércules fica desolado, pois havia sido um dos discípulos de Quíron, e por ele tinha muito respeito, o que torna ainda mais pungente esse acontecimento.

Quíron sofreu incessantemente: era imortal, e, apesar da sua sabedoria e proficiência não podia curar a si mesmo. Ironicamente, sua capacidade de curar e ajudar aos outros aumentava, à medida em que buscava incansavelmente o alívio para sua dor.

Mas a liberdade para esse tormento chega, de maneira curiosa: Quíron troca de destino com Prometeu, que fora acorrentado no alto de um rochedo, como castigo por ter enganado Zeus e ter roubado o fogo, elemento que faltava para que os seres de barro que havia criado, se constituíssem em uma civilização. Todos os dias, um grifo, ave grande como a águia, vinha bicar-lhe o fígado imortal. A cada noite, a parte devorada era reconstituída, o que levava Prometeu a uma eterna tortura.

Zeus decretou que Prometeu só encontraria o final de seu sofrimento quando um imortal concordasse em ir para o Tártaro<sup>10</sup> em seu lugar renunciando, portanto, à imortalidade. Outra condição era a de que

---

<sup>10</sup> Primitivamente, região do mundo localizada abaixo dos Infernos. Aos poucos, entretanto, passou a ser considerado um lugar especial dos Infernos, onde eram supliciados os grandes criminosos.

Prometeu, depois de libertado, passasse a usar um coroa de folhas de salgueiro e um anel.

Por interseção de Hércules, junto a Zeus, que o Centauro imortal consegue se libertar-se de seu sofrimento: toma o lugar de Prometeu e pode finalmente morrer.

Zeus, compadecido, imortaliza-o depois de nove dias, na forma da constelação de Centauro. Hércules, após solicitar permissão de Apolo, traspassou o coração do grifo.

Quíron e Prometeu fecham o círculo: o primeiro encontra a tão procurada cura para o seu mal e o segundo readquire a sua liberdade. Nesta troca, ambos são libertados de seu eterno sofrimento.

Porque aludir aqui o Mito de Quíron, o Curador Ferido? Somos todos, profissionais humanistas, curadores feridos, porque todos nós temos uma ferida, grande ou pequena que buscamos curar. Entrementes, é a intimidade com a dor que nos leva a buscar alívio para ela e a desenvolver formas de curar. E aquele que se torna um curador porque teve oportunidade de entrar em contato com o sofrimento, o faz com maior motivação do que aquele que não teve esse contato.

Quíron já inicia sua vida com uma grande ferida, pois os genitores se encontravam transmutados em animais, trapaceando um com o outro, enganando-se mutuamente. Depois, sua mãe o rejeitou, rejeitando inclusive seu próprio instinto, o materno, o de vida, preferindo ser aprisionada eternamente em uma árvore. Não existe fonte nenhuma que nos mostre um encontro entre Quíron e Cronos, seu pai, o que se pode presumir que nunca se conheceram. Assim, Quíron se depara com a humilhação de ter sido rejeitado e, por conseguinte, perdeu a possibilidade de receber e viver o que é instintivo no outro (seus pais).

Vive o instinto em si, concretamente, pois é um Centauro, ser composto por metade homem, e metade animal, cavalo, ser da Natureza. Contém em si os opostos, logos-instinto, podendo, portanto, ser adotado e cuidado por Apolo, deus com uma grande incapacidade de se relacionar e se expressar amorosamente, mas com muita capacidade no que diz

respeito à ordem e à razão. Apolo e Quíron estão em pólos opostos, uma vez que instinto e razão se opõem fortemente, mas Quíron pode viver esses opostos e integrá-los. Pode conviver e integrar a razão controladora e os instintos que são sábios, ordenados e podem nos orientar.

Quíron se desenvolve, integra-se e se torna mestre de muitos discípulos, entre eles Hércules, que em determinada ocasião o fere gravemente justamente com a espada que utilizou para enfrentar e derrotar a Hidra. A Hidra, personagem de uma das doze tarefas que Hércules deveria realizar, possuía muitas cabeças e cada vez que Hércules lhe cortava uma das cabeças, surgiam mais nove, afirmando a imagem *“do animal arraigado e enleado em que se transformam nossos próprios instintos quando são ignorados e reprimidos ou tratados agressivamente e confrontados”*.(Reinhart, 1995, p. 43)

Quando Hércules vence o monstro, decepando sua cabeça, ajoelha-se diante dela e eleva sua cabeça, mostrando-nos que *“ qualquer tentativa no sentido de eliminar ou erradicar nossos próprios instintos tem por efeito multiplicá-los; estes passam então a nos dominar e procuram vingar-se”*. (Reinhart, 1995, p.43)

Novamente Quíron se vê frente a frente com princípios opostos: o mestre é ferido pelo discípulo. Começa a fortalecer-se a imagem arquetípica do curador ferido.

Tal como Quíron, muitas das coisas de que necessitamos para o nosso desenvolvimento e atuam como feridas incuráveis, são comuns a outras pessoas. A nossa luta pela cura de cada uma destas feridas está na busca contínua que empreendemos ao auxiliar os outros, trazendo-os até o grau de desenvolvimento em que nos encontramos. Por outro lado, o medicamento de que cada um necessita é próprio e individual. O que nos habilita, pois, a sermos curadores, é a experiência que possuímos de viver a vida e, quiçá, entrando em contato com diversas formas de sofrimento, seja através da observação da dor de outrem seja através do contato íntimo com a consternação, podermos encontrar formas de acolher e ajudar àqueles que necessitam.

Essa condição de curador ferido em busca do medicamento, das soluções, da cura para si mesmo, está relacionada a profissões nas quais a conscientização, a transformação, o desenvolvimento são as tarefas maiores, e objetivos centrais. E como afirma Reinhart (1995), “o mito de Quíron vem reforçar a necessidade de aceitar nossa ferida como pré-requisito para qualquer cura que possa advir; mostra também de que maneira a sabedoria da psique pode nos trazer a cura por caminhos que temos dificuldade em reconhecer” (p.46), ou seja, o caminho mais instintivo, através do qual a sabedoria instintiva nos reorienta e conduz.

Hércules é o mediador entre Quíron e Zeus. Mais uma vez, o curador ferido não é o facilitador para o alívio de seu próprio sofrimento.

Segundo Reinhart, o desfecho desse mito nos mostra a necessidade que há da interiorização do homem: “em última análise, é aquilo que dentro de nós nos fere que necessita arrepender-se e vir em nosso auxílio, pois, de outro modo, permaneceremos vítimas de nosso próprio destino e esquecidos de nossa própria capacidade destrutiva”.(p.46)

Quíron e Prometeu readquirem sua liberdade e encontram a tão procurada cura. Quando trocam de lugar, são libertados do sofrimento eterno. Quíron, ao morrer, vai ao encontro do aconchego da mãe-terra, e depois é transformado em constelação, alcançando assim a imortalidade suprema daqueles que conseguem chegar ao equilíbrio e à maturidade que existe dentro de si mesmo.

O mito de Quíron é contado aqui, como uma alegoria, na tentativa de mostrar ao leitor como todos aqueles pesquisadores, estudiosos ou até leigos, que idealizaram ou elaboraram teorias ou práticas de cura ou ajuda, são os nossos *Quirons* reais, são os curadores feridos em busca de lenitivo para si, convertido em ajuda para a humanidade.

## **2.2. Os homens em busca do saber**

Supõe-se que os antigos filósofos e pensadores buscavam, além de outras coisas, descobrir quem somos, de onde viemos, de que somos constituídos e a partir daí descobrir como adoecemos e como podemos nos curar.

Há um grande obstáculo impossibilitando o estudo de determinadas áreas da ciência, na medida em que existe a inviabilidade da pesquisa ser realizada diretamente na fonte. Esta é, então, realizada por meio dos vestígios que ficaram da história das atividades e do comportamento dos seres humanos através dos tempos. A arqueologia é um dos instrumentos de grande valor para essa pesquisa, na medida em que nos revela como viveram nossos antepassados, através do estudo de objetos, instrumentos, monumentos e ossadas, encontrados em locais por onde o homem passou e viveu.

O corpo humano como objeto de estudo é fonte de interesse desde os primeiros pensadores, concreta ou subjetivamente.

Sem nos aprofundarmos nos dados históricos, é interessante pontuar alguns pensadores e pesquisadores que, desde o início da história do homem, buscaram compreender e decifrar esta incógnita. Esse grande mistério é o que nos impulsiona a continuar a pesquisar, pensar e repensar o ser vivo e, especialmente, o ser humano. Faz parte desta pesquisa contar um pouco da nossa história.

Segundo Sousa Dias (1985), professor da Universidade de Lisboa e pesquisador da história da farmácia desde o período neolítico até os dias de hoje, em uma de suas publicações eletrônicas para a disciplina de História da Farmácia na Faculdade de Farmácia da universidade portuguesa, propõe que as pesquisas nos levam ao conhecimento de que, ainda na Idade da Pedra, a bem dizer no Período Neolítico, (que se inicia no ano 5.000 a.C.), o homem já lidava com a arte da Medicina e da Psicologia, quando se utilizava de um conjunto de crenças e rituais aliados ao uso de plantas medicinais.

Kramer (1967), americano especialista em culturas da Mesopotâmia, quando citado por Penna (1993) confirmando algumas colocações de Sousa Dias, postula que ali foi o berço das civilizações e que a vida dos seus habitantes era ritmada pelas marés dos rios Tigre e Eufrates. Baseados nesse ritmo, realizavam o plantio e a colheita de seus alimentos, trabalho que era acompanhado por festas populares e rituais de acasalamento entre os pares. Era assim que homens e mulheres esperavam pela generosidade de sua deusa, fecundando as mulheres (que eram consideradas deusas), já que eram fecundas como a terra. Por isso, as mulheres eram preparadas, como a terra, para que fecundas, pudessem gerar e procriar. Aquelas mulheres jovens e ligadas aos ciclos da natureza eram cuidadas e preparadas para o parto através de rituais de danças que eram oferecidas à deusa.

Sousa Dias postula que é da Mesopotâmia que aparecem as mais antigas fontes em escrita cuneiforme sobre Medicina e Farmácia. São tábuas de argila, gravadas com estilete em forma de receitas médicas. Tantas outras receitas médicas se seguem a essa a partir dessa data.

Além das mulheres da Mesopotâmia, também as mulheres egípcias e indianas cantavam, rezavam e dançavam, num ritual de fertilidade único, a serviço de suas divindades.

Esses rituais, que datam seis mil anos, levavam o corpo feminino a um preparo físico e psicológico ideal para a realização de um bom desempenho sexual, uma boa gestação e, conseqüentemente, uma maternagem adequada.

Para a cultura assíria-babilônica, todos os conhecimentos terapêuticos e a saúde e a doença estavam em conexão com a vontade dos deuses e com os fenômenos terrestres e cósmicos. Para predizer o futuro, especialmente no que diz respeito à saúde, baseavam-se no estudo dos movimentos dos corpos celestes.

Para eles, a doença, a saúde e a cura estavam estritamente ligadas a uma relação complexa entre deuses, demônios e gênios do bem

e do mal. Acreditavam que cada indivíduo tinha seu gênio pessoal que o protegia dos deuses e demônios que traziam os males; esse gênio também tinha como tarefa interceder perante os deuses que tinham o poder tanto de curar quanto de trazer doenças. Dessa forma, a doença era compreendida de três formas: ou como um castigo divino originado por uma falta cometida, ou pelo abandono do gênio protetor ou ainda pela influência dos demônios.

Em virtude dessa concepção, o médico iniciava sua consulta por uma confissão do enfermo e tinha como meta purificar o doente utilizando-se de um medicamento de conteúdo mágico, através do qual provocava no indivíduo uma catarse.

Também na medicina egípcia esses conceitos são encontrados, porém, de maneira mais atenuada e com algumas variações. De qualquer forma influenciaram os estudiosos eruditos e os leigos, de forma que adentraram a Idade Média no mundo cristão, chegando até os nossos dias nas mais variadas formas.

Alguns aspectos da mitologia greco-romana, da mitologia da Mesopotâmia e da egípcia se relacionam no que diz respeito à saúde e à cura.

Tamm (1992), por exemplo, conta a lenda de Gilgamesh, herói baseado em um rei sumério do terceiro milênio, que deu origem à serpente como símbolo tanto da medicina, como da farmácia. Em um episódio das muitas aventuras de Gilgamesh, a lenda da Babilônia conta que ele mergulha até ao fundo dos mares para colher a planta da eterna juventude. Ao regressar, num momento de distração, uma serpente rouba-lhe a planta e, ao engoli-la, rejuvenesce mudando sua pele.

Retomando a pesquisa de Sousa Dias (op.cit.), para os gregos, esse símbolo – da serpente enrolada em um bastão – vem de Asclépio, discípulo de Quíron, considerado o deus da medicina, que tem em sua origem latina o nome de Esculápio. Depois de Asclépio, templos, onde os sacerdotes oravam e realizavam curas, foram erigidos em sua honra. .

O corpo era considerado, para esses primeiros moradores da terra, sagrado: era respeitado e cultuado como propriedade dos deuses, que se incumbia de proteger ou castigar, curar ou adoecer. O corpo era regido pela natureza de maneira que seguia os ciclos naturais do desenvolvimento e das estações do ano. O corpo era verdadeiramente componente da natureza e com ela realizava uma parceria de equilíbrio e harmonia.

Enquanto isso, no continente asiático, mais especificamente na China, o corpo também era cuidado. É verdade, que de uma forma bastante diferente, sem trazer a conotação sagrada, mas certamente o cuidado e o apreço tinham a mesma correlação e medida daquela praticada nos outros países mencionados.

Apesar da total falta de dados arqueológicos, Sussmann (1980) médico e pesquisador da cultura chinesa e japonesa, afirma em seu livro sobre medicina chinesa, que a *acupuntura*<sup>11</sup> teve sua origem na China há cinco mil anos. O *Nei Ching*, livro tradicional para médicos acupunturistas chineses, está escrito em forma de diálogos entre o Imperador Amarelo Huang-Ti e o médico da corte Ch'i Pai, apresentando um tratado de semiologia na primeira parte e o tratamento com agulhas e *moxas*<sup>12</sup> na segunda. Neste livro está contido toda a ciência do diagnóstico e tratamento por meio da *acupuntura* e das *moxas*.

Já naquela época o governo, no caso o Imperador Amarelo, já se preocupava com a saúde de seu povo, orientando e possibilitando o tratamento e a cura através da acupuntura. A esse imperador é atribuída a invenção dos tecidos, das telas, do registro escrito da maneira de atrelar o boi e o cavalo; da navegação fluvial, da cultura do bicho da seda e do

---

<sup>11</sup> Método terapêutico usado desde milênios, pelos chineses e japoneses, que consiste na introdução de agulhas muito finas em pontos cutâneos precisos, para tratamento de certas perturbações funcionais ou para aliviar dores.

<sup>12</sup> Em japonês, denomina-se *mogusa*, substância de origem vegetal que se utiliza para provocar o estímulo calórico dos pontos chineses. A combustão da moxa ou *moxibustão* é empregada como complemento da acupuntura.

censo. Este imperador construiu casas, palácios e templos, dividiu o país em províncias e distritos, fundiu as primeiras moedas.

Depois de Huang-Ti, governou Fu-Hi, imperador conhecedor dos alimentos e dos oito trigamas, o *Pa Kua*, que deu orientem ao I-Ching, oráculo chinês, até hoje muito utilizado também na Cultura Ocidental.

O sucessor de Fu-Hi foi Shen-Nong, conhecido como o Deus do Fogo, pois foi ele quem incendiou bosques, tornando-os campos aráveis para que a população pudesse aprender a plantar, colher e comercializar seus alimentos. Este imperador foi considerado o deus da medicina por ter sido o primeiro a reconhecer o valor curativo das plantas, sendo que organizou a primeira compilação de matéria médica.

Ainda segundo Sussmann, os três imperadores considerados lendários teriam vivido no período Neolítico chinês, trinta séculos antes da Era Cristã.

Tantas outras dinastias chinesas precederam os três imperadores lendários e estiveram sempre atentos à saúde de seu povo, sem se distanciarem da medicina que seguia a orientação dos pontos dos meridianos de cada órgão. Cabe salientar que na antiga medicina chinesa o nome de cada órgão não determina somente sua anatomia e funcionalidade, mas também inclui suas manifestações energéticas e psicossomáticas.

Utilizando a acupuntura, os chineses tinham por objetivo espetar as agulhas em pontos especiais sob os quais passam os meridianos de determinados órgãos buscando dirigir a energia vital. Essa energia circula pelo corpo todo através desses meridianos que percorrem o corpo do indivíduo pela superfície, fazendo seu caminho pelos membros superiores e inferiores, tronco e cabeça. Os princípios da acupuntura postulam que a energia vital apresenta-se em dois aspectos: *Yin* e *Yang*, sendo o primeiro considerado o pólo negativo e o segundo o pólo positivo. O primeiro é considerado como a matéria e o segundo como a energia, ou seja, o repouso e a atividade. Se ocorrer o desequilíbrio desses dois aspectos, ocorre a enfermidade. Portanto, para se

restabelecer a saúde, é necessário buscar o equilíbrio energético que foi desequilibrado. Realizado o diagnóstico, o tratamento era realizado e o equilíbrio da energia vital era restabelecido e a harmonia corporal reconquistada.

Sussmann parece deixar claro que a cultura chinesa era, por assim dizer, parte de uma civilização mais avançada e desenvolvida. Mostra um desenvolvimento em todos os setores, de forma rápida e objetivada no homem como interesse primordial. O corpo é respeitado e tratado dentro de parâmetros bastante científicos para a época, apesar de corpo e ciência estarem bastante ligados às crenças, às magias e aos deuses.

Está descrito neste capítulo parte da história da medicina e da preocupação com o corpo no oriente. A seguir, contaremos mais alguns aspectos dessa história, envolvendo desta feita a filosofia, a medicina e a farmácia, matérias que trouxeram dentro de si, a psicologia e o trabalho com o corpo.

### **2.3. A História da História: uma conquista**

Inicia-se aqui uma viagem ao passado, na tentativa de entrar em contato com o pensamento psicológico e a visão de corpo no decorrer dos tempos, sem maiores aprofundamentos, mas com a intenção de relembrar ou situar o leitor no tempo e na história de nossa história.

A importância de discorrer aqui sobre a história dos grandes pensadores, sejam eles filósofos ou médicos, justifica-se pela importância dessas matérias na fundação da psicologia. Fica também implícito que em todo o caminho a psicologia esteve sempre presente, de diferentes maneiras e com diferentes parâmetros, assim como também o interesse pelo corpo.

Muitos dos filósofos da antigüidade estavam interessados no estudo e na pesquisa de todas as coisas, para encontrar uma explicação da constituição da natureza que, para eles, era um mistério a ser

decifrado. Gestavam a psicologia, ou seja, ensaiavam uma maneira de se pensar cientificamente o homem, seu corpo e sua alma.

Entre tantos podem-se destacar:

Thales de Mileto (624-546 a .C.). Foi, reconhecidamente, o primeiro filósofo de todos os tempos, e recebeu por isso título de sábio. Considerava a água como a substância básica de todas as coisas do universo. Para ele,

*“a alma é algo que causa movimento (...) Aquilo que em si mesmo não é movimento, não pode movimentar nada; logo a alma é, pela sua própria natureza, movimento”.* (Rosenfeld, 1984, p.13)

Demócrito, que deve ter vivido por volta de 400 a .C., postulava que todas as coisas eram compostas por átomos materiais indivisíveis e unitários, que se movimentavam constantemente. Acreditava que a alma movimentava o corpo, também constituído por átomos. Demócrito pensou o comportamento do homem, levantando questões pertinentes ao determinismo e ao livre arbítrio.

Heráclito (540-475 a .C.) postulava que todas as coisas do universo eram constituídas pelo elemento fogo, já que nada era permanente ou fixo. Para ele, o fogo era o elemento básico para levar a natureza a mudanças. Segundo Wertheimer (1972), “...esta concepção tem uma qualidade peculiarmente moderna, especialmente se traduzirmos fogo por ‘energia”(p.19). Foi Heráclito quem elaborou a primeira teoria dos quatro elementos, terra, fogo, água e ar, afirmando que o universo era constituído por eles. E, pesquisando os sentidos, postulou que o contrário percebe o contrário.

Anaximandro (610-546 a . C.) discordava de Thales, sugerindo a idéia de algo infinito, algo que ia além do universo físico, mas que era a origem de tudo. Segundo Rosenfeld (1984) foi Anaximandro que sugeriu que a alma ou psique eram o princípio da vida.

Pitágoras (571-496 a .C.) fundamentou suas idéias pela matemática e elaborou uma teoria sobre a harmonia do universo calcado na relação entre a matemática e a música. É dele o teorema dos triângulos retângulos.

Esses pensadores são chamados de filósofos da natureza e sua preocupação primeira estava com o que era externo ao corpo e, especialmente, com o que estava longe do corpo. De certa forma, o cosmos já os maravilhava a ponto de voltarem sua atenção para os astros. Parece que o que se podia tocar, o que era visível e estava ao alcance das mãos não consistia em objeto de estudo, mas sim o que estava longe, apenas ao alcance dos olhos.

A partir desses filósofos, a história começa a fazer um caminho mais amplo, com questões não só baseadas na natureza e sua composição, mas também no homem e seu corpo, postulando a existência da alma, realizando especulações metafísicas e iniciando observações quase científicas.

Alcméon (535 a. C.), era médico e alicerçou-se nas idéias de Pitágoras sobre o equilíbrio baseado em proporções numéricas definidas. Foi o primeiro pensador a caracterizar a saúde como sendo o equilíbrio de qualidades opostas (quente-frio, úmido-frio, doce-amargo, etc.) e a doença como o predomínio de uma delas. Segundo Rosenfeld ele foi *“por muitos considerado como o primeiro psicólogo”*, postulando que *“a alma faz parte integral do corpo.”*(p.12)

Empédocles (492-432 a. C.) ocupou-se do estudo dos quatro elementos: terra, fogo, água e ar, como componentes de todas as coisas. Considerou a doença como causa do desequilíbrio de um desses elementos que constituem o corpo humano. Foi ele que desenvolveu uma espécie de fisiologia dos sentidos, a faculdade da sensação como pertencente a alma. Diferentemente de Alcméon, compreende que o igual percebe o igual.

Nesse período, a noção da composição do corpo ainda é primitiva, assim como da doença. É o estudo dos quatro elementos –

terra, fogo, água e ar – que dá início ao caminho para a compreensão do corpo físico do homem, e também, de suas camadas mais sutis.

Hipócrates (460-370 a .C.) nasceu na ilha grega de Kos e foi aluno de uma dessas escolas, na qual se desenvolveu a idéia da patologia geral, noção contrária à de que as doenças se instalavam em um único órgão. Essa escola também defendia que os processos que iniciam a doença eram como uma reação da natureza a um desequilíbrio humoral, isto é, um desequilíbrio dos líquidos do corpo. Vejamos como Sousa Dias (op.cit.), se refere à teoria hipocrática dos humores:

*“... a vida era mantida pelo equilíbrio entre quatro humores: **Sangue, Fleuma, BÍlis amarela e BÍlis negra**, procedentes, respectivamente, do coração, cérebro, fígado e baço. Cada um desses humores teria diferentes qualidades: o sangue era quente e húmido, a fleuma era fria e húmida, a bílis quente e seca e a bílis negra fria e seca. Segundo o predomínio natural de um destes humores na constituição dos indivíduos, teríamos os diferentes tipos fisiológicos: o sanguíneo, a fleumático, o bilioso ou colérico e o melancólico. A doença seria devida a um desequilíbrio entre os humores, tendo como causa principal as alterações devidas aos alimentos, os quais, ao serem assimilados pelo organismo, dava origem aos quatro humores. Entre os alimentos, Hipócrates incluía a água e o ar”.(cap.III, p.3)*

Hipócrates valorizava, então, a alimentação adequada e os exercícios corporais, utilizando como terapêutica as ventosas e a sangria. Considerava como secundária a terapêutica medicamentosa. É considerado o responsável por inaugurar a ética médica.

O corpo, para Hipócrates, era visto de uma forma bastante fisiológica, entretanto, já se inicia aí, uma sutil e eventual caracterização do estudo da personalidade dos indivíduos. Quando Hipócrates caracteriza cada pessoa através do postulado de sua teoria dos humores, dá início ao estudo do conteúdo emocional do ser humano. Hauschka

(1985) considera que é com Hipócrates que começa surgir a verdadeira essência da massagem e da ginástica, pois é nessa época que *“a alma queria se sentir bem no corpo, queria desenvolvê-lo ao máximo, mas não se perder nele nem renegar o espírito”*(p.17). Para ela, os princípios primordiais da massagem são compreendidos nesse momento da história, *“ pois os gregos sabiam que o melhor meio de agir sobre a integração harmoniosa de corpo e alma é através dos movimentos ativos e passivos”*(p.16). Esses movimentos possuíam um caráter universal, uma forma tanto pedagógica quanto terapêutica de se entrar em ressonância com o equilíbrio anímico-somático. Isso é posto na medida em que nesta época, o homem grego estabeleceu um harmonioso relacionamento entre os mundos somático e espiritual, o céu e a terra: os deuses desciam aos templos indo ao seu encontro. Este pensamento pode ser observado através das artes gregas, envolvidas por nobre simplicidade e grandeza.

Foi com Sócrates (469-399 a .C.) e com os sofistas (450-350 a C.) que a cultura grega chegou ao seu apogeu. Nessa época, o interesse cosmológico dos primeiros filósofos é substituído pelo interesse antropológico. Como sugere Rosenfeld (op.cit.), fica clara a preocupação com o estudo do homem, seu bem-estar social, político, envolvendo a ética e também a ordem psicológica e epistemológica pela competência da razão humana. Ainda seguindo o pensamento de Rosenfeld, parece que a consciência individual constituía a instância final, podendo assim concluir a inexistência de verdades objetivas, fixas, mas apenas opiniões subjetivas que estavam em constante transformação. Ele afirma que *“Repentinamente, toda a realidade está em dependência do sujeito que ocupa o centro do Ser. A alma já não é uma coisa entre outras, mas a função que determina todas as coisas e que se opõe nitidamente ao mundo-ambiente”*.(p.15)

Essas concepções são decorrentes de uma epistemologia sensacionista que os sofistas desenvolveram a partir de observações psicológicas. Eles foram os primeiros pensadores radicalmente empiristas, pois eram totalmente voltados para a experiência individual.

Para o mesmo Rosenfeld, Protágoras um dos sofistas, (480-410 a .C.), afirma que,

*“...dependendo como depende o conhecimento daquele que conhece, o homem necessariamente havia de ser a medida de todas as coisas. Pois que tudo se reduz a impressões subjetivas. O vento que a um pode parecer frio, a outro talvez pareça morno. Deste modo, afirmações contrárias referentes ao mesmo objeto podem ser, todas elas, igualmente verdadeiras”*.(p.15)

Sócrates não deixou nada escrito e pressupõe-se que seus discípulos tenham se excedido ao retratá-lo e aos seus ensinamentos. É com ele que surge a idéia de que está na alma a sede da consciência e do caráter, sendo esta “... a realidade interior que se manifesta através de palavras e ações, podendo ter conhecimento ou ignorância, bondade ou maldade (...) e que por isso, deveria ser o objeto principal da preocupação e dos cuidados do homem.” (Os Pensadores, Sócrates, p.30) Pensando desta forma, o homem estaria então entrando em contato íntimo com seu oráculo interior. Partindo do subjetivismo dos sofistas, procurou-se encontrar uma verdade que ia além do conceito individual. Através do emprego do método dialético da discussão, tinha-se por objetivo reunir várias opiniões comumente aceitas, sobre as quais todos haveriam de concordar se devidamente indagados. Sócrates se referia a conceitos morais e tentava, segundo Rosenfeld (op.cit.) “estabelecer uma base ético social para a verdade absoluta derivada da experiência interna.” (p.16) É daí que deriva o lema “*Conhece-te a ti mesmo*”(p.16)

Na opinião de Foucault (1985), é com Sócrates que a “*verdadeira cultura de si*” ganha força, adquirindo, entretanto, um alcance amplo. Conhecer e cuidar de si mesmo atingia a maneira e a atitude no comportar-se, impregnando formas de viver. Assim,

*“...desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas e eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e*

*ensinadas;(...) constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e mesmo a instituições.(...) proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber.”(p.50)*

Foucault afirma que foi lento o desenvolvimento da “*arte de viver sob o signo do cuidado de si*”(p.50), e esta arte de viver era consagrada a grupos sociais bem limitados, sendo estes portadores de uma cultura para os quais cuidar-se tinha sentido e realidade.

Sócrates foi acusado de não reconhecer os deuses do Estado, introduzindo novas divindades e corrompendo assim a juventude e por isso foi julgado e condenado a beber cicuta.

Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, ocupou-se em escrever diálogos que teria travado com o mestre. Tinha muito interesse em assuntos políticos e fundou uma academia em Atenas, escola onde ensinava filosofia, matemática e ginástica. O cuidado com o corpo era bem visto pois, naquela época a sociedade valorizava a beleza física e enaltecia os atletas. Como Sócrates, também subordina o pensamento psicológico a considerações de ordem metafísica, ética e política. Foi ele quem primeiramente definiu as idéias como sendo o que estabelece a realidade eterna do universo. Rosenfeld afirma que para Platão

*“A alma humana é constituída de três partes, assemelhando-se nisso à ‘alma universal’ de que é um reflexo: a razão (com os sentidos), localizada na cabeça; a ‘bravura’ (vontade, emoções mais elevadas), localizada no coração; e os apetites inferiores, localizados no ventre. A razão dirige e ordena, a vontade executa, freando os apetites.”(p.16)*

Essa interpretação da alma influenciou muitos pensadores e pesquisadores e de certa forma até hoje ainda influencia através do pensar, do querer e do sentir.

Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, porém mais sistemático, ficou conhecido como o mestre dos que sabem, e defendeu fervorosamente a teoria hipocrática dos humores. Suas idéias foram acolhidas e praticadas pelo Ocidente cristão até a Idade Moderna. Estudou o homem sob outro prisma da ciência: preocupou-se com o sentir e, provavelmente, foi um pesquisador técnico, na medida em que buscava a organização do que já havia sido estudado e pesquisado. Aristóteles foi o primeiro filósofo a pensar o homem psíquico. Para ele a alma é a essência do homem.

Parece que Aristóteles queria, com suas hipóteses, superar o dualismo platônico, dando à psique um caráter mais natural, seguindo a tradição dos fisicistas gregos. Sua psicologia, para Rosenfeld (1984), constitui a sinopse do pensamento grego. Embora contenha elementos científicos, está de certa forma subordinada “à *especulação racionalista e faz parte de um pensamento filosófico caracterizado por interesses metafísicos, epistemológicos e ético-políticos.*”(p.21)

O corpo, nessa fase da história, parece ser respeitado, na medida em que suas sensações o são. Apesar da preocupação parecer se encaminhar mais para o subjetivo e o introspectivo, o corpo está sempre sendo pontuado e envolvido, mesmo que isso seja realizado de maneira subjetiva para alguns e para poucos mais concretamente. Nesse momento, os pensadores já mesclam seu conhecimento que está, de certa forma, mais amplo e pode abranger diferentes áreas do saber e de interesse para poder explicar e compreender o mundo e seus habitantes.

Seguindo o rumo da história, é depois de Platão que se inicia um período considerado por Rosenfeld como de declínio científico, relacionado com processos sociais e políticos. Segundo ele, numa época de grandes perturbações nacionais, o que se impõe é o bem estar humano e a busca de novos ideais e padrões de conduta. Surge então um movimento denominado estóico, cujos membros “*se esforçam por apresentar sistemas práticos de ética, pelos quais o indivíduo pudesse*

*alcançar um estado de paz e independência mentais, libertando-se dos conflitos do mundo”*.(p.21)

Os estóicos eram panteístas, isto é, acreditavam que só Deus é real, a soma de tudo o que existe, e o mundo um conjunto de manifestações ou emanações. Eram também monistas, ou seja, o conjunto das manifestações e emanações poderia ser reduzido à unidade, ordenando-se. Postulavam que toda a realidade, é material; eram empiristas e afirmavam que o conhecimento tem por base a percepção dos fenômenos sensíveis. Para eles, a alma humana, ao nascer, é comparável a uma *tabula rasa* e seu conteúdo vai se estabelecendo a partir dos sentidos. Como os pensadores anteriores, sua psicologia tem como base física a doutrina dos espíritos, sendo uma em todas as manifestações e através da sua rarefação e densidade determina as diferenças de estados e de caráter.

Contrário aos estóicos estavam os epicuristas, que compunham o movimento fundado por Epicuro (341-270 a .C.) e que se fundamenta no prazer, chegando a conclusões anárquicas, pois para esses epicuristas o critério do bem e do mal estava calcado na emoção e o único bem absoluto era o prazer. O objetivo desses pensadores era chegar a um estado de felicidade tal que toda a vida ficasse impregnada por ele. O que se buscava era um estado de serenidade e tranqüilidade da alma, e para isso o homem não deveria entrar em contato com as emoções mais fortes.

Assim, como afirma Foucault (1985), para os epicuristas, parece que *“a filosofia deveria ser considerada como exercício permanente dos cuidados consigo”*.(p.51) Postulavam que o homem deveria zelar pelo seu corpo e sua alma, pois esse cuidado levaria à construção da trama da felicidade, pois ambos estariam *‘hum estado perfeito e no auge de seus desejos, do momento que sua alma está sem agitação e seu corpo sem sofrimento’*.(p.51) Os filósofos da época recomendavam que o zelo consigo mesmo estava reservado à todos,

durante toda a vida, sendo regra “...aperfeiçoar a própria alma com a ajuda da razão”.(p.51)

Nessa mesma época Pyrrho (360-270 a .C.) chega a conclusões semelhantes às dos estóicos e epicuristas e seu grupo é denominado de céticos.

Parece que com esses três últimos grupos de pensadores o corpo é colocado em primeiro plano. A busca do prazer, apesar de ser realizada por vias mentais e subjetivas, trazem para o corpo a experiência do cuidar e do sentir. Se o caminho para se conseguir conhecimento é através da percepção dos fenômenos sensíveis, como pregaram os estóicos, então não podemos perder de vista que é através dos órgãos do sentido - função corporal – que este fato se concretizará. Por mais subjetivo e mental que seja o prazer, pela via corporal ele há de passar. Parece-nos que estes filósofos – estóicos, epicuristas e céticos – alinhavaram suas teorias embasados na sua experiência mais concreta: o corpo, seu cuidado e o sentir.

Com a morte de Alexandre Magno em 323 a .C., a oposição reacionária ocupa o governo ateniense. A partir da destruição do império grego, a Grécia perde sua hegemonia política e intelectual e o maior centro do mundo passou a ser Alexandria, no Egito. Dessa forma, a cultura grega em fusão com a cultura oriental inicia a origem de uma nova civilização.

Um novo centro cultural helênico formou-se no intuito de preservar os escritos hipocráticos.

Neste tempo de transformação, na área da medicina, como conta Sousa Dias (op.cit.), surge Galeno (129-200) que nasceu em Pérgamo, colônia romana. Aí estudou e formou-se médico, indo depois para Roma onde consultava gladiadores. Foi nomeado médico do futuro imperador, filho do imperador Marco Aurélio.

Galeno fundamentou suas idéias com a teoria hipocrática e transformou a teoria da patologia humoral em uma teoria racional e sistemática, através da qual realizava a classificação dos medicamentos.

Essa classificação era realizada no sentido de se utilizar os medicamentos que possuísem características e propriedades que se opunham às da causa da patologia apresentada pelo paciente. Para Galeno, a medicação era indicada a cada paciente, observando-se, além de seus sintomas, também sua personalidade, sua idade, sua raça e o clima onde habitava. Atribuía aos medicamentos uma propriedade essencialmente qualitativa não se importando tanto com a quantidade do que seria utilizado.

Nessa época, a purgação e a sangria são procedimentos utilizados com o objetivo de interferir e influenciar na circulação humoral, considerando-se que é através da respiração que a alma aí mergulha e pulsa.

Galeno é um estudioso que nos chama muito a atenção pois não considerava só a doença, só o órgão doente, mas considerava o homem como um todo, observando suas características tanto físicas quanto psíquicas e emocionais. Parece que neste momento da história o homem e seu corpo tornam-se mais respeitados na medida em que são tratados como um todo que interage e se completa.

Galeno, segundo Foucault (op.cit.) era um médico que considerava que

*“...é da sua competência não somente curar os grandes desvios do espírito (a loucura amorosa, tradicionalmente, fazia parte do campo da medicina), mas cuidar das paixões (“energia desregulada, rebelde à razão”), e os erros (que “nascem de uma falsa opinião”); aliás “globalmente e num sentido geral” ambos “são chamados erros”(p.61)*

Este postulado de Galeno, faz parte da cultura de si, pois nesta época o cuidado médico ganhou força no que diz respeito à atenção com o corpo. Essa atenção, é diferente da valorização do vigor físico, numa

época em que a ginástica e o treinamento militar e esportivo faziam parte da formação do homem. Foucault ainda afirma que

*“... o ponto no qual se presta atenção nessas práticas de si é aquele em que os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar seus ma-estares: lá onde os maus hábitos da alma podem levar a misérias físicas enquanto que os excessos do corpo manifestam e sustentam as falhas da alma.”(p.62)*

As idéias de Galeno dominaram a medicina e a farmácia desde sua época até o século XVIII.

Parece que nesta fase da história o cuidado com o corpo e com a alma se entrelaçavam, de maneira que, convinha *“corrigir a alma se se quer que o corpo não prevaleça sobre ela, e retificar o corpo se se quer que a alma mantenha o completo domínio sobre si própria”*.(idem,ibidem). É a esse tema que a atenção era dirigida: aos males e sofrimentos que podem circular entre o corpo e a alma. Os homens estavam preocupados em se cuidar, preocupando-se com regimes, ficando atentos aos excessos, ao funcionamento do corpo, levando em consideração o clima a alimentação e o modo de vida, elementos que poderiam perturbar o corpo e, através dele, a alma. E é a partir desse ponto que há uma aproximação entre medicina e moral, pois os males físicos podem ser percebidos pelas reações do corpo, enquanto que os males da alma podem passar despercebidos. Os médicos da época queriam que os homens ficassem atentos a si mesmos, cuidando-se para que a doença não os atingisse , mas caso isso ocorresse que tal fato não fosse ignorado, mas que se procurasse ajuda, ou por si mesmo ou por alguém competente para tal. Essa era uma prática não só pessoal, mas também social.

Passando da cultura helênica para a cultura romana poucas diferenças são encontradas: o deus grego da medicina, Asclépio, em Roma recebe o nome de Esculápio e os muitos médicos influentes da

época são de origem grega. As doutrinas místicas do Oriente começam a invadir o mundo ocidental e novos caminhos para a fé são abertos.

A fusão entre a filosofia grega e a religião oriental, segundo Rosenfeld, dá origem a pensamentos teosóficos e gnósticos, edificando assim o sincretismo, que tem por característica o estabelecimento do conceito abstrato de Deus, excluindo o conhecimento racional da essência da vida e do mundo empírico; ocorre a adoção de forças intermediárias<sup>13</sup>, que pudessem canalizar a energia divina para o mundo empírico.

Plotino (203-269) é o pensador mais expressivo desta época, do chamado neoplatonismo, que muito influenciou o pensamento medieval posterior. Para ele, a alma representa o agente intermediário entre o pensamento e o sensível, sendo vista como uma substância imaterial, imperecível e independente do corpo. Considerou os sentidos como órgãos de transmissão, sendo que a percepção era a atividade da alma enquanto a sensação era a recepção de formas na matéria corporal que acompanha a alma. O dualismo que se caracteriza é até então, entre a esfera divina e a esfera terrena.

Aos poucos, a Igreja se levanta contra as teorias gnósticas e teosóficas e exalta a doutrina da fé defendida por São Paulo. O pensamento, então, caracteriza-se como teológico, tendo por objetivo a elaboração dos dogmas.

E aqui chegamos ao cristianismo propriamente dito. Como afirma Hauschka (1985) a sabedoria antiga – a teosofia e a gnose – foram consideradas pagãs e perseguidas, o corpo foi tachado de pecaminoso e atribui-se novamente maior ênfase à alma, na busca de atingir a perfeição através da imitação de Cristo. Os filósofos gregos foram esquecidos, sua cultura começou a se desintegrar e novas religiões começaram a surgir. Com a ascensão do cristianismo, o homem daquela época passa a viver em função da libertação da alma com a morte, pois para eles o desligamento do corpo traria a vida verdadeira, eterna, a vida da alma.

---

<sup>13</sup> Os anjos representavam essas forças.

Para Rosenfeld, Santo Agostinho (354-430), figura expressiva da época, postula não haver uma substância intermediária entre corpo e alma, pois para ele a alma é concebida em analogia com a Trindade divina como memória, inteligência e vontade, que já possuem o caráter de intencionalidade. O corpo humano, é dependente da alma, suas funções vegetativas não são possíveis sem ela e o conhecimento só é possível através da consciência de nossos próprios estados internos, o que implica, como método de conhecimento, a minuciosa observação introspectiva e a análise da experiência interna.

Na psicologia de Santo Agostinho, a vontade desempenha papel decisivo. É o centro da personalidade espiritual do homem. Parece que ele compreendia a vontade como função da natureza total do homem, que dirige seu corpo através de elementos – o ar e a luz – e serve como via tanto das sensações externas, como dos estímulos internos.

Com o advento do cristianismo, o corpo e a compreensão de suas sensações foram relegadas a um outro radicalismo, oposto ao proposto pelos filósofos favoráveis à percepção das mesmas. Nessa época da história, a alma não parece mais ser objeto de estudo como anteriormente, mas sim aquela instância que deverá ser preservada e purificada através da mortificação corporal. Parece que Santo Agostinho é um cristão que vai além desse pensamento, podendo trazer certo equilíbrio nos últimos postulados, compreendendo a vontade como função natural, intermediária entre as sensações externas e os estímulos internos.

Como afirma Rosenfeld, nos séculos VIII e IX a ciência volta-se para o mundo árabe e a medicina se implica agora com a *“pesquisa de fatos sensíveis, de modo que, ainda na Idade Média, o cadáver tornou-se a base do desenvolvimento ulterior, substituindo o homem impulsionado por fluidos vitais.”*(p.20) A medicina que utilizava medicamentos naturais embasada nos elementos, desapareceu. Os novos médicos se orientavam, agora, segundo o modelo árabe. Os

árabes redescobrem os ensinamentos de Aristóteles, que de certa forma se chocavam com os ensinamentos religiosos.

Segundo Sousa Dias (op.cit.), no final do século IX, a medicina e suas escolas chegam ao seu auge, mas sob o domínio da Igreja. São Bento (480-544), funda o Mosteiro de Montecassino em 528 e escreve a *Regula Benedicti*<sup>14</sup>. Em um dos seus capítulos, afirma a necessidade de um local adequado para se cuidar dos enfermos e de um religioso que cumpra esse ofício. Como conseqüência, a partir dessa norma, foi inaugurada a figura do enfermeiro, por conseguinte as enfermarias, as boticas, os jardins botânicos, que fez com que os livros de medicina e farmácia ganhassem notoriedade nos mosteiros, onde os manuscritos eram copiados e guardados.

Muitos mosteiros se firmaram como escolas de medicina e locais onde enfermos eram cuidados e encontravam cura. Os mosteiros de Montecassino e Saint Gall foram os que mais se destacaram no final do século IX. Nas escolas monásticas eram copiados e traduzidos escritos médicos greco-latinos. Alguns bispos se incumbiram de estudar e escrever sobre arte e ciências, chegando a compor compêndios sobre conhecimentos de medicina, do corpo humano, história natural e alimentação. Nos finais do século IX, a arte da medicina e da farmácia era monopolizada pelos religiosos da época, que se destacavam como os profissionais desta matéria. Como conseqüência desse monopólio, parece que a medicina ficou enclausurada nos mosteiros com os monges, libertando-se apenas alguns séculos depois..

O homem começava a ter, nesse período, cuidados mais específicos e adequados, mas a arte médica e a compreensão do corpo e da psique ficou guardada nas bibliotecas dos monges.

Os séculos X e XI foram pontuados pela fundação de importantes escolas de medicina, que recebiam influência não só das idéias de Hipócrates, mas também da cultura médica bizantina, greco-

---

<sup>14</sup> Normas criadas por São Bento que estabeleciam como deveria ser o funcionamento do Mosteiro de Montecassino.

síria e árabe, pois o comércio entre a Europa e o Oriente se realiza também no âmbito dos produtos farmacêuticos.

Ainda sob o domínio da Igreja, surge o movimento escolástico que trás São Tomás de Aquino (1225-1274) como figura notória. Ele postulava a sobrevivência da alma total do indivíduo e aceitava a divisão aristotélica das funções psíquicas. A diferença para ele é que, as funções vegetativas e sensitivas formam com a alma intelectual uma unidade e são, como ela, imortais, divergindo de Aristóteles, para quem as funções vegetativas e sensitivas estão ligadas ao corpo e perecem com ele.

Com o declínio do movimento escolástico, surgem então os místicos como Boaventura (1221-1271), o alemão Eckhart (1260-1328), considerado o precursor das ciências modernas, Duns Scotus (falecido em 1208), e Roger Bacon (1214-1294). Todos foram franciscanos que pregavam o caminho de uma ciência natural autônoma, tirando a fé e a teologia do campo dos conhecimentos da natureza.

Com a chegada do século XVI, ocorrem profundas transformações em todas as áreas. Novas terras, culturas e povos são descobertos, constituindo-se uma nova geografia mundial. Pensadores eruditos, embasados nas antigas doutrinas filosóficas e científicas gregas, iniciam a construção de uma nova sabedoria que se opõe às concepções da Idade Média.

Mais tarde, chega o Renascimento (aproximadamente de 1400 a 1600) contestando a autoridade imposta: o que não é transformado é destruído. O renascimento é considerado a época das invenções e descobertas.

Três pensadores se sobressaem durante o clima de ceticismo da Renascença: o alemão Agripa de Nettesheim (1487-1535), que apregoa a incerteza das ciências, Francisco Sanchez (1552-1632), médico português que vai contra as doutrinas aristotélicas adotando uma atitude também cética como recurso metodológico e Michel de Montaigne (1533-1592), pensador francês que elaborou de maneira requintada a

argumentação do ceticismo, ressaltando a influência que os fatores pessoais, sociais e culturais exercem sobre as idéias.

Paracelso (1493-1541) proclama a medicina como a principal ciência, considerando que é pelo estudo do homem que se encontrará o caminho para estudar o mundo, pois é através do microcosmo – o homem – que se reflete o macrocosmo, uma vez que estão presentes nele, em escala diminuta, todas as forças do universo.

Rosenfeld afirma que com a visão naturalista, as obras passam a evidenciar a natureza do homem. Passa-se a atribuir causas naturais para a explicação dos seres míticos e a considerar-se que o corpo e a alma (ou mente) estão sujeitos a mudanças devido ao clima e a variação de regiões, e que os humores podem causar doenças. Postula-se que os estados da consciência têm seu correspondente corporal, sendo que a consciência vai depender dos modos de vida do indivíduo e da sua constituição. É inaugurada a fisiologia e a descrição do corpo humano é modificada: inicia-se a realização da dissecação, que permite o estudo das funções anatômicas, da circulação do sangue e a descoberta entre os nervos sensoriais e motores.

É nesse época, que os traços essenciais da psicologia moderna surgem, apesar de serem de forma incipiente e confusa, lutando para se tornar independentes na busca da verdade, percorrendo caminhos entre o racionalismo, o naturalismo, o empirismo e o cientificismo, procuram manter-se em contato com as novas ciências.

É nesse clima que chega o final do século XVI: torna-se premente a necessidade de se encontrar o método para a ciência, um caminho certo, legítimo, capaz de iluminar as incertezas, transformando-as em certezas fecundas.

Segundo Wertheimer (1985) as pesquisas filosóficas do século seguinte, o século XVII, são permeadas por essa preocupação. Francis Bacon (1561-1626) preconiza a ciência da observação e experimentação, levando suas conclusões à generalização, enquanto René Descartes (1596-1650) buscava na razão a certeza científica.

René Descartes, apesar de ser conhecido como matemático e filósofo, foi também cortesão e militar. Foi, entre tantos estudiosos e pesquisadores, o que mais se destacou. Suas idéias foram o símbolo da transição da Renascença para a moderna era científica. Foi através das imagens de um sonho que construiu a geometria analítica, um marco na história da matemática.

E, apesar da formação de Descartes, suas idéias fizeram-no ser considerado como o responsável pela inauguração da psicologia moderna. Como afirma Wetheimer (1985), duvidava de absolutamente tudo, inclusive da própria dúvida e foi por esse caminho que chegou à sua mais famosa citação: “*Cogito, ergo sum*”<sup>15</sup> (p.45).

Descartes buscou provar a existência de Deus e do mundo à sua volta, tentando com isso provar que as idéias matemáticas e religiosas, são inatas no homem. Discutiu o conceito mente-corpo e defendeu a idéia de que ambos eram essências diferentes. O corpo seria a matéria, responsável por todos os processos do ser humano, funcionando por meio de princípios mecânicos, enquanto a mente (ou alma) seria responsável pelos pensamentos, a substância não extensa, (que distingue o homem de todos os outros animais); a responsável pela percepção, possuindo idéias pré-formadas como a idéia de Deus. Mas Descartes também postula que muitas idéias provêm da experiência. Entretanto, o que revolucionou a comunidade científica daquela época foi a idéia de que corpo e mente poderiam influenciar-se mutuamente, interagindo.

As idéias de Descartes serviram de incentivo para estudiosos e pesquisadores que, seguindo suas contribuições sistemáticas – a concepção mecanicista do corpo, a noção de ação reflexa, a teoria da interação mente-corpo, a localização das funções mentais no cérebro e a doutrina das idéias inatas – puderam avançar no estudo da psicologia, desenvolvendo novos parâmetros e abrindo novas possibilidades de pensamento.

---

<sup>15</sup> “*Penso, logo existo*.”

O Renascimento é, então, uma fase da história da ciência na qual o homem começa a questionar a maneira de pensar estabelecida. Iniciam-se as explorações geográficas, há uma mudança na economia comercial, social, cultural e política. O homem começa a perceber que o seu caminho não está predestinado, mas que ele pode lutar por uma vida melhor, compreendendo o mundo de uma maneira mais positiva.

A psicologia ainda se definia como uma ciência filosófica, mas já havia tendências que levavam esse saber para uma linha mais experimentalista.

É nesse momento da História que se iniciam vários movimentos que caminham no sentido do enriquecimento e avanço do pensamento científico. Entre eles estão o empirismo crítico, com John Locke (1632-1704), George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776), que estavam envolvidos com a questão de como se adquire o conhecimento. Já o movimento associacionista concentrava-se na questão das idéias: a ligação, a geração e a consolidação das mesmas, ou seja, tentava criar, em última análise, uma mecânica do espírito.

Immanuel Kant (1724-1804) aplicou sua crítica ao empirismo dos ingleses, examinando os limites e capacidades da mente, especialmente da razão teórica. Influenciou a psicologia gestáltica e cultural, assim como a psicologia experimental. Kant é o responsável pela superação do associacionismo. A psicologia no século XIX se caracteriza pelo apogeu e pela superação do associacionismo.

Nesse momento da história cabe destacar nomes como o de Arthur Schopenhauer (1788-1860) que deu destaque à vontade e ao impulso sexual como manifestação central da vontade metafísica nos seres vivos; Friedrich Nietzsche (1844-1900) considerado anti-acadêmico como Schopenhauer, é um dos iniciadores das modernas tendências irracionalistas, sendo também considerado um intérprete dos ressentimentos e dos processos complexos da vida. As publicações de Nietzsche foram objeto de estudo de C. G. Jung.

A mente e o psíquico, neste período da história, parecem estar caminhando mais rapidamente, pois outros pensadores e pesquisadores se ocupam de outras áreas do saber: surgem os gênios da pintura, da engenharia, da química, da filosofia. O corpo continua objeto de estudo e pesquisa e a história da psicologia e das terapias corporais propriamente ditas nos contarão como foi este trajeto.

Enfim, esta é a sinopse sobre a história do saber filosófico, que vai se engendrando desde a farmácia e a medicina, até que os pesquisadores possam, enriquecidos pelo conhecimento, chegar ao estágio de progresso do qual fazemos parte. O conhecimento partiu da filosofia para chegar à psicologia, mas parece que essas matérias não estiveram nunca desligadas uma da outra.

#### **2.4. Pelos caminhos da psique**

Não é objetivo deste estudo discorrer mais profundamente sobre filosofia, sobre as técnicas da medicina ou sobre as técnicas corporais dos primórdios do homem. Pretende-se, com este histórico, mostrar que desde que o homem percebeu-se portador de corpo e alma, buscou seu equilíbrio e sua harmonia através dessas instâncias, não importando qual a técnica usada para alcançar tal objetivo.

Descreveu-se resumidamente a história do conhecimento científico desde os primeiros filósofos, chamados filósofos da natureza, passando pela história da Medicina e chegando até Nietzsche.

Correndo os olhos pelos primórdios do homem e chegando até meados do século XIX, pode-se dizer que a psicologia percorreu um árduo caminho para chegar a ser consagrada como ciência e se desenvolver até o estágio em que hoje se encontra. Esta ciência precisou desvencilhar-se da filosofia, e de certa forma, cair nas graças da medicina. A medicina, por sua vez, quando conseguiu se libertar do poder da igreja, e firmar o dualismo mente-corpo, pode abrir espaço para a pesquisa em anatomia e fisiologia, o que também favoreceu a psicologia.

Neste ínterim, a pesquisa científica avança tanto, que a visão daquela época passa a ser centrada neste saber. Os estudiosos começam a se interessar por pesquisar a morada da psique, o cérebro. O fascínio dos estudiosos pelo corpo humano os leva à pesquisa fisiológica e neurofisiológica, buscando descobrir e compreender as estruturas e o funcionamento do organismo.

E foi com o entrelaçamento dos pensamentos de Descartes com os desenvolvimentos científicos da fisiologia, da biologia, e com os pontos de vista dos movimentos filosóficos que nasceu a psicologia experimental.

Como conta Rosenfeld (op.cit.), começa aí, de fato, o caminho da psicologia, com as pesquisas de W. Wundt (1832-1920) na Alemanha. Nesse momento, a psicologia se estabelece como ciência a ser pesquisada dentro de padrões científicos, e então, no século XX começam a surgir as linhas teóricas mais importantes.

Com Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936) surge o behaviorismo, que tem como traço característico a completa negação da introspecção, traço que provém de sua ligação com a psicologia animal e com as ciências biológicas. Entretanto Watson (1878-1958) e Skinner (1904-1990) utilizam o *behaviorismo* para realizar a análise experimental do comportamento. Com esta escola, a psicologia se firma como ciência consistente e pode assim romper com a filosofia. Os *behavioristas* têm como objeto de estudo o comportamento do homem em interação com o meio. Skinner propõe a teoria do condicionamento operante e trabalha com estímulo, reforço, extinção e generalização, entre outros conceitos. O homem passa a ser estudado como o produto do processo de aprendizagem que experimenta durante a vida, ou seja, que estabelecimentos faz entre os estímulos do meio e suas respostas comportamentais.

Segundo Fadiman e Frager (1986), a *gestalt*, outra escola importante, surge na Europa e é a linha teórica que mais se relaciona com a filosofia. A *gestalt* busca compreender o homem na sua totalidade e os

seus pesquisadores iniciaram seus estudos pela percepção e sensação. Para entender o comportamento humano, os *gestaltistas* questionam o *que* o indivíduo percebe e *como* percebe. Dentre eles, podemos destacar Max Wertheimer (1880-1943), seu fundador, além de outros nomes que a elaboraram e difundiram, como Wolfgang Koehler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1941). Frederich S. Perls (1893-1970) delineou a *gestalt-terapia* como uma terapia existencial, embasada na filosofia existencial e que se serve de princípios, em geral, considerados existencialistas e fenomenológicos.

Ainda segundo Fadiman e Frager (op.cit.), com Carl Rogers (1902-1987) inaugura-se a psicologia com uma perspectiva centrada no cliente, teoria que o autor desenvolveu essencialmente a partir de sua própria experiência clínica. Considera que o indivíduo possui um campo de experiência único, que contém os acontecimentos que ocorrem em seu organismo e que estão potencialmente disponíveis para a consciência. Desenvolveu uma terapia centrada no cliente e foi pioneiro no movimento de grupos de encontro, além de ser um dos fundadores da Psicologia Humanista.

Abraham Maslow (1908 -1970), também citado pelos mesmos Fadiman e Frager, foi influenciado pela psicanálise e pela *gestalt*, e suas pesquisas encaminharam para o estudo do crescimento e do desenvolvimento do indivíduo, para que a psicologia fosse um instrumento de promoção do bem-estar social e psicológico. É um dos fundadores da teoria humanista, desenvolvendo a psicologia transpessoal, que aborda as capacidades e potencialidades máximas do ser humano, incluindo o estudo da religião e da experiência religiosa.

E chegamos finalmente, à psicanálise, com Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista, que alterou completamente a maneira de pensar sobre o psiquismo humano. Freud, para Fadiman e Frager, ousou colocar como problemas científicos os processos inconscientes, a interioridade humana.

Freud iniciou seus estudos com Charcot (1825-1893), médico neurologista, que chamou a sua atenção para uma doença importante na época, a histeria. Com Charcot, Freud dedica-se ao estudo da hipnose. Entretanto, alguns pacientes não podiam ser hipnotizados e Freud empregava com estes o método da associação livre. Estava aí, estabelecida a psicanálise. Ao mesmo tempo em que Freud começava a desvelar a psique humana, outros pesquisadores se juntaram a ele, interessados também nesse estudo, no sentido de ampliar o conhecimento sobre o inconsciente.

Pesquisa-se e desvenda-se o inconsciente, buscam-se respostas na psique. Mas o corpo, já conhecido e denominado anteriormente como a morada da alma, não fica relegado ao esquecimento, como pode parecer.

Segundo McNeely (1987), G. Groddeck, médico e escritor, contemporâneo de Freud e seu admirador, refere-se à doença como uma expressão vital do organismo, que pode ser vista como forma de expressão do indivíduo. Deste modo, se Freud e seus contemporâneos estavam pesquisando a energia psíquica, estavam, então, começando a delinear a somatoterapia.<sup>16</sup>

Se a dualidade corpo-mente foi relegada ao esquecimento durante algum tempo, agora as mudanças se tornam significativas. Segundo McNeely (op.cit.), as condições sanitárias estão em pleno desenvolvimento, e a maneira de acolher e considerar a criança, que antes trilhava caminhos, de certa forma suspeitos para o bom desenvolvimento emocional, e que por esta razão traziam à vida adulta doenças psicossomáticas, agora já tomava rumos mais pertinentes e adequados. O amadurecimento físico e psíquico ocorria de modo anti-natural e foi com pesquisadores como M. Mead e Malinowski, que traziam

---

<sup>16</sup> Conforme McNeely(1987): "*Uso o termo somatoterapia para expressar um processo que ocorre entre o indivíduo e o terapeuta que emprega o movimento e centros físicos para alcançar seu objetivo mútuo: a descoberta dos aspectos da psique antes desconhecidos. O terapeuta usa o centro físico além da atenção tradicional aos processos psíquicos, a fim de incrementar o diálogo entre o consciente e o inconsciente.*"(p. 17)

para a cultura moderna conceitos de culturas primitivas, que ocorreu uma diferença no modo de pensar da época e a mudança na maneira de se educar as crianças. Surgem nesse ínterim M. Ribble, R. Spitz e H. Harlow também para defenderem as crianças no que diz respeito à prática da educação rígida. Desenvolve-se uma nova maneira de ver a educação infantil, mais amorosa e promovendo mais interação entre as crianças e as figuras parentais.

Assim, acompanhando o pensamento de McNeely (1987), chegamos aos *pioneiros da somatoterapia*: Freud, Ferenczi, Alfred Adler, G. Groddeck, W. Reich e C. G. Jung:

*“Eles foram naturalmente influenciados por outros: Nietzsche, Kretschmer, Krafft-Ebing, Schiller, os antropólogos, etc. Começo por estes seis psicoterapeutas porque sua principal preocupação com relação ao corpo foi a distribuição da energia (conforme se vê principalmente na teoria dos impulsos). Descobre-se que nesta matéria eles estiveram juntos, discordaram e, por fim, se separaram.” (p.36)*

Apesar de se separarem, continuaram pesquisando e trabalhando com a energia psíquica, abrindo espaço para o corpo. Uns mais sutilmente, como Jung, Adler e Ferenczi, outros concretamente como W. Reich.

Segundo Fadiman e Frager (op.cit.) Alfred Adler (1870-1937) era médico e intimamente ligado a Freud e, ao desligar-se da Sociedade Psicanalítica Vienense, fundou o sistema holístico da psicologia individual, que compreende o indivíduo como uma totalidade integrada dentro do sistema social. Os princípios mais importantes descritos por Adler são o holismo, a unidade do estilo de vida do indivíduo, o senso da sociabilidade ou o sentimento de comunidade e a existência de comportamentos dirigidos para um objetivo. Acreditava no efeito das influências sociais em cada indivíduo e a importância do interesse social

voltados para o senso de comunidade, cooperação e preocupação com os outros, mais importantes do que a luta competitiva.

Wilhelm Reich (1897-1957), pode ser considerado o fundador da psicoterapia orientada para o corpo, pois enfatizava a importância de se lidar com os aspectos físicos do caráter do indivíduo, dando especial atenção à tensão muscular e aos impulsos sexuais. Fazia contato direto com os seus pacientes, levando fortemente em conta as tensões corporais.

Segundo Torresi (1996), o trabalho de Reich tinha por objetivo *“estabelecer as bases biológicas da libido, pois compreendia que ela não comportava apenas um conceito psíquico, mas sim, a energia do instinto sexual.”*(p.16)

Reich (1978) descobriu em suas pesquisas que a vida saudável, tanto física como psíquica, tem suas bases plantadas na potência orgástica que ele define como sendo

*“...a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições , ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo...”*(p.94)

Para ele, as enfermidades psíquicas estão diretamente relacionadas com a sexualidade. Postula ainda que a saúde psíquica depende da potência orgástica, tendo portanto, por base física o reflexo do orgasmo no corpo.

Como afirma Torresi (1996), Reich entendia a sexualidade

*“como uma atividade vital e natural, e dentro da visão de unidade soma e psique, deve ser também compreendida como um aspecto da personalidade total do indivíduo”*(p.18)

Sugere ainda que é através da sexualidade que o indivíduo pode expressar suas emoções, e é através do contato consigo mesmo, e

com seus sentimentos e sensações mais verdadeiros, que poderá relacionar-se com o outro de maneira genuína.

Em outra obra (1995) Reich estabelece também o uso de defesas que o indivíduo utiliza para proteger-se contra o sofrimento e as ameaças emocionais, o que o leva a desenvolver uma estrutura rígida, reação que caracteriza seu caráter e que o autor denominou-a *couraça*. Esta se localiza em grupos musculares, tensionando-os. Para ele “o *espasmo da musculatura é o lado somático do processo de repressão, e a base da sua contínua preservação.*”(p.256) Essa couraça serve para proteger o indivíduo contra experiências emocionais dolorosas e ameaçadoras, retendo sua ansiedade no sentido de reduzir o desprazer, o que leva, porém, à redução da capacidade da realização do prazer.

Como descreve Torresi (op.cit.), essa couraça muscular

*“está disposta em sete segmentos. A sua estrutura é sempre horizontal e circular (com exceção dos braços e pernas), formando vários anéis em relação aos ângulos retos da coluna. Os segmentos da couraça compreendem o ocular, o oral, o cervical, o torácico, o diafragmático, o abdominal e o pélvico.”*(p.22)

Em sua prática clínica, Reich (1978) pode observar que, a partir da concepção da couraça do caráter, a liberação das contrações musculares vinham acompanhadas por sensações corporais e concluiu assim, que os processos psíquicos eram sinalizados no corpo. A partir dessa descoberta, desenvolveu uma técnica psicoterápica que denominou *vegetoterapia carátero-analítica*, cujo princípio básico é “...o *restabelecimento da motilidade biopsíquica através da anulação da rigidez (encouraçamento) do caráter e da musculatura.*”(p.326) Seu objetivo durante o tratamento com o paciente era o de desenvolver sua capacidade para entregar-se totalmente aos movimentos espontâneos e involuntários do corpo, os quais fazem parte do processo respiratório. Pesquisou as origens da energia bioelétrica, como unidade de energia e

as denominou *bions* e *orgônio*, postulando que se acumulavam além da atmosfera e aumentavam a vitalidade do ser humano. Assim, a partir dessas investigações, substitui o termo vegetoterapia por *orgonoterapia*.

Se Freud ousou ao introduzir o conceito de inconsciente na comunidade científica da época, podemos considerar que Reich também foi um desbravador, especialmente no que diz respeito aos processos corporais como coadjuvantes na terapia analítica verbal.

Outros pensadores de expressão<sup>17</sup> seguiram os passos dos pioneiros, especialmente de Freud, Reich e Jung, pois o saber está aberto e necessita, como o homem, de complementação e de novos horizontes.

Esse é o caminho que a psicologia fez. Como toda matéria que envolve o saber, engatinhou e encontrou dificuldades, mas desvencilhando-se delas já consegue se impor junto a outros campos que cuidam do homem, de seu bem-estar, de seu crescimento e desenvolvimento.

Também o cuidado específico com o corpo tem sua história e esta é a próxima etapa desta pesquisa: contar, também resumidamente, como caminhou e como ocorreu o desenvolvimento de técnicas e métodos do trabalho corporal no decorrer dos anos.

## **2.5. Pelos caminhos do corpo**

Este capítulo, enfoca a história do trabalho corporal. O objetivo é mostrar como o corpo foi focalizado por pesquisadores de diferentes áreas. Nem sempre, como veremos, o elaborador de uma técnica era da área da saúde. mas um leigo em busca de cura – como Quíron, o curador ferido – para sua dificuldade física, ou um profissional em busca de caminhos que facilitassem o seu trabalho, como bailarinos, cantores e atores dramáticos.

Para a elaboração deste sub-capítulo, utilizaremos dados contidos nas publicações de alguns autores, entre eles Ehrenfried (1991),

---

<sup>17</sup> Entretanto não é proposta em nosso estudo nomeá-los.

Sándor (1982), Masson (1986), McNeely (1986), Fadiman e Frager (1986) e Ribeiro e Magalhães (1997) e realizaremos com estas obras um entrelaçamento de proposições, já que em cada uma delas há parte da história que desejamos aqui contar. Por isso, estaremos nos remetendo ora a um, ora a outro autor.

Esse relato que se inicia com a mitologia, caminha pelos séculos e se estende para além da Segunda Guerra, data em que Sándor inicia a construção do método de trabalho corporal envolvendo os toques sutis. Nosso intento é também o de mostrar como essa área foi se entrelaçando e se desenvolvendo até nossos dias.

Quando se trata da área da saúde, diferentes métodos e técnicas são utilizados como instrumentos para despertar dinamismos inconscientes, esperando conscientizá-los, adequá-los, transformá-los, harmonizá-los. Entendo aqui como área da saúde, tanto o atendimento individual como em grupo na psicoterapia, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e todas as outras áreas que trabalham com o indivíduo, objetivando seu equilíbrio psicofísico.

Entre tantas possibilidades de técnicas e métodos que existem para se chegar à meta desejada, temos os trabalhos artesanais, como as artes gráficas (desenho, pintura, colagens, etc), as artes manuais (bordado, cerâmica, escultura, etc), a música (instrumentos, canto, etc), os métodos da expressão corporal (ginástica, exercícios isométricos, dança, etc) e os métodos que trabalham com toque ou não (relaxamento autógeno, massagens, etc). Todas essas atividades mobilizam o corpo, a mente e contribuem para o equilíbrio psicofísico, pois atuam tanto no corpo quanto no emocional do indivíduo. Citaremos, neste tópico, algumas das técnicas e métodos de trabalho com o corpo que consideramos as mais importantes da história da abordagem corporal.

Cabe-nos ainda fazer referência a Sannino (1992), que afirma ser importante que se tenham muitas opções de técnicas com quais trabalhar, pois o profissional deverá sentir-se confortável e ser

conhecedor daquele instrumento de trabalho que o auxiliará a chegar onde deseja, juntamente com seu paciente.

Além do conhecimento do método e da técnica, o terapeuta também deverá acreditar que este é o melhor para se trabalhar. Como afirma Jung (1981),

*“Só importa o método em que o terapeuta tem confiança. Sua fé no método é decisiva. Se acreditar, ele fará por seu paciente tudo quanto estiver ao seu alcance, com seriedade e perseverança”*(p.41).

Iniciamos nossa caminhada acompanhando o pensamento de McNeely (1987), analista junguiano que propõe em seus estudos o entrelaçamento da psicologia profunda às terapias corporais, com o objetivo de recuperar a psique e o corpo enfermos. A descrição mitológica se faz presente sugerindo quão antiga é, a história da terapia corporal. O toque aparece como *força de cura*:

*“Os dedos de Rea ficaram presos à terra materna do Monte Ida e transformaram-se nos Dátilos de Ida, que tinham poder gerador. Por isso eram tidos na conta de deuses da cura, encarnando o poder criador ao simples toque. Lembrar-se-á o leitor do gesto da mão estendida, na pintura da criação de Adão, no afresco de Michelangelo, na Capela Sistina. Quando Zeus curou Iô de sua loucura, estendendo a mão sobre ela ... esta, embora virgem, deu à luz Epafos. Daí se atribui a Zeus o epíteto de Zeus Epafos, isto é, “aquele que toca” ... Apolo também usa o gesto de estender a mão sobre o doente ... Curar através do toque de mão está implícito ainda nos nomes de Quíron e Dexion ... Quíron ... (trabalhando com as mãos, executando uma manufatura ou arte. Em alemão, Chirurg = cirurgião) transformou-se na quiroprática de nossos dias. A idéia de que os dedos possuem força geradora está certamente subjacente à expressão alemã “extrair algo dos dedos”, no sentido de inventar ou providenciar alguma coisa.*

*É digno de nota o fato de que na Grécia as mãos e os poderes divinos se equivalem ... reis e imperadores ... costumavam curar doenças impondo as mãos, prática continuada mesmo depois do fim da Idade Média, por reis ingleses e franceses. Preservou-se o costume até hoje no ritual eclesiástico". ( p. 13)*

Do Oriente, destacamos algumas técnicas que envolvem exercícios e massagens.

Jacques (1997), especialista em massagem terapêutica chinesa, afirma que existem registros arqueológicos no Museu Britânico que provam a existência da prática de massagem pelos chineses entre os anos de 3000 a .C. e 2700 a .C. Da China, esse conhecimento foi levado para a Índia, que o incorporou como tradição, integrando os princípios de higiene recomendados pelas escrituras sagradas dos hindus, nos estudos do *ayur-veda*. Esse saber, chegou ao Japão no século VI.

Na China, a prática da massagem foi sendo desenvolvida e ampliada durante as várias gerações e entre os anos 581 a 907, foi oficialmente estabelecido no Bureau Médico Imperial, a primeira escola de medicina chinesa, e os massagistas foram classificados em doutores, médicos e técnicos. Nesse período, como conta Jacques, foi publicado um livro - *Qian Jin Fan* – de autoria de Sun Simiao, no qual o autor descreve algumas patologias infantis e várias técnicas de massagem, como os deslizamentos, as pressões e a fricção. Outras publicações também são de conhecimento público, nas quais pode-se perceber o valor da massagem, pois outras enfermidades<sup>18</sup> podem ser assim tratadas.

Nesse período, o intercâmbio cultural entre a China e outros países prosperou, em consequência do desenvolvimento econômico, político e dos transportes. Assim, a massagem infiltrou-se na Coreia, Japão e Índia.

---

<sup>18</sup> Eram tratadas as patologias decorrentes de fatores patogênicos, vento, frio, calor, umidade, alimentação deficiente ou exagerada e excesso de atividade ou sedentarismo.

Foi durante a dinastia *Ming* (1380-1750) que o termo *anmo*<sup>19</sup> começa a ser substituído por *tui na*<sup>20</sup>. Com a influência dos ingleses na corte chinesa, depois de 1750, a massagem continuou se desenvolvendo graças ao trabalho dos massagistas que a preservaram e transmitiram-na às gerações futuras.

Atualmente, ainda segundo Jacques, a massagem denominada *tui na* é aplicada na China e, em 1987, foi fundada uma associação que tem fomentado intercâmbios nacionais e internacionais no sentido de desenvolver a pesquisa científica sobre os fundamentos e a prática clínica da massagem.

O *tui na* pode ser aplicado tanto em crianças como em adultos. Atua no organismo em diversos níveis, aumentando a elasticidade da pele, estimulando a circulação dos líquidos do organismo, melhorando a nutrição, a oxigenação e a drenagem venosa e linfática dos tecidos, além de relaxar e alongar os músculos, regulando o tônus muscular. Atua nos ossos, relaxando-os e auxiliando na correção postural; combate o stress e a fadiga. Atua positivamente em todo o metabolismo. Age nos canais de energia, proporcionando o equilíbrio energético entre as polaridades *yin* e *yang*, com desdobramentos positivos e profundos sobre o corpo e a psique, entre outros benefícios.

Além da massagem, os pensadores orientais, também aprofundaram-se e analisaram intensamente a vida interior do indivíduo, utilizando algumas técnicas que podem auxiliar a alcançar essa interiorização. Dentre tantos métodos, os mais conhecidos são a *ioga* – que era praticada pelos monges taoistas -, a meditação, o *tai-chi-chuan* – conjunto de exercícios e tantas outras técnicas, apenas para citar algumas, que levam o indivíduo ao equilíbrio da energia vital.

O *shiatsu* também é uma modalidade da terapia corporal milenar, de origem oriental, praticada inicialmente na China antiga e na Índia. Utiliza o toque manual ou digital sobre a pele. Tem como objetivo

---

<sup>19</sup> Pressionar deslizando para a frente.

<sup>20</sup> Segurar firme e empurrar para frente.

tratar ou prevenir doenças através da estimulação dos mecanismos de recuperação naturais do corpo, fortalecendo-o. Sua abordagem terapêutica é semelhante à da acupuntura sem, entretanto, a utilização das agulhas.

Cabe mencionar também a *ayurveda*, um antigo procedimento medicinal da Índia, que emprega a ioga para combater a dor. Segundo Mindell (1989), a *ayurveda* emprega ervas e uma filosofia social para tratar doenças que se originam nas mais diferentes causas, desde “... a ignorância ou karma pessoal, tensão causada pelas exigências sociais, tratamento impróprio do corpo real, ou mesmo invasão por espírito como bactérias.”(p.13)

Masson (1986) sugere que os princípios da *ioga* foram fonte de inspiração para a construção de várias técnicas de abordagem corporal. A ioga tem um lado místico, pois possui como base um sistema filosófico, e um lado mais técnico, no qual se treinam o corpo, a respiração e a mente, pois com ela, o indivíduo pode, através da concentração, alcançar um domínio do corpo e do conhecimento das funções vitais. Segundo Schultz (1967), a ioga é “ *uma postura espiritual hindu. Ioga (a tradução literal é ‘tensão extrema’), significa o desejo de alcançar, por métodos corporais e espirituais de concentração, estados de consciência muito elevados; trata-se, pois, de uma ‘psicotécnica mística’*”(p.347). Para Masson (op.cit.), não há referência histórica precisa que indique uma data provável para o nascimento da ioga, pois esta técnica tem sido transmitida de geração a geração. Compõe-se de posturas que se sucedem em uma determinada ordem e devem ser realizadas apenas uma vez, lentamente e com permanente concentração. Respeita uma respiração ritmada e lenta, chegando inclusive a suspendê-la, após haver realizado uma postura. É através do controle e domínio da respiração que o praticante poderá penetrar em algumas modalidades da consciência.

Outro método oriental difundido no ocidente é o *tai-chi-chuan*, um método de ginástica chinesa que foi criado e divulgado por monges taoístas que necessitavam descansar, movimentando-se, depois de

longas horas de meditação sedentária. Esses exercícios consistem de séries de movimentos coordenados que devem ser realizados numa seqüência determinada, utilizando para isso o corpo todo. Os movimentos desta técnica são compostos por círculos grandes completos e círculos pequenos que se transformam em pontos, podendo ser planos e oblíquos. Não existem seqüências angulares ou retas. Esses movimentos circulares possuem uma razão tradicional ou mística e, o conceito de *yin* e *yang*<sup>21</sup>, que são base do pensamento taoísta, permeiam todas as séries desses exercícios. Yamakami, uma das colaboradoras de Sándor, afirma:

*“A tradição diz que a prática do T’AI-CHI regula a função glandular e a condução nervosa, fomenta o rendimento muscular, desenvolve a sensibilidade tátil e produz ‘energia neutralizadora e de ataque’. Torna o organismo mais ativo, com reflexos mais rápidos. Equilibra a circulação sanguínea e linfática, promove a digestão e a transpiração, e elimina os líquidos excessivamente acumulados no organismo”* (Yamakami, apud Sándor 1982, p.91).

Do sul da Índia, o mundo ocidental recebeu a *Shantala*, técnica utilizada com recém-nascidos<sup>22</sup> e com crianças maiores. É uma massagem milenar, transmitida oralmente de mãe para filha, pois naquela cultura são as mulheres que se incumbem de fazer a massagem nos bebês. Sua fundamentação está alicerçada na ioga e na medicina *ayurvedica*, sendo que são os *chacras* e os *nadis*<sup>23</sup> que dão a direção e a seqüência dos movimentos para a realização da massagem. A *shantala* tem por objetivo trabalhar a relação mãe/bebê, relaxando-os, podendo assim equilibrar o sistema nervoso, o emocional e o energético, promovendo segurança e auto-estima para a criança, além de trazer tranqüilidade para o sono e alívio para as cólicas. Atua também no sentido de aumentar a capacidade do sistema imunológico da criança. Foi

<sup>21</sup> No taoísmo *yin* é o princípio feminino e *yang* o princípio masculino; ambos deverão estar equilibrados, pois abrangem todos os aspectos e fenômenos da vida, sendo complementares.

<sup>22</sup> Esta técnica é utilizada com os bebês, a partir de um mês de idade, aproximadamente.

<sup>23</sup> Denomina-se *chacras* e *nadis* os canais de entrada e saída de energia corporal.

Fredérick Leboyer (1993), médico francês, que numa de suas viagens para a Índia aprendeu a técnica e a trouxe para o Ocidente.

Mais recentemente, tem sido muito difundido, o *sistema usui de cura pelo Reiki*<sup>24</sup>. Como afirma Ferreira (1997), “*este é um processo holístico de harmonização energética que usa as mãos como veículo dessa energia de cura natural*”(p.203). Seu criador foi Dr. Mikao Usui, que no final do século XIX realizou uma pesquisa sobre o fenômeno de cura praticado por alguns líderes espirituais da humanidade e, a partir dos resultados obtidos, desenvolveu um sistema de cura com base nos antigos ensinamentos budistas, que aplicou e ensinou a muitos. Hawaou Takata, uma americana nascida no Havaí, filha de pais japoneses, foi quem divulgou essa técnica para o Ocidente. O *Reiki* atua sobre os níveis físico, emocional, mental e espiritual, de tal modo que reforça os mecanismos de auto-cura individual, fortalecendo para isso seu sistema imunológico. Esta não é uma técnica que se realiza para curas específicas, como a remoção de sintomas, pois ela atua mais profundamente, de maneira global. O terapeuta é considerado apenas um canal para a energia que o paciente vai receber, sem influenciar nos resultados obtidos. A técnica é aplicada com o terapeuta tocando suavemente o corpo vestido do paciente, em posições nas quais se localizam os principais órgãos e glândulas do corpo humano.

Quando um terapeuta de *Reiki* aplica suas mãos em si mesmo, ou em seu paciente,

“...a energia flui através delas, repercutindo nos corpos físico, emocional, mental e espiritual, tanto do praticante quanto de quem a recebe.”(op.cit.,p.204)

Esta técnica atua no corpo do indivíduo trazendo relaxamento, reduzindo o tempo de cura para doenças, fraturas, entorses e feridas; reduz também o comprometimento dos tecidos em queimaduras e

---

<sup>24</sup> *Reiki* é uma palavra japonesa que significa energia vital universal.

machucados. Emocional e mentalmente, reduz a ansiedade, reequilibrando as energias, prevenindo a angústia e o estresse. Espiritualmente, as pessoas, “...*sentem-se renascidas e rejuvenescidas (...) sendo sua prática um caminho para o crescimento pessoal*”(idem, ibidem)

Passamos agora do Oriente para a Europa Ocidental.

Como afirma Silva (1997), as primeiras informações sobre a linfa e os vasos linfáticos datam da época de Hipócrates. Entretanto, o termo linfático foi utilizado pela primeira vez pelo anatomista Thomas Bartholin, em 1700. Todavia, foi com o trabalho do casal Vodder que a *drenagem linfática* foi inaugurada. O casal começou a utilizar esta massagem em pacientes gripados, manipulando os gânglios linfáticos do pescoço com movimentos rotatórios suaves. Atualmente, sabe-se que essa massagem é uma técnica manual capaz de desintoxicar o organismo através da remoção de resíduos metabólicos da substância fundamental, sendo indicada para sintomas tanto físico como psíquicos.

Segundo Ehrenfried (1991), no início do século XIX, Per Henrik Ling, teólogo e oficial do exército da Suécia, elabora uma terapêutica voltada para a ginástica e massagem, buscando cura para fortes dores reumáticas que adquiriu durante campanhas das quais participou. Desenvolve uma técnica de trabalho voltada para a profilaxia e depois a divide em quatro ramos: a ginástica militar, a medicinal, a pedagógica e a estética. Em 1813, funda um instituto estatal em Estocolmo, que ganha fama mundial. A ginástica e a massagem terapêutica sueca tornam-se conceitos difundidos e seus sucessores ampliam esses conceitos. Atualmente, a massagem sueca é uma combinação com os conhecimentos do médico holandês Mezger, que exerceu suas atividades na segunda metade do século XIX em Amsterdã.

Na mesma época, o Movimento Alemão de Ginástica teve seu início com o francês François Delsarte (1811-1871), ator e diretor de uma escola de arte dramática, que se interessou e pesquisou a expressão através do movimento. Como não se satisfazia com as técnicas

existentes, elaborou um método de ensino no qual utilizava técnicas que integravam a respiração e o movimento, que instigavam a imaginação do aluno. Saindo da França para os Estados Unidos, passou seus conhecimentos para sua aluna, Geneviève Stebbins, que aplicou-os nas escolas americanas. Sabe-se que, até hoje, a disciplina de educação física americana, tanto nas escolas como nas universidades e até mesmo no exército, é embasada no método de Delsarte, enquanto a ginástica alemã se desenvolveu a partir de elementos fundamentais de seus ensinamentos.

B. M. Mesendieck era médica. Foi aluna de Stebbins e trabalhou na Europa antes da Primeira Guerra com exercícios psicotônicos. Essa técnica era aplicada somente em mulheres, com o objetivo de, através de uma educação corporal, encontrar e também equilibrar as condições musculares e as disposições psíquicas. As pacientes deveriam realizar os exercícios despidas. Com esta técnica, o corpo feminino pode ser repensado e compreendido sob um novo ângulo, pois levou a mulher daquela época a rever os cuidados tanto corporais como da psique. A técnica de Mesendieck, como afirma Sándor (1982) além de promover o “*desatar, desapertar, abrandar, soltar, descontrair*”, também visava à conscientização das tensões internas e o equilíbrio adequado para a maneira de lidar com a liberação da energia psíquica (p.85). Alguns exercícios requeriam o auxílio da instrutora, que tocava a paciente, para que esta realizasse contrações e descontrações musculares corretamente. As mulheres também recebiam noções de anatomia e das funções musculares, para melhor realizar e aproveitar a eficácia da técnica. Esse método é oposto ao de Stebbins, apesar de ser originado de seus ensinamentos.

Seguindo com o histórico de Ehrenfried, nos deparamos com H. Kallmeyer, também aluna de Stebbins, que se aprofundou na pesquisa com calistenia<sup>25</sup> e respiração. Foi contemporânea de Mesendieck e, como ela, elaborou técnicas opostas à de Stebbins, mas

---

<sup>25</sup> Calistenia: exercícios que buscam a beleza e o vigor físico.

que partiram de suas orientações. Kallmeyer aplicava em seus alunos uma técnica na qual eles deveriam imitar as posturas das estátuas gregas para que, dessa forma, pudessem se tornar tão belos e vigorosos quanto seus modelos.

Ambas, Mesendieck e Kallmeyer, tiveram muitos alunos e fizeram escola. Seus discípulos, conforme suas necessidades e tendências, ampliaram, complementaram e difundiram o que aprenderam com elas.

Há também o músico Leo Kofler, que nasceu no Tirol no ano de 1837, filho de pai músico, de quem recebeu sua formação. Entretanto, era portador de uma disfunção na voz que lhe deixava rouco freqüentemente e, muitas vezes, ficava completamente afônico. Procurou especialistas na Alemanha e sem resultados positivos emigrou para os Estados Unidos, onde trabalhou como professor de canto e organista.

Numa de suas graves crises, foi diagnosticado que era portador de tuberculose na laringe. Foi quando conheceu um médico especialista, Dr. Withfield Ward, que lhe ensinou a anatomia da laringe, a fisiologia da voz e a função da respiração, orientando-o uma bibliografia voltada para sua dificuldade. Depois de muito estudar pode curar-se e publicou um livro intitulado *A arte da respiração*<sup>26</sup>. Muitas escolas de canto e respiração utilizam esse livro, aplicando o método de Kofler, sem entretanto se referir a ele. Como Delsarte, Kofler também é responsável por elementos fundamentais, a partir dos quais a ginástica alemã se originou.

Franz Hilker, foi quem elaborou um livro no qual organizou e descreveu minuciosamente todos os métodos da reeducação física. Conta como a junção dessas pesquisas e métodos pode enriquecer o trabalho com o corpo de maneira verdadeiramente eficaz.

Enquanto na Europa cresciam os movimentos e escolas em prol do trato com o corpo, também nos Estados Unidos surgem alguns nomes dignos de nota. Segundo Ricard e Sallé (1996), fisioterapeutas

---

<sup>26</sup> Este livro foi traduzido para diversos idiomas e em 1951 chega à vigésima edição.

americanos, a *osteopatia* nasceu com Andrew Taylor Still (1828-1917), médico americano que enfrentava fortes enxaquecas e enfrentou uma epidemia de meningite, perdendo muitos pacientes e três de seus filhos. A partir desse fato, observou que todos os pacientes apresentam dores torácicas de relevada importância e assim começa a pesquisar e estudar anatomia em seus próprios pacientes e não mais nos livros. Descobre a importância da circulação do sangue, o papel das fixações articulares e o corpo como unidade.

Nasce com ele a osteopatia, que é *“um sistema de cura que enfatiza principalmente a integridade da estrutura do corpo. Esta integridade estrutural é o fator mais importante a ser mantido. Rege a boa saúde do organismo e evita a doença.”*(p.28) Ou seja, o corpo é um organismo vital no qual a estrutura e função devem estar coordenados sendo a enfermidade uma perturbação de uma dessas instâncias. A terapia é a restauração manipuladora dessas anomalias.

Outros pesquisadores e alunos de Still seguiram seus passos e levaram a osteopatia para a Europa. Um desses alunos foi William Gardner Sutherland, que descobriu a existência de um movimento desconhecido, até então, que se origina no cérebro e que denominou *movimento respiratório primário*. Sutherland estudou as suturas dos ossos do crânio durante trinta anos e construiu a terapia craniossacra, derivada da osteopatia de Still.

Outro método, paralelo à osteopatia e que teve seu advento na mesma época foi a *quioprática*, que é um método composto por uma técnica e uma filosofia. Foi criada por David Daniel Palmer (1845-1913). Para os autores em questão, os princípios da quioprática

*“repousam sobre a teoria de que o homem é uma máquina movida por uma força natural chamada ‘Innate Inteligence’, que percorre todo corpo através do sistema nervoso. A distribuição desse fluxo pode estar perturbado por bloqueios vertebrais, que desempenham um papel primordial na etiologia das enfermidades e*

*representam, inclusive, a causa do desenvolvimento das doenças.”(p.28)*

A osteopatia e a quiroprática são atualmente utilizadas também como técnicas que se coadunam com os trabalhos corporais na busca no equilíbrio físico-psíquico dos pacientes. São consideradas técnicas de tratamento holístico, pois buscam organizar a unidade do corpo em direção a uma totalidade.

Outra técnica digna de nota é a do pesquisador Roger Vittoz (1863-1925). Segundo Masson (op.cit.), destacou-se, na época do desenvolvimento da teoria psicanalítica, por ter dado *“importância ao cérebro consciente na recuperação das neuroses”* (p.19). Vittoz pouco escreveu e seu método de trabalho se baseia principalmente no empirismo, mas apresenta atitudes práticas e originais em relação ao indivíduo considerado neurótico, que resultam da aprendizagem de nossa própria receptividade através de técnicas psicomotoras. Vittoz tinha por objetivo, *“restabelecer o traço de união entre a atividade consciente e inconsciente do cérebro, visando assegurar ao mesmo tempo sua unidade e seu equilíbrio.”*(Masson, 1986, p.20) Fazia com que os pacientes percebessem conscientemente as sensações provindas do próprio corpo e do ambiente, para que pudessem concentrar-se e adquirir descontração e equilíbrio.

Denovaro (1997) nos apresenta a história de Joseph Hubertus Pilates, nascido na Alemanha em 1880. Pilates foi uma criança franzina e perdedora nas brigas com os colegas de escola. Por isso, resolveu desenvolver seu corpo tornando-se boxeador, ginasta, esquiador e mergulhador. Entretanto, foi durante a Primeira Guerra que ele, detido como estrangeiro inimigo, elaborou e desenvolveu uma técnica de preparo físico a qual aplicou em seus companheiros de prisão e que ficou conhecida como *técnica de Pilates*. Depois disso trabalhou como enfermeiro e pode também aplicar sua técnica de reabilitação aos feridos

de guerra, com o objetivo de ajudar na recuperação e manutenção da força e do tônus muscular.

Pilates, foi influenciado pela ioga e deu ênfase, com seu sistema de trabalho, à harmonização entre corpo e mente. Esse método de condicionamento físico e mental é versátil e se baseia em exercícios realizados no chão, em colchonetes, e em trabalhos realizados com o auxílio de aparelhos de mecanoterapia. A respiração é uma importante aliada na realização da técnica, fortalecendo movimentos que o indivíduo realiza no seu dia-a-dia.

Também nesse período da Guerra, J. H. Schultz, neurólogo, cuidou de feridos em um hospital de campanha e ali teve oportunidade de estudar hipnose aplicada a pacientes neuróticos. Percebeu que muitos pacientes não entravam no estado hipnótico devido às suas condições psicofísicas. Assim, elaborou um treinamento que capacitava as pessoas “a realizar uma comutação específica sugestiva” (Schultz, 1967, p. 32).

Nessa época, Reich já tem suas pesquisas em andamento e desenvolve uma técnica psicoterápica que envolve o corpo, cuja meta é restabelecer a mobilidade física e, por conseguinte, a psíquica. Reich lidava diretamente com o paciente, tocando-o, para a realização de exercícios e massagens. Enfatizava a digestão e dava atenção especial à respiração do paciente.

Outra técnica é o *treinamento compensado de Aiginger*, uma técnica na qual o autor faz um paralelo entre os estados pós-encefálicos e os estados neuropáticos de indivíduos com traços obsessivos. Com uma característica mais fisiológica, acredita que tais distúrbios são devidos a uma disfunção dos núcleos da base e da região mesencefálica. Assim, a técnica tem por objetivo acalmar essas zonas irritadas através de exercícios de respiração, já que esta é uma função vegetativa, podendo ser consciente e estar sob o domínio da vontade.

E. Jacobson também teve uma visão mais fisiológica, ao elaborar a *técnica de relaxação progressiva*. Em suas pesquisas, chegou a medir com aparelhos clínicos o nível de tensão muscular de seus

pacientes. Esta técnica trabalha basicamente com os grupos de músculos estriados, para que o paciente possa experimentar, além da relaxação física, o relaxamento psíquico, advindo do corpo, de maneira consciente. Jacobson, utilizou essa técnica de relaxamento com crianças, no sentido da aprendizagem, profilaxia e terapia.

O método de relaxamento pelos *movimentos passivos de Wintrebert*, tem por objetivo, num primeiro momento, a regulação do tônus através de movimentos passivos, visando a um estado de descontração e ao desaparecimento de todas as resistências e participações musculares inoportunas. Num segundo momento, procura a readaptação dos movimentos, associando diferentes movimentos e posturas da vida diária aos estados de relaxamento adquiridos no momento anterior.

O *relaxamento terapêutico na criança*, de Bergès e Bounes, tem suas bases nas técnicas de Schultz e Jacobson e atende grupos de pacientes de neuropsiquiatria infantil. Entretanto, L. Michaux e G. Lelord e H. Wintrebert, seus colaboradores, concluíram que as técnicas de relaxamento de adultos utilizadas com crianças eram insatisfatórias, pois crianças necessitavam de uma técnica onde não houvesse a necessidade de sua imobilização e na qual o terapeuta pudesse ter um controle sobre o paciente. Elaboraram uma técnica, durante sessões de reeducação psicomotora, no qual todos os movimentos realizados são voluntários e observaram que ela atua tanto na musculatura periférica, quanto no sistema neurovegetativo, interferindo nos sistemas de regulamentação da vigilância e da emoção.

Voltando ao histórico realizado por Ehrenfried mencionamos a atuação da alemã Elsa Gingler (falecida em 1961), considerada a pioneira no estudo da reeducação corporal através dos movimentos, pois defendia a tese de que exercícios realizados de forma mecânica não podem produzir modificações eficazes. Infelizmente os seus manuscritos, como de tantos outros, foram queimados durante um bombardeio em Berlim. Gingler foi aluna de Mesendieck e Kaslmeyer.

Na mesma época, nos Estados Unidos, contam Fadiman e Frager (op.cit.), que Charlotte Selver e Charles Brooks, americanos, embaixados no método de Gíngler, constroem um sistema de *conscientização sensorial*, que tem por objetivo

*“o funcionamento organísmico total no mundo que percebemos, do qual somos parte – nossa ecologia pessoal: como empreendemos nossas atividades, como nos relacionamos com as pessoas, as situações e os objetos. Pretendemos descobrir o que é natural neste funcionamento e o que é condicionado.”* (p.113)

Os exercícios que constituem esse sistema de trabalho corporal lidam com atividades humanas básicas, como deitar, sentar, ficar em pé e andar. Esses movimentos que oferecem oportunidades para que o paciente possa descobrir suas atitudes com o meio ambiente e assim, desenvolver uma consciência sensorial mais amadurecida do que está realizando.

Enquanto isso, na Europa, é fundada a Federação Alemã de Ginástica, em meados do ano de 1925, que incluía todas as escolas de alguma importância. Como naquela época a ginástica tornou-se moda, surgiram muitos professores, alguns sem ter sequer recebido informações e ensinamentos suficientes para tal. Assim, para proteger o público leigo, que poderia se prejudicar com ensinamentos inadequados e ao mesmo tempo para proteger os métodos e nomes daqueles que pesquisaram e se aprofundaram na educação física, foi instituída a Federação. Essa federação muito contribuiu para o desenvolvimento do trabalho corporal, pois dava abertura para que houvesse estreita relação entre os profissionais da área, de modo que pudessem trocar informações e conhecimento.

E chegamos aqui na Segunda Grande Guerra, época em que, eclode de maneira grandiosa, a necessidade do atendimento à população da época. A população mundial está ferida tanto física, quanto

psiquicamente e necessita de cuidados em todos os sentidos. O atendimento individual, impossível para muitos, fica restrito a poucos. Assim, trabalhar em grupos com pessoas que estão com o corpo e a alma feridos é tarefa hercúlea para os profissionais da época. Nada seria melhor, pois, do que investir no corpo que está desprovido e carente de ajuda. As terapias corporais, especialmente aquelas que trabalham com grupos de pessoas, ganham espaço e notoriedade.

McNelly (1987) aponta a importância dos movimentos de dança que ocorreram durante e depois da Segunda Grande Guerra, chamando a atenção para a escola de Isadora Duncan (1878-1927). Esta dançarina americana encontrou palco na Europa com sua dança, que utilizava movimentos como forma de expressão, sem a costumeira rigidez daquela época.

*“Isadora abriu caminho para a dança como forma de expressão, combinando o impressionismo emotivo e o movimento, de um modo que o movimento resultava espontâneo, sem rotinização”(p.61).*

Sua técnica ganhou notoriedade depois da Segunda Guerra.

Outras três dançarinas norte-americanas, integraram a dança e a psicologia reconhecendo esta arte como forma válida de terapia. São elas:

1. Mary Starks Whitehouse, que vê o movimento como uma manifestação do Eu, considerado por Jung como o centro regulador da psique. Sua técnica volta-se para o trabalho com as polaridades, que considera inerentes aos movimentos, trabalhando ainda com imaginação ativa, uma técnica junguiana.

2. Marian Chace trabalhou na década de quarenta a cinquenta com pacientes psicóticos em um hospital em Washington, Estados Unidos. Como afirma McNeely,

*“Seu conceito mais elementar é o de que a dança é comunicação e preenche uma necessidade humana básica. Seu objetivo era comunicar-se com os pacientes, movimentando-se com eles. Tanto o psicótico como o dançarino fazem uso da ação simbólica do corpo para comunicar emoções e idéias que desafiam o emprego da linguagem cotidiana”(p.64).*

*e integração, de totalidade, já que nos movemos na vida experimentando simultaneamente dois níveis de existência: a transcendental e a existência humana, terrestre.”(p.65)*

Para Schoop a fusão mente e corpo ocorre desde que se lhes reconheça a interação.

F. M. Alexander, ator australiano especializado nas obras de Shakespeare, começou suas pesquisas como Delsarte e criou uma técnica através da qual o indivíduo pudesse perceber se está utilizando seu corpo de forma inadequada e ineficiente, e a maneira mais adequada para corrigir-se. Alexander sofria de periódicas perdas da voz e através da auto-observação descobriu que essa dificuldade estava relacionada a um movimento inadequado que realizava com sua cabeça. A partir de um trabalho consigo mesmo, criou *“uma técnica de ensino do movimento integrado, baseada numa relação equilibrada entre a cabeça e a espinha”*. Trabalhava com alongamento ascendente natural da coluna, movimento que beneficia não só artistas, mas também pode ser utilizado com eficácia por deficientes físicos.(Fadiman e Frager, 1986, p.110)

Rudolph von Laban (1879-1958), húngaro, dançarino e coreógrafo, dava à dança um enfoque teatral, utilizando-a como meio de educação. Durante a Segunda Guerra, emigrou para a Inglaterra. Realizou muitas pesquisas no sentido de levar o homem a movimentar-se de maneira espontânea e consciente, viabilizando a integração do corpo e da psique. Elaborou seu método de trabalho baseado nas próprias vivências e sentimentos, pesquisando incansavelmente os elementos que

constituíam os movimentos humanos, considerando que o homem se movimenta através do físico e do psíquico. Segundo ele,

*“A fonte da qual devem brotar a perfeição e o domínio final do movimento é a compreensão daquela parte da vida interior do homem de onde se originam o movimento e a ação. Tal compreensão aprofunda o fluir espontâneo do movimento, garantindo uma eficaz agilidade. A premência interior do ser humano para o movimento tem que ser assimilada na aquisição da habilidade externa para o movimento.”(1978, p.11)*

Não só os médicos e fisioterapeutas elaboraram métodos corporais. Moshe Feldenkrais (1977) era físico e se interessou pelo estudo em biomecânica, neurologia, anatomia e desenvolvimento humano, depois de ter sofrido uma série de traumatismos no joelho, praticando esportes. Estava, inclusive, sujeito a usar muletas ou cadeira de rodas para toda vida, caso a cirurgia que os médicos da época lhe propunham, falhasse. Elaborou um método de trabalho no qual através de exercícios simples e fáceis de serem realizados, a pessoa adquire uma postura física mais adequada, à melhora da visão, trabalhando ainda sua capacidade de imaginação o que conseqüentemente afetaria e aperfeiçoaria a percepção de si mesmo, levando ao aperfeiçoamento da postura do indivíduo rumo a uma conscientização de seus aspectos inconscientes. Esses movimentos envolvem o corpo e a mente, integrados no desenvolvimento da flexibilidade e da coordenação, alcançando assim um desenvolvimento mais eficaz da energia corporal. Os exercícios devem ser realizados lentamente e repetidos inúmeras vezes, com cuidado e atenção:

*“A conscientização é o estágio mais elevado do desenvolvimento do homem e, ao completar-se, mantém um “domínio” harmonioso sobre as atividades do corpo. Quando uma pessoa é forte, igualmente fortes são suas paixões, sua habilidade e*

*sua vitalidade. É impossível suprimir esses motores primários, sem reduzir seu potencial total. O progresso da conscientização é preferível a qualquer tentativa de superar os impulsos instintivos. Porque, quanto mais próxima de completar-se a conscientização de um indivíduo, mais apto estará ele a satisfazer suas paixões, sem violar a supremacia da conscientização. E toda ação se tornará mais humana". (p.63)*

John C. Pierrakos (1994) médico psiquiatra, foi colaborador de Reich em suas pesquisas sobre a energia orgone, além de também ter sido seu cliente. Pierrakos associou-se a A. Lowen e, desse encontro, resultou um sistema psicoterapêutico denominado por eles *bioenergética*. Durante muitos anos, Pierrakos trabalhou com a bioenergética. Entretanto, quando de seu casamento com Eva Pierrakos<sup>27</sup>, desenvolveu um outro sistema de cura baseado na busca da espiritualidade dentro de cada ser humano. A este método deu o nome de *pathwork*. Pierrakos associou, então, sua experiência com a bioenergética ao trabalho com o *pathwork*, criando uma técnica terapêutica profunda denominada *core energetics*, que contém, além da abordagem corporal, os fundamentos da psicanálise, da psicologia junguiana, da *gestalt* terapia e do psicodrama. Pierrakos visa com seu método de trabalho o crescimento interpessoal e transpessoal do homem, trabalhando com técnicas de respiração, *grounding*, contato, animação e catarse e realinhamento energético.

Alexander Lowen (1971) teve contato com Reich como aluno e paciente. Aprimorou as técnicas reichianas utilizando-se de exercícios que envolvem tanto o corpo como a respiração e técnicas de relaxamento verbais. Seu método de trabalho tem o objetivo de atingir o paciente sem lidar diretamente com a couraça muscular como Reich fazia. Segundo McNeely (1986), Lowen estabelece sua abordagem de acordo com a informação de diagnóstico dada pelo funcionamento físico e psíquico do paciente. Denominou sua técnica de *bioenergética* ou *terapia neo-*

---

<sup>27</sup> Eva Pierrakos era uma pessoa sensível que canalizava mensagens de um guia espiritual.

*reichiana*. A bioenergética enfatiza a necessidade do indivíduo se fundamentar, de se basear em seus próprios processos físicos, emocionais e intelectuais. O trabalho corporal desenvolvido por Lowen, via de regra, concentra-se mais nas pernas e na pélvis, para que, assim, o paciente possa estabelecer uma melhor conexão com o solo, buscando estar firmemente enraizado. O autor considera que “*É através dos nossos pés e pernas que mantemos contato com a única realidade invariável em nossas vidas, a terra ou o solo*”. (p.99)

Voltando aos dados de Masson (op. cit.), encontramos outra técnica, esta denominada *eutonia*<sup>28</sup>. Esta é uma técnica psicopedagógica desenvolvida por uma dançarina e ritimista dinamarquesa chamada Gerda Alexander, que foi de certa forma, influenciada por Feldenkrais. Começa sua pesquisa devido à necessidade de encontrar um método de formação corporal que pudesse servir de base à educação rítmica. Assim, não havendo naquela época tal método, Alexander teve que criar um sistema de ensino do movimento que atendesse seu objetivo, que era de corrigir as tensões do indivíduo para que ele encontrasse um

*“controle da flexibilidade tonal, respiração adaptável; movimento econômico caracterizado pela leveza de execução e resultados máximos obtidos com esforço mínimo; conscientização do toque e do contato; e a promoção da individuação através do aumento da conscientização do corpo.”*(p.66)

Como afirma Sándor (1982), com esta técnica o paciente descobre suas verdadeiras tensões com o objetivo de eliminá-las, ocorrendo a partir daí uma

*“reeducação dos movimentos e dos dinamismos das tensões, visando à reestruturação sistemática da imagem corporal juntamente com a realização do ‘espaço interior’. A busca da eutonia, isto é, a condição da tonicidade equilibrada, preconiza o desenvolvimento dos movimentos normais e espontâneos, utilizando*

---

<sup>28</sup> Eutonia é uma palavra grega que significa tônus harmônico.

*o ritmo como observância segura para o contato 'entre a cabeça e o corpo, entre a matéria e o pensamento".(p.86)*

Outro educador também influenciado por Feldenkrais, foi Raoul Dupont que elaborou o *método psicodinâmico* no trabalho com crianças em reeducação psicomotora. Dupont era professor de educação física, e seu método de trabalho abordava crianças tanto sadias como portadoras de dificuldades motoras, utilizando a espontaneidade das mesmas como ponto de partida para seu trabalho. Para ele, a tomada de consciência do corpo é fundamental, e ocorre através da atitude e do movimento, que deverá ser repetido pela criança e inventariado pelo profissional, para que assim a mesma possa entrar em contato com suas possibilidades físicas e, conseqüentemente, seu desabrochar afetivo.

Segundo Mesquita (1997), a Biodança é uma técnica criada pelo antropólogo chileno Rolando Toro Araneda. É um sistema de desenvolvimento do homem que visa à integração afetiva, à renovação orgânica e à reaprendizagem das funções originárias da vida. Mesquita afirma que essa técnica consiste "*na indução de vivências integradoras mediante a música, o canto, a dança e situações de encontro em grupo*".(p.32) Com isso busca-se ativar o núcleo afetivo dos indivíduos envolvidos no grupo de trabalho.

O trabalho denominado *educação gestual* de Marie-Louise Orlic, dançarina clássica e aluna de arte dramática, tem por objetivo alcançar, com a educação respiratória e do relaxamento, a unidade do corpo através da qual a personalidade do indivíduo pode se expressar, adaptar-se e dominar-se. Essa técnica compreende três etapas, sendo a primeira, a tomada de consciência de si, a seguir, a estruturação e a integração de si e finalmente, a expressão de si e a integração social. Orlic estruturou sua técnica primeiramente focalizando indivíduos adultos. Entretanto, a técnica é aplicável a adolescentes e crianças com idade mental de, no mínimo, dez anos. Para ela, o corpo do indivíduo é o único

intermediário entre ele e o outro, sendo assim considerado como um meio de comunicação universal.

Outra terapeuta, Ilana Rubinfeld, concilia os métodos de F. M. Alexander, Feldenkrais e a terapia gestáltica. Seu método é denominado *Método Rubinfeld de Sinergia* e é descrito como um trabalho que enfatiza a conscientização cinestésica interior e a terapia gestáltica como pré-requisitos para a mudança, visando à reeducação do sistema nervoso, especialmente o córtex motor.

Anita Greene, estudou com Rubinfeld e concilia análise com somatoterapia, elaborando um método que consiste em realizar o trabalho psicoterápico através da observação atenta da respiração, do contato físico e da massagem.

Outra terapeuta apontada por McNeely é Joan Chodorow, que concilia dança e análise junguiana. Seu trabalho sofreu influências de Schoop e Whitehouse. Sua técnica consiste em pedir ao paciente que se movimente em sintonia com os sentimentos aflorados durante a sessão de psicoterapia e depois realize os movimentos opostos. Com essa técnica, Chodorow busca promover a diferenciação e a integração das experiências interiores.

Outra terapeuta de dança que sofreu influências de Whitehouse, foi Carolyn Grant Fay, que associa princípios junguianos ao seu trabalho individual e grupal de terapia pela dança. Em sua técnica, as pessoas devem criar seus próprios movimentos, que devem ser associados a um tema arquetípico anteriormente proposto pela terapeuta. Concilia ainda arte, música e movimento, que são consolidados pelo processo verbal, que ampara o conteúdo psíquico.

McNeely ainda cita o trabalho de Marion Woodman, analista junguiana canadense que compõe seu trabalho corporal com sonhos, movimento, trabalhos de voz e máscaras. Inicia suas sessões com relaxamento e meditação voltados para os símbolos dos sonhos do paciente. A respiração é parte importante dessa técnica, sendo que a maioria das sessões terminam com movimentos de dança livre.

Malcolm Brown, é analista neo-reichiano, mas busca fundamentos também na teoria junguiana. Sua técnica inclui a mobilização de exercícios de energia, que devem ser realizados individualmente, exercícios em duplas e o contato físico direto com os terapeutas. Considera que a regressão pode ser “*criativamente desintegradora*”, sendo necessária ao processo de cura.

Segundo Bertherat (1987), foi Françoise Mézières quem revolucionou a visão anatômica da musculatura do corpo, pois considerou a força da gravidade atuando nos músculos. Além disso, foi quem dividiu o corpo em duas grandes cadeias musculares: a anterior e a posterior, postulando a necessidade não só de fortalecer a musculatura do corpo, mas especialmente alongá-la.

Mézières postulava que a causa única de todas as deformações era “*o encolhimento da musculatura posterior, o que é efeito inevitável dos movimentos quotidianos do corpo.*”(p.121) De tal modo, excetuando as fraturas, considera os músculos como sendo os responsáveis pelas deformações ósseas e articulares.

Depois de vinte e cinco anos de experiência profissional, pesquisa e observação, Mézières criou um método de trabalho embasado não só nessa observação, mas também na confirmação do que pode concluir através da anatomia, da mecânica articular e da neurologia. O método de Mézières é

*“irrefutável, rigoroso, que parece bastante simples, mas que é cheio de modulações e se adapta às necessidades particulares de cada doente. Método que lhe valeu a exclusão dos baluartes oficiais.”*(Bertherat, 1987, p.122)

Afirma ainda que

*“A finalidade de seu trabalho é a de tornar o indivíduo autônomo, dono de seu corpo. Mas, para conquistar essa*

*independência, ele precisa tornar-se consciente da organização dos próprios movimentos. Precisa conhecer-se a si mesmo e aceitar a responsabilidade de conhecer-se melhor que ninguém. (...) Nunca mais o próprio corpo lhe pertencerá, se ele não se decidir a tomar posse dele.”(p.132)*

Quanto à respiração, Mézières postulava que deveria ser liberada, ao contrário de educada.

Seu trabalho atua principalmente sobre os sistema simpático e parassimpático, ou seja, sobre os sistemas de auto-defesa do corpo.

Para Berhterat, o método de Mézierès situa-se no contexto dos métodos orientais como a acupuntura e técnicas correlatas, pois, como na medicina chinesa, o corpo deve ser considerado uma totalidade, não podendo haver prevalência do *yin* sobre o *yang*; e energia necessita de equilíbrio e harmonia. Para ela, Mézières trabalha com a antropoesultura, pois ela mesmo dizia fazer escultura com o material humano.

Para os terapeutas, Mézières orientava: *“Nunca devemos querer dominar o corpo do outro, meus caros. Nosso único orgulho deveria ser o de libertá-lo.”(p.133)*

Mézières foi, definitivamente, um marco, revolucionando a noção da anatomia e a concepção do trabalho corporal. Depois de Mézierès, muitos outros pesquisadores criaram suas técnicas e métodos de trabalhos embasados em suas descobertas.

L. Ehrenfried (1991), médica alemã, estabeleceu-se na França em 1933, fugindo da Alemanha nazista, país que a acolheu e onde pode desenvolver os conhecimentos recebidos de Elsa Gindler. Desenvolveu a *ginástica holística*, se é considerada a mentora das ginásticas suaves, postulando que para que, a pessoa desenvolva e funcione seu potencial psicossomático, é necessário que ela se submeta a um *“trabalho sutil de aguçamento sensorial e conscientização, fazendo agir simultaneamente a respiração, o equilíbrio e o tônus”*. (p.9)

Na França, Ehrenfried é considerada a pioneira, do trabalho corporal que faz a ligação entre o psíquico e o somático do indivíduo, pois encaminhou suas pesquisas na busca das causas dos desequilíbrios e disfunções que rodeiam e paralisam o indivíduo na sua vida cotidiana. Segundo suas palavras,

*“Nenhum exercício de ginástica – por mais engenhoso que seja – pode atingir o fundo da personalidade, lá onde habitam as causas irracionais que decidem sobre o estabelecimento de nossos comandos nervosos e nosso comportamento. Queremos falar sobre o subconsciente”.* (p. 96)

Na prática, seu trabalho privilegia o conforto físico do paciente e um estado de calma e confiança absolutas para o enfrentamento das dificuldades encontradas no cotidiano, através de técnicas de respiração, relaxamento e flexibilidade. Com este trabalho ela consegue obter um melhor rendimento tanto no nível físico como no psíquico.

Ida Rolf (1990) acreditando que na fáscia<sup>29</sup> estão guardadas lembranças de experiências do passado, desenvolveu uma técnica de trabalho que envolve dez sessões distintas de massagens profundas que atuam diretamente na fáscia, relaxando assim o corpo todo. Denominou seu método de *Integração Estrutural*, mais popularmente conhecido como *Rolfing*. Enfatizou a importância do conhecimento profundo da estrutura do corpo, não só do físico mas também de seu conteúdo psicológico, para chegar a um padrão corporal organizado. Sobre seu método afirma:

*“É um método físico para produzir um melhor funcionamento do homem através do alinhamento das unidades de seu corpo. De fato, a ordem apropriada economiza invariavelmente mais energia que a desordem. Assim, quando o homem se torna*

---

<sup>29</sup>Membrana nutridora da camada epitelial da pele; tecido conjuntivo frouxo; ocupa papel considerável na circulação dos fluidos; é o tecido conjuntivo que dá sustentação, invólucro de órgãos e músculos”. (Biefant, 1989, p.32)

*consciente de si mesmo como uma estrutura mais padronizada, sente-se revitalizado. Pára de desperdiçar seu potencial vital”(p.15)*

Dentre as técnicas mais recentes, podemos mencionar a do francês Phillippe-Emmanuel Souchard (1986), que é fisioterapeuta e, recebendo influências de Françoise Mézière, elaborou um método de terapia corporal que trata de forma diferenciada tanto a musculatura estática como a dinâmica. Denominou sua técnica de *Reeducação Postural Global, Methode du Champs Clos* (o método do campo fechado). Essa técnica tem como meta tratar globalmente os problemas músculo-articulares e para isso emprega posturas de alongamento muscular baseados na normalização da morfologia corpórea. Essas posturas são realizadas individualmente com o paciente em pé, deitado ou sentado. Souchard realiza um entrelaçamento entre o físico e o psíquico afirmando:

*“...uma agressão física pode acarretar uma sintomatologia somática, assim como uma lesão física terá reflexos sobre o psiquismo (...) após um tratamento com reeducação postural global deveria talvez suceder-se uma psicoterapia”. (p.74)*

Denomina seu método somato-psíquico, pois considera que abrange a esfera psíquica, sendo que o caminho de seu trabalho começa no corpo para chegar ao psiquismo.

Outra técnica a ser mencionada é a de Bernad Gunther (1968) que foi influenciado pelo trabalho de Charlotte Selver. Realiza *workshops* de trabalhos corporais orientados para os sentidos e seu livro **Sense Relaxation**, publicado pela primeira vez em 1974, é uma das mais populares publicações na área naquela época. Gunther realiza um trabalho fazendo com que o indivíduo possa entrar em contato com seu corpo e sentidos, para que aprenda a se tocar e a ser tocado, proteger-se e ser protegido. O *despertar sensorial* de Gunther inclui exercícios de

toques como pancadas leves, alongamentos, massagens e experimentar diferentes sabores.

Outro trabalho de linha reichiana é o de Gerda Boyesen (1922-) norueguesa, com formação em fisioterapia e psicologia. É uma das fundadoras da *psicologia biodinâmica*, método de trabalho que integra e concilia o pensamento de Freud, Reich e Jung, embasado no trabalho da vegetoterapia reichiana, concebida por Ola Raknes. O método de Boyesen (1986) abrange o trabalho com as tensões do corpo, o psicoperistaltismo, utiliza-se massagem e técnicas de movimento, sem perder de vista as expressões corporais do paciente. Boyesen descobriu em suas pesquisas e na sua própria vivência, que o corpo tem um mecanismo natural de eliminação e de auto-regulação. Observou o gorgolear dos movimentos peristálticos e criou o termo “psicoperistaltismo” para explicar a função que esses movimentos possuem na dissolução e eliminação da tensão nervosa.

Mindell (1989), suíço, analista e professor do Instituto Jung, de Zurique, desenvolveu o conceito de corpo onírico, reformulando a antiga idéia de corpo sutil, explorando a relação entre corpo e psique. Considera que *“o mais essencial é que o corpo onírico compõe-se de sensações corporais interiores e fantasias a elas vinculadas”*. (p.15) Sugere que os conteúdos inconscientes que surgem nos sonhos dão forma e ativam o corpo. Propôs um modo de trabalho corporal cujo enfoque seria estimular a ampliação e expressão dos sinais involuntários do corpo, com o objetivo de traduzilos em imagens saudáveis.

Meir Schneider (1998), polonês, nasceu cego em consequência de uma catarata, desenvolvendo também sintomas de estrabismo e nistagmo. Aos quatro anos de idade passa pela primeira de uma série de cirurgias nos olhos. Já no colegial, conhece uma bibliotecária, pesquisadora autodidata com vários problemas físicos que o ajuda a perceber a relação que existe entre os olhos e o corpo. Depois entra em contato com o livro de um oftalmologista americano, Dr. William H. Bates e começa a exercitar-se, seguindo a proposta do médico. Sua visão vai

melhorando gradativamente. Bates postula que o homem enxerga parcialmente com os olhos, porque vê com a mente. Schneider passa então a elaborar os próprios exercícios, embasado nos ensinamentos de Bates. São exercícios de relaxamento, combinados com exercícios para os olhos e para o corpo, que envolvem também auto-massagem, pois para ele, existe uma conexão entre os olhos e o corpo através dos vasos sanguíneos, nervos e músculos, que afetam-se mutuamente, e envolvem também a mente.

Thérèse Berhterat (1987) é a criadora da *antiginástica*, método de trabalho corporal elaborado a partir das técnicas criadas por L. Ehrenfried e F. Mézières. A *antiginástica* se utiliza de movimentos e posições do corpo que deverão ser realizadas com atenção e com a força percebida como possível para cada indivíduo; as emoções atuam como parceiras da determinação para a realização dos movimentos. Tem por objetivo soltar os movimentos e estruturá-los de forma que o organismo possa otimizar sua capacidade de coordenação. Desenvolve também a capacidade de relaxamento, possibilitando maior intimidade interna, o que facilita a percepção das características pessoais, próprias de cada um.

Derivada da técnica de osteopatia craniana de W. G. Sutherland, John Upledger, professor e pesquisador da Michigan University, cria um método de trabalho corporal, denominado *Craniosacro essencial*, que tem por base, “o respeito e a delicadeza”. (p.60), pois é uma técnica de manipulação corporal suave, na qual o terapeuta pode observar a pulsação do líquido cérebro-espinhal, que os osteopatas denominam respiração somática primária, pois é anterior à respiração diafragmática. Navya e Garcia postulam que esta técnica é também um trabalho de integração somática por possibilitar ao paciente a consciência corporal, estimulando o contato consigo mesmo através das sensações e emoções corporais, assim como dos pensamentos e vivências anteriores que podem advir como resposta à aplicação da técnica.

Godelieve D. Struyf (1995) é fisioterapeuta e osteopata, embora tenha cursado inicialmente Belas Artes na Bélgica. Segundo ela, o corpo é um meio de trabalho excepcional, pois através da observação das mensagens gestuais e posturais pode-se compreender e buscar alívio para o desconforto do homem. Associou sua habilidade de retratista, na análise morfológica e psicológica das formas, à observação corporal na fisioterapia. Assim, com o objetivo de realizar uma observação corporal e terapêutica mais individualizada da mecânica humana, criou um método de trabalho que envolve a leitura da postura, do gesto e das formas do corpo, que leva a pessoa à conscientização corporal. O cuidado terapêutico que Struyf propõe, busca a regularização das tensões musculares, da modelagem do corpo e do ajustamento osteoarticular. Para ela,

*“o funcionamento harmonioso do corpo é, sobretudo uma questão de construção, estruturação psicocorporal lenta, paciente e precisa de um corpo e de um espírito, geralmente fragmentados por nossos modos de pensamento e de vida. É um corpo a construir ou reconstruir, uma morada onde realizar a CENTRAÇÃO e a UNIDADE DA PESSOA.”* (p.14)

Struyf propõe uma técnica que é mais individualizada, o que leva o indivíduo a cuidar de si mesmo e afirma que dentro de cada um de nós há um terapeuta que é o proprietário das chaves do nosso corpo. Assim,

*“... pelas vias do corpo, com essas chaves do corpo, cada um pode aprender a gerir, aprender a desenvolver uma estratégia de prevenção psicocorporal bem calibrada ou contribuir para a cura do organismo que ficou doente.”*(p.15)

Shizuto Masunaga (1977) é o criador da versão moderna da arte da acupressura, isto é, da acupuntura sem agulhas, denominada por

ele *zen shiatsu*. Nesta técnica, o terapeuta deve utilizar as mãos, os dedos, o antebraço, os cotovelos, os joelhos e os pés. Seu criador era psicólogo e combinou seus conhecimentos nessa área com os conhecimentos do Oriente milenar e o moderno Ocidente. Esta técnica lhe permite realizar diagnósticos, utilizando conceitos da acupuntura tradicional. Esses diagnósticos são obtidos com leve pressão no abdome, que indica o que o paciente necessita como terapêutica. Pressões, alongamentos e rotações também são empregados para que se restabeleça o equilíbrio corporal.

David Boadella (1985) é o criador da *Biossíntese*. Influenciado por W. Reich, G. Boyesen e A. Lowen, busca com seu trabalho envolver o homem em três dimensões: a somático-emocional, a psicossocial e a essencial espiritual. Seu método de trabalho é voltado para uma terapia corporal que trabalha com a integração dos padrões de respiração, do tônus muscular e da expressão dos sentimentos.

Segundo Frankel (1997) a biossíntese enfatiza as “...qualidades humanas presente no cliente, assim como à função da ressonância, da presença orgânica e do encontro terapêutico.”(p.40)

Maria Adela Palcos (s.d.) é argentina e elaborou um trabalho que tem por objetivo levar a pessoa a se libertar de suas travas para poder transitar pelo seu mundo interno sem se aprisionar em nenhum de seus aspectos. Assim, pode desenvolver tanto o físico quanto o psíquico, para alcançar sua integração plena e se tornar um indivíduo unificado, indivisível. As técnicas usadas são: ginástica expressiva e respiratória, massagens, dramatizações, trabalhos com a voz, dinâmica grupal, meditação, trabalhos manuais, convivência em contato com a natureza e hiperventilação. Palcos postula que “o homem é um ser energético” (p.1) e está intimamente ligado ao universo energético, separado somente pela pele, que é facilmente trespassada pelas energias. Postula a existência de vários centros com sobrecarga de energia ou desvitalizados, que se manifestam e são observáveis no físico, como rigidez, tensão, dor ou doenças orgânicas. Palcos salienta ainda que a meta final de seu

trabalho é “o desenvolvimento harmônico do homem... essa é a meta e esse é o caminho... e o movimento é a ferramenta fundamental no nosso trabalho” (p.12). Palcos é a idealizadora e fundadora da Fundación Río Abierto, com sede na Argentina e em várias capitais do Brasil e do mundo.

Dentre as terapias corporais mais recentes, encontramos o *watsu*<sup>30</sup>, e suas vertentes: a *water dance*, *healing dance* e o *toque pleno*. Como afirma Geogeakopoulos (1996), Harold Dull transportou para as águas aquecidas as técnicas do *zen shiatsu*, criado por Masunaga, no Japão. Essa técnica consiste em apoiar, movimentar e massagear os pontos de tensão muscular que o paciente apresenta. Segundo Dull, a alternância de massagem, alongamento e flutuação leva a pessoa a um estado consciente de integração psicofísica, pois seu corpo vai estar sendo embalado com movimentos suaves e compassados.

A técnica de *water dance* foi desenvolvida pela psicóloga americana Aman Peter Schoroter e pela terapeuta corporal Arjana C. Brunschwiler. Nesta técnica, o paciente é movimentado para dentro e para fora da água, experimentado a força da gravidade, através da flutuação<sup>31</sup>. O corpo é alongado, girado, apoiado e movimentado com movimentos em onda (como uma cobra) ou como um golfinho. Dessa maneira, estará livre de tensão e poderá experimentar sensações e sentimentos de soltura. Estados profundos de relaxamento e meditação também são experimentados, assim como mudanças na percepção de tempo e espaço. Para a aplicação desta técnica, o terapeuta deverá conhecer o paciente mais intimamente, visto que este deverá ter confiança plena, para que possa se soltar e deixar-se levar para dentro e fora da água.

Alexander Geogeakopoulos (1996) estudou com Dull e elaborou a técnica denominada *healing dance* - dança curativa - e é também derivada do *watsu*. Essa técnica leva o paciente a experimentar

---

<sup>30</sup> *Watsu* é a junção das palavras *water* (água) e *shiatsu*, significando, *shiatsu* na água.

<sup>31</sup> O nariz é protegido por um clipe.

sensações emocionais mais profundas. Os movimentos realizados na água são circulares e cíclicos, como ondas, espirais que podem ser experimentados como *“uma mandala no espaço, na completa tridimensionalidade da água onde o terapeuta ‘viaja’ para criar uma ‘corrente virtual’ na qual o paciente ‘navega’*”.

O *toque pleno* foi também desenvolvido por Georgeakopoulos. Esta técnica incorpora a dança, a polaridade, a massagem clássica, o trabalho corporal mais profundo e a manipulação das articulações. O terapeuta deve tocar o paciente utilizando as mãos e o antebraço, criando círculos sincronizados e alternados, para que dessa forma mobilize a energia corporal através dos meridianos do corpo. Objetiva nutrir a pele satisfazendo a necessidade humana do toque. O terapeuta deve utilizar óleo para essa massagem e se movimentará como se estivesse dançando com o corpo do paciente.

Bernard Wosien (1908-1986), bailarino alemão, coreógrafo e professor de danças, iniciou uma pesquisa em 1952 sobre as danças de todos os povos da terra. São danças de roda que integram o corpo através dos movimentos e dos sentimentos que os movimentos repetitivos e ritmados propõem. As danças circulares sagradas, como são chamadas, receberam esse nome porque,

*“expressam – e, conseqüentemente, nos fazem experimentar – a sabedoria da Alma dos Povos, e as qualidades espirituais, ‘conteúdos primordiais da nossa própria alma’*”.(Ramos, 1998, p.9)

As danças circulares sagradas são um instrumento de grande valia e ajuda nos diversos ramos tanto da área da saúde, como de outros setores que lidam com grupos de trabalho e de ajuda.

A *biomassagem*, segundo o massoterapeuta José M. Góes (1997), seu criador, é um método de massagem terapêutica que tem por objetivo distribuir a energia vital do corpo humano. Foi desenvolvido com

base nos métodos de trabalho corporal desenvolvidos por W. Reich, A. Lowen, G. Boyesen, além dos princípios da circulação energética segundo a visão chinesa. Seu autor postula que seu método de massagem terapêutica

*“...reconhece que a saúde física e psíquica depende do livre fluxo de energia vital por todo o corpo do indivíduos e se propõe a restabelecer este fluxo, onde se instalam os bloqueios”. (p.37)*

Iannitelli e Muhana (1997) são respectivamente mestre e doutora em dança e trabalham no Brasil com o *Contact Improvisation*, uma prática corporal desenvolvida pelo bailarino norte-americano Steve Paxton. Esta prática, segundo as autoras envolve a pesquisa e a *performance* do movimento e mescla dança, teatro, terapia e atletismo, com o objetivo de buscar “... a redefinição do eu (self) por meio de um corpo responsivo e inteligente.”(p.50) O *contact improvisation* tem como fundamento teórico a fenomenologia, o *zen* budismo e o *aikido*<sup>32</sup>, sendo uma técnica que pode ser aplicada em portadores de vários desequilíbrios corporais e energéticos, no sentido de remodelar os níveis de percepção e comportamento.

Outra técnica atual é a *Reprogramação Músculo-Articular* conhecida como RMA, que foi desenvolvida pelos fisioterapeutas Tho Chieng Chu e Ricardo Giglio (s.d.), embasada nas pesquisas do médico japonês Dr. Matsubara Eita. Este médico pesquisando estudos realizados com a acupuntura, cinesiologia aplicada<sup>33</sup>, *kinethio tape*<sup>34</sup>, posturologia, osteopatia, reorganização postural global e medicina tradicional chinesa, descobriu, também em suas observações clínicas, que as tensões se manifestam em forma de zigue-zague em um plano bidimensional. Como o corpo é tridimensional, ele chegou à conclusão de que os pontos de tensão formavam uma espiral perfeita. Assim, percebeu que enfaixar um

---

<sup>32</sup> Arte marcial japonesa.

<sup>33</sup> Terapia que relaciona os músculos com os meridianos de energia da acupuntura.

<sup>34</sup> Aplicação de bandagens com fitas adesivas elásticas.

paciente com fitas adesivas estreitas<sup>35</sup> de um lado do corpo para outro ou vice-versa, poderia trazer certos benefícios para seu organismo.

No Brasil, os fisioterapeutas aprimoraram essa técnica e utilizam, além das fitas adesivas, adesivos circulares em formatos especiais, denominadas por eles de células programadoras, que não possuem qualquer tipo de medicamento. Essas células são coladas, sem pressão, na pele do paciente que passou previamente por uma avaliação clínica criteriosa. O objetivo desta técnica está na correção das alterações biomecânicas do sistema músculo-esquelético, atuando sobre a dor e a limitação dos movimentos. Realiza o balanceamento da musculatura responsável pelos movimentos ou a manutenção da postura, além de reprogramar o funcionamento muscular.

Com a história do trabalho corporal finalizamos mais uma etapa deste trabalho, que se empenhou em contar parte da história do homem, focalizando a filosofia e, a partir dela, seguir o caminho da medicina que nos trouxe até a trilha do trabalho com o corpo.

Está contada parte da história da História. Se olharmos atentamente para cada passo dado durante todos esses séculos o que se pode observar é uma tentativa de buscar, em todos os movimentos feitos pelos grandes pensadores e pesquisadores, um caminho para o desenvolvimento e crescimento do homem e sua alma. Características holísticas podem ser encontradas em cada detalhe de cada técnica, de cada método corporal, pois a tentativa de compreender o homem e a natureza nos leva ao caminho que propõe a integração do ser humano consigo mesmo, com a natureza e com a força cósmica. E os métodos de trabalhos corporais vêm reforçar o crescimento e a evolução do homem a caminho dessa integração.

Cabe aqui a seguinte afirmação, que introduz uma das páginas da *internet* por nós visitada:

---

<sup>35</sup> Esparradrapos.

*“Se aceitarmos que a principal meta da psicoterapia é a expansão da consciência do paciente, incluindo a consciência de si mesmo, e se aceitarmos ainda que cada pessoa é um todo indivisível e que seu corpo e seu psiquismo são apenas diferentes formas de expressão desta mesma unidade sincrônica, então entenderemos a necessidade de incluir o corpo no contexto do atendimento psicoterápico”.(Machado)<sup>36</sup>*

---

<sup>36</sup> In <[http: www.geocities.com/~toquesutil](http://www.geocities.com/~toquesutil)>

### III. C. G. Jung: um inconsciente realizado

*“Minha vida foi singularmente pobre em acontecimentos exteriores. Sobre estes não posso dizer muito, pois se me afiguram ociosos e desprovidos de consistência. Eu só me posso compreender à luz dos acontecimentos interiores”.*

(C. G. Jung)

Neste sub-capítulo, não tenho a pretensão de sintetizar a obra de Jung, o que de fato seria inviável e não caberia neste ensaio. Mas se faz mister mencionar este pensador da psique humana, uma vez que o presente estudo foi realizado com base em seus pensamentos, ocorrendo o mesmo com o método de trabalho corporal elaborado por Sándor, que tem como fundamentos também a psicologia profunda de C. G. Jung.

Jung foi um médico suíço nascido em 1875, em uma aldeia, mas que se transferiu junto com a família para Basileia, importante centro cultural da Europa, ainda em tenra idade. Foi nesta cidade que realizou todos os seus estudos, inclusive sua formação médica. A medicina foi uma escolha difícil para ele, pois se interessava por diversas áreas do saber: da arqueologia às ciências naturais. Sua escolha pela psiquiatria, em vez da clínica médica, como era esperado, se deu pela influência da leitura de um Manual de Psiquiatria no qual no prefácio, o autor, Krafft-Ebing se referia à psiquiatria como prática subjetiva e considerava as psicoses como doenças da personalidade.

Jung (1992), ao realizar tal leitura, conscientizou-se de que com a psiquiatria poderia reunir seus interesses: filosofia, ciências naturais, ciências médicas e espirituais. Como ele mesmo observa,

*“Lá estava o campo comum da experiência dos dados biológicos e dos dados espirituais, que até então eu buscara inutilmente. Trata-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade”.* (p.104)

Assim, em 1900, com vinte e cinco anos, concluiu o curso de medicina e iniciou uma carreira ascendente na Clínica Psiquiátrica Burgholzli da Universidade de Zurique, local de intensa atividade científica na época. Ao defender sua tese de doutorado, em 1902, passa a assistente de E. Bleuler, um dos maiores psiquiatras de todos os tempos, e pesquisador original. Nessa época, realiza sua pesquisa sobre as associações verbais, que, apesar de terem o objetivo de elucidar a estrutura psicológica da esquizofrenia, levaram-no à compreensão e descoberta da conceituação dos complexos afetivos. Essa foi a primeira contribuição de Jung à psicologia moderna.<sup>37</sup>

Depois, publica **Os estudos sobre associações** (1906) ; **A psicologia da demência precoce** (1907) e **O conteúdo das psicoses** (1908).

Jung (op. cit.) tinha uma maneira diferente de diagnosticar, procurando não rotular os pacientes, mas buscando investigar a fundo seu histórico, a fim de encontrar as origens psíquicas de seu sofrimento. Sobre isso, postula:

*“Os diagnósticos clínicos são importantes pelo fato de proporcionarem uma certa orientação, embora não ajudem o paciente. O ponto decisivo é a questão da ‘história’ do doente, pois revela o fundo humano, o sofrimento humano e somente aí pode intervir a terapia do médico.”* (p.115)

---

<sup>37</sup> Bleuler, fundamentado em muitas observações e nas pesquisas sobre associações, propôs a substituição da denominação de demência precoce pela de esquizofrenia, palavra grega que significa separar, fender. J. Shatzky, se refere à esse fato ao prefaciar a tradução inglesa no Manual de Psiquiatria de Bleuler: “Com a ajuda dos estudos de Jung, Bleuler descobriu que esse distúrbio comum é a dissociação psíquica, daí o nome de esquizofrenia”(Silveira, 1974, p.30)

Esse era o pensamento do jovem médico e assim foi que começou a ter as primeiras idéias sobre a esquizofrenia, denominada até então de *dementia praecox*. Jung obteve êxito no tratamento de vários casos assim diagnosticados, e relata que tratou esses pacientes com muita discrição, pois deveria evitar que o acusassem de mistificador ou que simplesmente sugerissem que o diagnóstico estivesse errado.

Considerava que cada doente deveria ser tratado por uma terapia diferente, pois necessariamente um método clínico não pode se adequar a todos os casos:

*“Cada caso exige uma terapia diferente. (...) A psicoterapia e as análises são tão diversas quanto os indivíduos. Trato cada doente tão individualmente quanto possível, pois a solução do problema é sempre pessoal. ... é necessário que um médico tenha o conhecimento dos assim chamados “métodos”. Mas deve evitar o engajamento fixo de um caminho determinado, rotineiro. Deve se utilizar com muita prudência das hipóteses teóricas. Talvez elas sejam válidas hoje, e amanhã surgirão outras.”(p. 120)*

E sobre o próprio terapeuta, afirmava que este não deveria se contentar em compreender somente o paciente, mas que deveria compreender-se a si mesmo. Considerava que a terapia do doente se iniciava com a análise do próprio terapeuta, para que esse conhecesse a si mesmo, pois só assim, conhecendo e compreendendo sua própria alma, poderia acolher o paciente fazendo com que ele também conhecesse a si mesmo. O terapeuta deve também ter a supervisão de um terceiro, para que possam os dois visualizar o caso sob um outro prisma.

Em 1900, Jung já lera a **Interpretação dos Sonhos** de S. Freud e descobrira a relação desta obra com suas próprias idéias. Freud, naquela época, não era bem visto pela comunidade científica, e, apesar disso, Jung defendia suas idéias e postulados, por acreditar que o

verdadeiro caminho para a compreensão do sofrimento humano seria aquele que Freud propunha. De 1906 a 1912 Freud e Jung mantiveram estreito contato através de correspondências. Foi em 1907 que se encontraram pessoalmente e iniciaram estreita amizade, tanto profissional como pessoal. E em 1912 romperam essa ligação, visto que não concordavam mais em diversos pontos básicos a respeito do inconsciente.<sup>38</sup> Jung publica seu livro **Metamorfoses e Símbolos da Libido** que de fato define o rompimento da amizade. Fica sozinho e é taxado de místico pela sociedade científica da época.

Jung continua a publicar e a realizar palestras a convite de Universidades e comunidades científicas. Com o objetivo de conhecer mais sobre o homem, realiza longas viagens entre 1921 e 1926, à África do Norte, à África Oriental Inglesa e à América do Norte, visitando e convivendo com civilizações ainda primitivas. Foi durante essas viagens que descobriu a *significação cósmica da consciência*, percebendo como o homem primitivo respeitava e vivia harmonicamente com os eventos da natureza. (Silveira, 1974, p.19).

Mais tarde, buscando elucidação para suas experiências interiores, conclui que seu processo interno corresponde ao processo de transformação alquímica. Compreende que se a experiência interna é rápida como um relâmpago, o trabalho científico deverá ser construído lentamente, com muita prudência. Se ele, como homem, vivenciava certas coisas, os outros homens, também deveriam ter as mesmas experiências que ele tinha. Foi através desses postulados que a psicologia analítica de Jung encontrou na alquimia sua correspondente histórica. Destas descobertas, Jung publica em 1944 o livro **Psicologia e Alquimia**.

Tantos outros livros foram publicados por ele, que teve uma produção acadêmica intensa. O conjunto de suas obras completas, conta, na edição inglesa, dezoito volumes, além de outros livros, seminários e

---

<sup>38</sup> Segundo von Franz (1992), para Freud " ... o ponto fundamental era saber se o inconsciente é apenas um epifenômeno da consciência, advindo das repressões" e para Jung o inconsciente é visto como " a matriz criadora autônoma da vida psíquica normal"(p.13) Essas são as diferenças básicas que permanecem até hoje.

supervisões mimeografadas, que fazem parte do acervo do Instituto C. G. Jung, de Zurique.<sup>39</sup>

Toda produção de Jung pode ser considerada, como bem descreve Silveira, como *“um organismo que cresceu e transformou-se enquanto foi vivo seu autor”* (p.39), isso porque ele não teve a intenção de construir um método ou um sistema científico finalista, mas, como ele mesmo sugeria, cada terapeuta era possuidor de seu próprio método, sendo ele mesmo esse método, assim como cada paciente era digno de ser tratado com a individualidade pertencente a cada ser humano. Por esta razão, para se compreender e assimilar seus ensinamentos deve-se estar disposto a *“muitas caminhadas em circunvoluções, nessa busca apaixonante de penetração na complexidade da psique que é característica da psicologia de C. G. Jung.”*(p.39)

A obra de Jung, como destaca von Franz<sup>40</sup> (1992), *“ ultrapassa a esfera acadêmica, penetrando em todas as outras áreas da vida”* (p.12). De fato, Jung interessou-se não só pelos distúrbios específicos da psique do homem, mas buscou desvelar seus mistérios, com o intuito de chegar à fonte da qual brota todo seu saber. Para ele, absolutamente tudo se origina na psique, já que considera o inconsciente como sendo a *“matriz criadora autônoma da vida psíquica”*.(Jung, apud von Franz, 1992, p.13)

Muito discreto e cauteloso em suas colocações, devido aos percalços enfrentados por ele naquela época em que se descobria que havia uma relação íntima entre neurose e moralidade, foi até de certa forma muito parcimonioso ao se colocar quando o assunto era relacionado ao paralelismo psicofísico. Essa cautela certamente se deve ao cuidado que tinha, em confrontar-se diretamente com a forma de pensar do início do século XX, época em que brotaram as mais ousadas e

---

<sup>39</sup> Muitas dessas publicações foram traduzidas por Sándor para seus alunos de Cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

<sup>40</sup> Marie-Louise von Franz (1915 - ) trabalhou com Jung de 1933 até seu falecimento em 1961. É Ph.D. em línguas clássicas pela Universidade de Zurique e colaborou com Jung em seus estudos sobre alquimia. Foi ela quem fundou o C. G. Jung Institute de Zurique, instituição responsável pela transmissão dos ensinamentos junguianos.

inovadoras idéias sobre o homem e sua psique. Jung (op. cit.) ousou, inovou e muito prematuramente descobriu que

*“é inútil falar aos outros sobre coisas que não sabem. Quem não compreende a injúria que inflige a seus semelhantes falando de coisas que ignoram é um ingênuo. (...) Compreendi que uma idéia nova, isto é, um aspecto inusitado das coisas só se afirma pelos fatos. Os fatos abandonados nem por isso desaparecem; um belo dia ressurgem, revelados por alguém que compreende seu significado.” (p.100)*

Assim, apesar desta maneira de pensar, Jung não se esquivou no que concerne ao tema relacionado com as interações mente-corpo. O que fazia era colocar suas idéias fundamentadas em fatos passíveis de demonstração factual. Pode, desta forma, discorrer claramente sobre as correlações psicofísicas.

## IV. MÉTODOS DO TRABALHO CORPORAL

*“Faça, depois me conte”  
(Sándor)*

### 4.1. Pethö Sándor: uma vida de experiência

Este ensaio biográfico foi escrito com base nas informações contidas na *Home Page Calatonia e Toques Sutis*, assim como nas entrevistas realizadas com os familiares de Sándor.

Parece-nos importante aqui, realizar este trabalho para que o leitor, que não conheceu Sándor, possa tomar conhecimento de quem foi e de como viveu este homem.

*“Todo psicoterapeuta não só tem o seu método: ele próprio é esse método”* (Jung, 1981, p.84). Assim, contar aqui brevemente a trajetória de vida de Sándor, foi a maneira que encontramos para demonstrar e justificar as palavras de Jung. Além de também apresentar o homem Sándor, que levava dentro de si uma história, uma experiência de vida que muito tem a ver com a construção do método de trabalho corporal.

Para justificar esta colocação, mencionamos as palavras de um dos depoentes, que fala sobre o homem Sándor, que construiu o método de trabalho corporal:

*“... quando o Sándor tocava, ele trazia o médico que andou na neve, que viu o pai dele morrer, que viu a mãe dele morrer, trazia a história nele. Você era tocada por um homem que tinha essa história e isso é bom a gente perceber. Nós somos nossa história. Esse é nosso currículo”.*

Sándor nasceu em abril de 1916, na cidade de Gyertyamos, no sul da Hungria, região que hoje compõe a Iugoslávia. Era filho de Tibor Sándor, um juiz de Direito, e de Sarolta Kafka. Foi um dos três filhos do casal. Durante sua infância, viveu em Also Göd, lugar onde ocorriam movimentos intelectuais e eventos culturais. Por volta dos cinco anos de idade já lia, tendo aprendido sozinho. Nesta idade, era escoteiro e aos cinco anos participou do primeiro Jamboree<sup>41</sup>, do qual Baden Powell, o fundador do escotismo estava presente. Nesse encontro, a pedido de Powell, Sándor pode demonstrar como era habilidoso na arte de jogar laço. Quando adulto, na Hungria, dirigiu vários grupos de escoteiros, o que também fez quando chegou ao Brasil, por um ano.

Estudou canto lírico e se formou em medicina pela Faculdade de Medicina Paz Many Peter de Budapeste, em 1943, especializando-se em ginecologia e obstetrícia. Quando jovem Sándor praticava canoagem, remo, andava muito de bicicleta, tendo um bom preparo físico. Casou-se com Marieta Marton, com quem teve dois filhos.

Em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, com o avanço das tropas russas, vê-se obrigado a mudar de seu país, para um lugar mais seguro. Durante a viagem, numa das paradas, desce para buscar água. O trem é equivocadamente bombardeado: assim, Sándor perde seus pais. Como era o único médico presente, atende a todos os feridos, para só depois velar os pais falecidos. Tinha vinte e nove anos de idade.

Nessa época, Sándor procura um amigo que fizera durante a fuga: Jozsef Stoker. Como conta um dos depoentes, esse amigo faz com ele um estudo astrológico e lhe avisa, que *“ele precisaria se cuidar porque naquele ano, ainda o filho mais velho e a esposa estariam em perigo”*.

Depois de seis meses, seu filho mais velho, na época com dois anos de idade, tem uma crise de apendicite grave e fica hospitalizado para a realização de cirurgia. Sua esposa, Marieta, ao visitar o filho, fica gripada e tem uma inflamação do nervo trigêmeo e por isso também fica

---

<sup>41</sup> Encontro de escoteiros do mundo todo, do qual participam radio amadores, para que os escoteiros dos diferentes países possam entrar em contato.

hospitalizada. Aos vinte e seis anos, Marieta falece, com o agravamento de seus problemas de saúde. Assim, aos vinte e nove anos Sándor perde os pais, a esposa e a Pátria. Fica com os dois filhos, que nessa época tinham dois e três anos. Com todos esses acontecimentos Sándor resolve que, como conta um dos depoentes, *“precisava mudar a vida”*. Procura Jozsef Stoker que está no norte da Alemanha. Jozsef era juiz, advogado, tocava órgão, piano, regia orquestra e compunha música; era grafólogo, caracterólogo, isto é, fazia a leitura através da observação do corpo da pessoa, e entendia de astrologia. Sua esposa, Iren era professora e ceramista. Com Josef e Iren, Sándor aprendeu astrologia e começou a estudar os antigos ensinamentos. Como coloca um dos depoentes, *“espiritualmente eles eram muito fortes (...) esse é o dom deles (...) nós somos sempre intuitivos, que percebemos as coisas de um outro jeito, e o dele era o científico (...) por isso é que mesclou tão bem.”* E, apesar de ser objetivo e científico, em outro depoimento encontramos: *“Ele era uma pessoa muito chão-chão e ao mesmo tempo tinha uma fé bem grande espiritual.”*

Quando foi encaminhado para trabalhar num campo de refugiados na fronteira com a Suíça, deixou seus filhos com a família Stoker, no norte da Alemanha. Seu professor de canto estava na Suíça e lhe ofereceu a chance de ir para lá. Sándor poderia ter desenvolvido o canto, já que queria muito ser cantor de ópera, só que teria que deixar os filhos. Ele sabia que os Stoker assumiriam seus filhos, mas preferiu voltar para junto deles.

Depois, foi trabalhar em outro hospital, da Cruz Vermelha em campo de refugiados, na Alemanha, atendendo todo tipo de pacientes, desde feridos e traumatizados de guerra, até gestantes. Assim, em plena guerra, Sándor inicia seus estudos, observações e pesquisas que o levaram à elaboração da técnica da calatonia, aplicando-a em pacientes das áreas psicológica e neuropsiquiátrica.

No final da guerra, antes de chegar ao Brasil, Sándor e a família Stoker se mudaram para dezessete lugares diferentes, ainda na

Europa. Ficaram durante onze meses na Polônia, onde Sándor aprendeu um pouco da língua eslava.

Em 1949, emigram para o Brasil: Sándor acompanhado pelos filhos e os amigos que se transformaram em sua família. Durante a viagem, estudou a língua portuguesa, idioma que integrou aos outros que já dominava: alemão, inglês, grego, latim, e sua língua natal, o húngaro.

No Brasil não pode atuar como médico, pois necessitava da documentação para validar seu diploma. Esses documentos nunca chegaram. Como a psicologia ainda não estava oficializada no país, e por isso esses profissionais não necessitavam de documentação, Sándor pode montar seu consultório e começar, a atender a comunidade húngara, que o conhecia e nele confiava.

Sándor não cursou faculdade de psicologia, mas aprendeu muito durante os anos de guerra. Como diz um dos depoentes,

*“... ele aprendeu psicologia como ninguém durante a guerra, por causa da guerra e pelo que ele via na guerra. (...) ele contava: ‘... eu dizia pras pessoas que carregavam duas malas: ou você solta uma ou você vai morrer... e eu vi gente de monte morrer com duas malas na mão’. Então, isso cria na pessoa um modo de ver a vida. Quer dizer, hoje você vê a nossa geração dar muito valor para bens materiais. Era a última coisa que Sándor pensava, não porque ele fosse comunista, ateuista, o que fosse. Nada disso, porque ele descobriu na guerra que isso simplesmente não vale nada. (...) ele tinha uma marca de guerra...”*

Ainda continuando a falar sobre seu aprendizado durante a guerra temos:

*“...ele descobriu uma coisa: que os sintomas antes de ficarem físicos, eles estão no psicológico já gritando. Ele sempre dizia: ‘É incrível como os psicólogos gostam de ser mini-médicos’ ou ‘Como a psicologia é a segunda opção para a medicina e eu larguei*

*a medicina para ser psicólogo e as pessoas não entendem que você poderia estar atuando antes do problema virar problema físico'. (...) ele queria chegar antes no enfoque do problema do camarada e como psicoterapeuta talvez ele conseguiria mais sucesso”.*

Aqui vale lembrar que, na guerra Sándor, era conhecido entre os oficiais alemães, como “o médico que cura com as mãos”. Isso porque quando lhe traziam algum oficial doente ou machucado, Sándor o atendia em uma sala com as portas fechadas para que ninguém pudesse observar como aplicava as técnicas corporais. Como pagamento, recebia comida que repartia com os que dela necessitavam.

Chegando ao Brasil, em Junho de 1949, Sándor vai inicialmente trabalhar como laboratorista na empresa Nitroquímica, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo. Nesse emprego permanece por quatro anos. Depois, quando já tem mais conhecimento da língua portuguesa, monta seu primeiro consultório na Rua Augusta, em frente ao Conjunto Nacional, na região dos Jardins. Sándor, nessa época, tinha o consultório adaptado em um dos cômodos da casa, e assim também foi quando se mudaram para a Rua Paraguaçu, e depois para a rua Bocaina. Como conta um dos depoentes se referindo à atividade psicológica em lugar da atividade médica, “cada vez mais trabalhava o corpo e cada vez menos ferviam-se as seringas”.

Em outro depoimento encontramos:

*“Ele se interessava por corpo, então ele trabalhou com massagem nos primeiros tempos de Brasil. Ele sabia fazer massagem muito bem. Ele fazia uma massagem que chamava de tecido profundo, que é mais parecida com a massagem sueca. Ele entendia de massagem....o trabalho com o corpo para ele era uma coisa natural... e apesar de que num primeiro momento a massagem vinha junto com o toque sutil, com o passar do tempo ele foi se interessando mais pelo sutil, foi deixando a massagem, e isso foi acontecendo naturalmente.”*

Logo que chegaram ao Brasil, Jozsef falece, e em 1955, Sándor casa-se com Iren, que falece em 1966. Como conta um dos depoentes, *“Quando Jozsef morre Sándor faz questão de se casar com Iren. Ela é muito mais velha que ele, mas ele quer casar com ela, quer assumir a família dela.”*

Nessa época, é convidado a fazer parte do corpo docente do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia São Bento, localizada no Bairro Higienópolis em São Paulo. Mais tarde, esse curso é agregado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), através de um acordo econômico entre as duas escolas, onde Sándor assume a disciplina de Psicologia Profunda e introduz a disciplina Integração Fisiopsíquica. Quando Madre Cristina Sampaio Dória funda o Instituto *Sedes Sapientiae*, Sándor é convidado para fazer parte do corpo docente do curso de Psicomotricidade, que mais tarde é extinto. Sándor cria, então, o curso de Psicologia Profunda de Jung. Neste curso há a disciplina chamada Cinesiologia, que dá origem a outro curso, com o mesmo nome, que Sándor dirigiu até seu falecimento. Este curso existe até hoje, assim como perduram os Encontros Anuais de Cinesiologia, que por ele foram idealizados.

Quando Sándor iniciou sua carreira acadêmica, já desenvolvia grupos de estudos em seu consultório. Nestes grupos, ensinava técnicas básicas de relaxamento, como o método de Schultz, o método de L. Michaux, a relaxação progressiva de Jacobson, Reich e a calatonia, além da psicologia junguiana, astrologia e temas esotéricos. Não aceitava pagamento pelos ensinamentos que recebera gratuitamente, ou seja, astrologia e esoterismo que estudara com a família Stoker. Entretanto, exigia de seus alunos pontualidade, assiduidade e dedicação em relação a esses grupos, assim como às aulas, pois para ele os grupos, de maneira geral eram de importância fundamental.

Sándor aperfeiçoou o método de trabalho corporal que elaborou, depois que chegou ao Brasil. Como a calatonia é uma técnica que exige mais tempo para ser aplicada, alguns profissionais e alunos lhe

pediram, como conta um dos depoentes:

*“... o pessoal solicitou: ‘Sándor, será que tem alguma coisa mais rápida que se possa fazer com os pacientes, que se possa fazer sentado, que não precise ser deitado numa cama, numa sala...’ Especialmente num hospital, que é um entra e sai, muitas vezes não dá para você fazer calatonia... então será que não tinha algo mais rápido, mais focal? Então ele começou a pensar nessa coisa do focal, de fazer toques que soltassem determinados grupos musculares e que fossem mais focais e não tão sistêmicos como a calatonia.”*

Sándor ficou entusiasmado quando recebeu esse pedido:

*“...você via que ele estava com aquilo na cabeça o dia todo, pensando, consultando material, repensando, experimentando... ele ia elaborando e falava disso, do que ele pensou... ele ficou muito entusiasmado.”*

Assim, seu método de trabalho sutil foi se expandindo através de experiências com os toques, que ele fazia ou pedia para que uma dupla fizesse. Como conta um dos depoentes,

*“Ele tinha que pesquisar no corpo das pessoas, tinha que experimentar em outras pessoas, ele chegou a experimentar na gente. Lembro de uma vez que ele pediu para (...) fazer um toque que era aqui, no dente canino, e quando ele me perguntou o que eu observei, respondi que fiquei com vontade de morder o dedo dele. Ele tirou o dedo depressa!”*

Em 1985, após um período de viuvez, casa-se novamente com uma psicóloga, sua colaboradora, Maria Luiza Simões.

Sándor gostava de descansar em seu sítio em Pocinhos do Rio Verde, cidade de Minas Gerais, onde entrava em contato com a natureza

e realizava trabalhos braçais, como *“fazer caminhos e buracos na terra para colocar as árvores”*.

Foi neste sítio que faleceu, tranqüilamente, durante as férias de Janeiro de 1992, com setenta e seis anos de idade.

Dignamente Sándor viveu e assim também, enquanto cochilava, deixou de viver.

#### **4.2. A vivência em grupo**

Sándor dava importância fundamental aos grupos de estudos e ao seu curso de Cinesiologia do Instituto *Sedes Sapientiae*, de São Paulo. Assim, consideramos relevante relatar neste trabalho como ele compreendia a vivência grupal.

Esses grupos eram compostos por profissionais de várias áreas da saúde e da educação, que na sua maioria eram graduados em psicologia, havendo também pessoas da área da fonoaudiologia, terapia ocupacional, além de pedagogos, médicos, e, excepcionalmente de alguma outra área do conhecimento. Esses profissionais passavam a utilizar as técnicas que aprenderam com Sándor em seus locais de trabalho.

De fato, ele ensinava com paciência e cuidado, procurando satisfazer as necessidades de cada aluno, que trazia questões referentes a pacientes e muitas vezes questões pessoais; Sándor, respeitava a individualidade e o potencial de cada aluno.

No que diz respeito aos conteúdos vistos nos grupos Farah (1995) conta:

*“Variavam os temas de estudo desses grupo, porém sempre giraram em torno de questões relacionadas às seguintes áreas: a) Psicologia analítica de C. G. Jung; b) técnicas de*

*integração psicofísicas; c) ensinamentos provenientes da tradição oriental.”(p.78)*

A força da dinâmica grupal, que para Sándor era tão importante, pode ser compreendida através de uma das leis da energia psíquica.

*“No que diz respeito a aspectos quantitativos, é interessante mencionar um comentário feito por Sándor, numa das ocasiões em que a força atuante do trabalho grupal foi mencionada em aula, no curso de “Cinesiologia psicológica”. Vejamos sua colocação, expressa como uma das **leis da energia psíquica**.*

***“Sua força (da própria energia psíquica) aumenta, ou seja, potencializa-se, de acordo com um cálculo do tipo fatorial.”<sup>42</sup>***  
*Para melhor entendermos essa idéia, vejamos uma ilustração desse tipo de cálculo:*

$$1 \text{ (indivíduo)} = 1. \text{ (multiplicado por)} 1 = 1$$

$$2 \quad “ \quad = 1.1.2 = 2$$

$$3 \quad “ \quad = 1.1.2.3 = 6$$

$$4 \quad “ \quad = 1.1.2.3.4 = 24$$

$$5 \quad “ \quad = 1.1.2.3.4.5 = 120$$

$$6 \quad “ \quad = 1.1.2.3.4.5.6 = 720$$

*e assim sucessivamente. Isto é, num grupo composto, por exemplo, por seis pessoas – em termos de energia psíquica mobilizada – podemos ter em atuação o equivalente ao estímulo propiciado pelo contato de setecentos e vinte pessoas, se tal contato ocorresse de forma individual.”(idem, p.67)*

Sándor usava também a expressão *sintalia grupal* para se referir aos grupos de estudos na teoria junguiana. Ele próprio escreveu, na introdução de um texto:

*“Esses textos junguianos, talvez mais que outros, mobilizam com certa intensidade conteúdos tanto conscientes como*

---

<sup>42</sup> As aspas e o realce em negrito são da autora.

*inconscientes, independentemente de religião, credo ou filosofia seguidos ou aparentemente não seguidos. Tais estudos às vezes criam uma saudade ou nostalgia indefiníveis; mas às vezes causam como que uma saturação oprimente ou mesmo irritante. A sintalia grupal no Sedes pode ajudar bastante, e por isso não é aconselhável faltar demais ou só aparecer de vez em quando, em certas seqüências das aulas. É importante não forçar nada, nem reprimir nada, porque a variedade das reações individuais pode ser extensa, desde uma atmosfera lúdica até momentos de introspecção temerosa, mas sempre assas instrutiva. Sinceridade, participação e isenção de fixações conceituais são mais frutíferas do que uma neutralidade ou imparcialidade forçada, auto-importa...” Comentando essa mesma introdução, Sándor remeteu-se à origem etimológica do termo: sin = junto + talia = talhar. Por esses dados podemos perceber quanto sua atenção estava voltada para esses aspectos dos processos grupais, a ponto de, antecipadamente, procurar preparar seu grupo de alunos para um trabalho a ser desenvolvido apenas no ano seguinte.”(idem, p.77) <sup>43</sup>*

Cabe ainda ressaltar que a participação nesses grupos de estudos era gratuita e a formação deles ocorria por iniciativa dos alunos, que contavam com a disponibilidade e boa vontade do professor.

### **4.3. O relaxamento**

A proposta deste sub-capítulo é descrever o método de trabalho corporal elaborado por Sándor, utilizando como ferramentas, não só o que já foi escrito, mas também, o nosso próprio ponto de vista, nossa experiência, pois além de termos sido alunos de Sándor, continuamos utilizando o método como instrumento de grande importância e valia em nosso trabalho clínico no atendimento em psicoterapia.

---

<sup>43</sup> Cabe ressaltar que esse texto foi preparado para suas aulas do Instituto Sedes Sapientiae, as quais seriam dadas no ano seguinte, 1992. Infelizmente, esse foi o ano de seu falecimento.

Embora muitos já tenham escrito e falado como trabalham e aplicam o método elaborado por Sándor, ele próprio pouco falou de seu trabalho, porque se empenhou muito na elaboração das técnicas que compõem o método. Organizou um único livro, intitulado **Técnicas de Relaxamento**, no qual há artigos de outros psicólogos sobre várias técnicas de trabalho corporal. Sándor acreditava que a aprendizagem de seu método deveria ser realizada pela experimentação das técnicas, tanto por parte daquele que a aplica, como por aquele que a recebe, de forma que isso fosse realizado na prática e não através de leitura. Acreditava no ensinamento oral e prático e, preferia *“utilizar o tempo para ensinar”*.

Sándor utilizava a abordagem corporal voltada para a cinesiologia psicológica e correlativa. Afirmava que dessa forma o terapeuta se defronta com a possibilidade de se aprimorar nos distúrbios e dificuldades tanto psíquicas como físicas, tanto individuais como coletivas, encontrando meios para chegar ao condicionamento fiso-psíquico, ou encontrar novos caminhos para novos condicionamentos, se necessário for. Com a utilização desse conhecimento, pode-se também conduzir o indivíduo ao conhecimento de si de forma mais apurada e abrangente, levando-o a desenvolver suas potencialidades de forma integrada e harmônica.

Sándor empregou a cinesiologia psicológica e correlativa para elaborar as técnicas de trabalho corporal, valendo-se, dessa forma, da psicologia organísmica, que é a fusão perfeita entre a prática corporal e a teoria, no caso, a psicologia profunda de C. G. Jung.

Antes de nos referirmos ao método propriamente dito, elaborado por Sándor propriamente dito, gostaríamos de pontuar aqui a visão que ele tinha do relaxamento. Ele utiliza a palavra ‘relaxamento’ ou ‘relaxação’ para se referir às inúmeras técnicas que visam ao condicionamento fiso-psíquico. Conforme sua orientação, essas técnicas podem ser utilizadas em várias áreas da saúde (medicina, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia) assim como na educação (pedagogia) e outras áreas onde for apropriada e necessária

sua aplicação (assistência social, artes em geral, no esporte, em atividades de recreação, etc). As técnicas de relaxamento podem consistir em ferramentas de trabalho para o profissional, que as utilizará tanto como o enfoque primeiro de seu trabalho, ou como um instrumento auxiliar do atendimento em questão.

Em sua obra de 1982, Sándor considera o relaxamento como um *“método de recondicionamento psico-fisiológico ... indispensável para conseguirmos descontração, tranqüilização e recreação...”* (p.4) Afirma ainda que,

*“O relaxamento ocupa posição de destaque, naturalmente, porque pela comutação dos processos fisiológicos, de suas auto-regulações, ritmos, “memórias”, reagibilidades e coordenações, retroage sobre a afetividade, alterando de modo intenso, também as reações da personalidade. O resultado será, além do “descanso”, o “desatar” interno, a introspecção e a reprodução construtiva das antigas vivências, atingindo-se assim, novas coordenações e estruturas psicobiológicas”.* (p.6)

Por esta razão, era extremamente cuidadoso e ético quanto ao uso das técnicas corporais, por pessoas despreparadas ou mal intencionadas. Salientava enfaticamente esse cuidado na medida em que toda e qualquer situação terapêutica atinge o paciente como um todo,

*“provocando recondicionamentos e alterações comutadoras nas mais diversas esferas da sua existência, em áreas de manifestação ou abreação ora psicofisiológicas ou biopsíquicas, ora anímicas ou noéticas.”*(p.5)

Sándor esteve sempre preocupado com a adequação desse *encontro* entre o paciente e o terapeuta, no sentido de afastar toda e qualquer possibilidade de uma interferência desnecessária ou indesejável para o bom andamento do trabalho psicoterapêutico. Para ele, o

importante era que a *ressonância bipessoal* pudesse ocorrer pois, considerava que é a partir dela que a terapia pode se efetivar e ser eficaz.

#### **4.4. O método de trabalho corporal elaborado por Sándor**

Sándor deixava muito claro em suas aulas e conferências que o método por ele elaborado deveria ser experienciado com o intento de ser compreendido pelos sentidos. De fato, esse método é um conjunto de técnicas e procedimentos que realiza um diálogo pelo corpo e através dele. Isto posto, fica aqui a advertência de que escrever/falar sobre esse método empobrece, de certa forma, o que deve ser experimentado pelo todo corporal, e não só por duas das funções sensoriais. Fica faltando o sentir do tato, do contato, da emoção que o tocar da e na pele traz. Fica aqui o convite para a experiência do toque, muito empobrecida pela fugacidade das palavras.

Sándor, durante a guerra trabalhou atendendo aos feridos e aos refugiados, com diferentes queixas e traumatismos, desde ferimentos físicos até problemas emocionais como abalo nervoso, depressão e reações compulsivas. Parece que na situação em que a população se encontrava, traumatizada, amedrontada e ferida, não havia como estabelecer um parâmetro para o que era físico ou psíquico. Com essas condições de sofrimento e com a escassez de medicação adequada, Sándor, já conhecedor das técnicas de relaxamento, fez tentativas frustradas com a aplicação do treinamento autógeno de Schultz, frustrado devido às condições em que se encontravam os pacientes, pois não conseguiam ou não queriam cooperar, respondendo à aplicação da técnica. Entretanto, Sándor pôde observar que durante os cuidados diários, esses pacientes respondiam positivamente ao contato com o médico e com toques suaves nas extremidades dos membros e na nuca. Esses toques eram realizados alterando-se a posição em que o paciente estava, ou apenas tocando um membro ou parte do corpo do paciente, delicadamente. O resultado obtido era de relaxamento e alívio da tensão

muscular, além da comutação vasomotora, o que levava os pacientes a uma melhora emocional e psíquica que iam além do esperado. Parece que desta forma está esquematizada e idealizada a técnica que Sándor denominou *calatonia*<sup>44</sup> e que, depois de mais estudo, pesquisa, e experimentação veio a solidificar-se quando emigrou para o Brasil.

### **Calatonia**

A *calatonia* consiste em estímulos muito suaves que o terapeuta realiza nos pés<sup>45</sup> e nuca do paciente, em lugares pré-estabelecidos, tendo o cuidado de não tocar ou encostar a mão em qualquer outra parte do corpo do paciente, para que se evite, dessa forma, outra estimulação tátil não desejada. É condição *sine qua non* que estes toques sejam realizados de forma muito suave, “*como se tocasse numa bolha de sabão*”. Tanto a *calatonia* como todas as outras técnicas de toques sutis, devem ser realizadas com essa leveza, pois para Sándor o toque quanto mais leve e sutil for, mais profundamente atuará sobre o físico e o psíquico da pessoa. Existem algumas regras básicas para a aplicação da *calatonia* e que se estende para todas as técnicas do método por ele elaborado.

Machado, (1994) médico psiquiatra, especialista no método de trabalho corporal elaborado por Sándor, defendeu sua dissertação de mestrado discutindo **Os gestos de cura e seus simbolismos**, e considerou que essas regras são um *verdadeiro ritual*, pois consistem de passos a serem seguidos, desde o início da aplicação da técnica até a finalização, quando o paciente relata ao terapeuta suas impressões e sensações após o término da aplicação dos toques.

Este ritual se inicia com a explicação que o paciente recebe sobre como será realizada a aplicação da técnica: o terapeuta deverá lhe explicar que ele será tocado em determinada parte do corpo, durante

---

<sup>44</sup> A expressão Calatonia “indica um tônus descontraído, solto, mas não somente do ponto de vista estático e muscular. No original grego o verbo “khaláo” indica “relaxação” e também “alimentação”, “afastar-se do estado de ira, fúria, violência”, “abrir uma porta”, “desatar as amarras de um odre”, “deixar ir”, “perdoar aos pais”, “retirar todos os véus dos olhos”, etc.” (p. 92)

<sup>45</sup> Na impossibilidade de realizar-se esta técnica nos pés do paciente, pode-se fazelo nas mãos.

algum tempo, de modo suave. Pede-se ao paciente que não pense em relaxamento ou em alguma outra técnica por ele conhecida e que não tenha nenhuma expectativa em relação ao que será realizado, mas que apenas “*deixe acontecer*” sem qualquer interferência. Sándor (1982) sugere:

*“não espere nada de especial ...nem pense em relaxamento (...) tentando utilizar técnicas de outras práticas... deixe a respiração com seu ritmo próprio, sem interferência, permita aos pensamentos entrarem ou saírem, porém sem se envolver com eles...com os olhos fechados é mais fácil, mas sentindo-se melhor assim, pode abri-los.”(p.93)*

É necessário pedir ao paciente que retire adereços como bijuterias e jóias ou qualquer outro objeto que possa causar desconforto, como cintos, presilhas, óculos e lentes de contato. Estes objetos podem causar ou gerar outros estímulos que serão desnecessários ou inadequados no momento. Também deverão ser retiradas as peças de roupa que cobrem a parte do corpo que será tocada. No caso da calatonia, retirar somente as meias; no caso de um procedimento realizado nas costas, por exemplo, despir a blusa e a roupa íntima. Pede-se ao paciente que se deite da maneira mais adequada para que o trabalho seja realizado, em decúbito ventral ou dorsal e oferece-se-lhe coberta, (lençol ou manta em dias frios) no caso de querer cobrir-se.

Nesse momento, o terapeuta deve sair da sala e só retornar dentro de tempo hábil para que o paciente já tenha se despido e esteja adequadamente deitado e coberto por lençol ou toalha. Usa-se este momento para lavar as mãos. Sándor deixava muito claro e era rigoroso em relação à ética e ao respeito com o corpo e a intimidade do paciente. Machado (1994) interpreta esse momento da seguinte maneira:

*“Na realidade, propõe-se que o paciente libere-se dos empecilhos internos (expectativas ou outras atitudes psíquicas que*

*possam interferir na receptividade dos toques) e dos empecilhos externos (que possam produzir estímulos físicos inadequados) “abrindo-se” para a relação através da qual poderão surgir benefícios.”(p.125)*

Está pronto o *setting* terapêutico para o início da aplicação da técnica que será utilizada.

No final da aplicação, o terapeuta deve dar ao paciente a seguinte orientação:

*“Movimentar os dedos dos pés... das mãos. Abrir ...fechar...abrir os olhos. Virar a cabeça para a direita... para a esquerda...Encolher os ombros.. soltar... encolher de novo...soltar. Respirar profundamente... Levantar paulatinamente, sem movimentos rápidos...”.(Sándor, 1982, p.96)*

Depois desta orientação, o terapeuta deve pedir ao paciente que se vista e se sente em seu lugar costumeiro e, novamente, retira-se da sala ficando fora dela o tempo necessário para que o paciente possa fazê-lo. Usa este momento para lavar novamente as mãos. Ao voltar para a sala de atendimento, o terapeuta deve perguntar ao paciente sobre as percepções e sensações que pode experimentar. Também o terapeuta não deverá ter expectativas quanto a essas observações. O terapeuta corporal iniciante pode se frustrar ao perceber que o paciente não tem o que falar nesse momento, (é possível que ocorra muitas vezes), mas é evidente que no início do processo terapêutico os pacientes podem não saber como relatar suas sensações, ou pensar que determinadas sensações e impressões são somente fruto de sua imaginação. Os relatos dos pacientes devem ser acolhidos, sem ser desvalorizados ou exaltados pelo terapeuta. Os relatos exagerados devem ser acolhidos cautelosamente.

Sándor também fazia recomendações quanto à preparação do terapeuta e quanto às suas atitudes em relação aos pacientes. O ritual

deveria se iniciar já na recepção dos pacientes, pois os mesmos deveriam ser recebidos de maneira que se sentissem acolhidos, evitando-se porém carinhos ou afagos, especialmente durante a aplicação do método, pois todo e qualquer toque, nesse momento, constitui um estímulo a mais, podendo até ser considerados desnecessários e inadequados para o momento.

Quanto à postura do terapeuta, Sándor orientava que este se mantivesse numa postura digna, ou seja, ao trabalhar o corpo do paciente, o terapeuta deve sentar-se numa postura confortável e correta, mantendo a coluna ereta, braços soltos e cuidando para que os ombros não fiquem caídos. Outra atenção que o terapeuta deve ter é a de evitar que seu ego, com seus desejos, participe desse momento da terapia, pois não deverá projetar expectativas no paciente, não deverá esperar reações ou atitudes do paciente. Como Sándor mesmo dizia: “... *não queiram nada... apenas observem o que vai ocorrer...*” (apud Delmanto, 1997, p.49) Isto porque um indivíduo é diferente do outro, sendo um universo distinto, e assim, cada pessoa pode apresentar uma percepção e sensação diferente da outra. O que para um pode ser agradável, para outro pode não ser. As sensações e percepções advindas de um trabalho corporal são, portanto, muito individuais.

Pensando assim foi que Sándor incluiu em seu trabalho a noção do *Terceiro Ponto*, isto é, entre paciente e terapeuta existe um terceiro componente que atua independente da vontade dos dois, que faz do terapeuta seu instrumento e que permeia esta relação dual, oposta, equilibrando-a:

O *Terceiro ponto* está

*“nas profundezas do inconsciente poderia ser considerado o campo em comum entre ambas as partes” e vai “além das vontades, dos pensamentos organizados ou da consciência”.*  
(Delmanto, 1997, p.50)

Dethlefsen, psicólogo e Dahlke, médico (1983), ambos de Munique, pesquisando as doenças e seus sintomas, ao discutirem sobre a questão dos opostos, em um de seus livros, chegam à conclusão de que:

*“A única solução possível está naquele terceiro ponto, a partir do qual todas as alternativas, todas as possibilidades, todas as polaridades podem ser vistas como certas e erradas, boas e más, visto serem partes da unidade e devido a esse fato possuírem o direito de existir, pois sem elas a totalidade não seria um todo”(p.37)*

Machado, ao escrever sobre a relação terapeuta-paciente para o site *Calatonia e toques sutis* afirma que toda relação dual possui duas dimensões, a consciente e a inconsciente:

*“Juntamente com a percepção objetiva que tem do paciente, o terapeuta traz consigo uma imagem interior que corresponde à sua própria experiência interna como paciente e que é projetada no paciente, e ocorrendo ainda, reciprocamente, por parte do paciente, a “projeção” na pessoa do terapeuta, de sua configuração interna de “curador”. Esta configuração, embora inconsciente, certamente é decisiva na orientação de seu processo, o que provavelmente começou a ocorrer inclusive no momento de escolher a pessoa que lhe auxilia o terapeuta.”(p.1)*

Também Giegerich (1978), ao discutir dialeticamente um terceiro fator implicado na relação dual do processo terapêutico, considerando que paciente e terapeuta não estão sozinhos, sugere:

*“O que constitui esse terceiro fator; quem é essa terceira pessoa? Naturalmente a ‘alma’ a qual não pode ser mais imaginada como posse individual das outras duas pessoas, mas é preciso atribuir-lhe uma sobreordenada realidade autônoma. É o mundo dos complexos e imagens arquetípicas, das formas de ver e dos estilos da consciência e, com isso, é também a Psicologia mesma, no*

*sentido mais amplo da palavra, a qual engloba todas as nossas idéias sobre a psique, sua patologia e terapia, junto com a nossa cosmovisão.” (p. 2)*

Este ponto, apesar de subjetivo, é amplo e pode nos levar a enriquecedores debates. Em relação a esta questão, cabe lembrar uma das recomendações básicas de Sándor: somente através da observação nos conduziremos à compreensão de determinados fatores. O terceiro ponto, certamente, é mais um tópico a ser observado para poder ser compreendido e assimilado.

Outro ponto a ser discutido é o de que no processo terapêutico em que as técnicas corporais são introduzidas e utilizadas, ocorre também a vinculação corporal. Como afirma Machado em seu artigo para o site *Calatonia e Toques sutis*, no momento em que o terapeuta toca o paciente é estabelecido um

*“amplo envolvimento bi-pessoal..., produzindo um conjunto peculiar de ressonâncias psico-físicas, com a evocação de sensações e sentimentos e com o “constelar” de imagens internas.”(p.1)*

Assim, a evocação do terceiro ponto, sugerida por Sándor, atuaria como um *“SELF projetado para onde se direcionaria a atenção psíquica do terapeuta e de onde proviria o “comando” da relação”*, (op. cit. p.1).

Com essa atitude, o terapeuta estará excluindo seu ego, sua intenção ou desejos durante a aplicação das técnicas de trabalho corporal, possibilitando a si mesmo a função de instrumento.

O mesmo autor chama a atenção para a atitude que tem os xamãs e os curandeiros religiosos, que acreditam que não são eles que curam, mas uma força divina que se manifesta através deles e realiza a cura; o curandeiro ou o xamã nada mais é do que o instrumento do ritual.

Delmanto (1997) denomina esse terceiro ponto de “*ponto transcendente’ de união entre todas as pessoas.*”(p.50)

Duran (1997) em relação a esse tópico, lembra o pensamento de Byinton, analista junguiano, que ampliou a noção do terceiro ponto, sugerindo que

*“entre terapeuta e paciente constela-se uma quinta entidade que abrange e supera as outras já referidas e se denomina Self Terapêutico, compreendendo as duas personalidades totais e não apenas suas instâncias egóicas, considerando a interação incessante entre elas. Neste campo definem-se as forças resultantes que podem ser criativas ou defensivas”. (p.9)*

Outro fator que devemos aqui apontar, é a escolha da técnica a ser utilizada. A escolha deve ser realizada com critério e bom senso. Sándor recomendava que pacientes com doenças infecciosas, em estado febril, pacientes apresentando quadro de distúrbio psíquico, usuários de drogas e gestantes, devem ser tratados com especial atenção. Muitas vezes, um paciente com essas características não deverá se submeter ao trabalho corporal, pois poderá ocorrer uma alteração inesperada em seu estado geral, devido às comutações vasomotoras.

Quando se inicia um processo terapêutico, o terapeuta deve também ser cauteloso ao tocar o corpo do paciente, evitando qualquer técnica que possa parecer invasiva a ele. Deve assim, observar para perceber que mensagens o corpo do paciente está enviando para o terapeuta. Conforme a relação terapêutica caminha, o *diálogo* entre paciente e terapeuta vai ganhando força e equilíbrio, o paciente pode confiar e se entregar mais ao terapeuta que também estará mais à vontade para realizar o trabalho corporal. O terapeuta, por sua vez, deve buscar aprimoramento e desenvolvimento em sua habilidade manual para que seu toque seja firme, seguro, favorecendo assim o contato. Para Delmanto (1997),

*“o toque bem feito deve favorecer quem o recebe e quem o aplica, dando condições para que o profissional possa ajudar muitas pessoas e se tornar ao mesmo tempo “mais forte””. (p.55).*

Sándor preocupou-se muito com o respeito ao paciente e ao seu corpo, com a ética, e com a tarefa do terapeuta, na condição daquele que possibilita ao outro o vislumbre de si mesmo e novas possibilidades da maneira de viver. Apesar dessas orientações cuidadosas, Sándor sempre deixou seus alunos muito livres para seguirem suas intuições, como se pode perceber nas suas recomendações,

*"Caso sintam que durante a aplicação do toque um dos dedos se propõe mais que os outros, deixem que o trabalho seja feito por ele.. Não planejem com antecedência o toque que vão aplicar... Convém não prever o que vai ocorrer...Deixem que surja no momento a idéia para o toque..." (apud Delmanto, 1997, p.52)*

Essa liberdade faz jus ao pensamento de Sándor de que cada pessoa é um ser único, um universo único com todos os seus mistérios e especificidades. Os indivíduos podem reagir de formas completamente diferentes uns dos outros frente a determinados toques, por isso, para Sándor fugir do ‘esperado’, não provocava espanto, mas sim, enriquecia cada vez mais seus conhecimentos.

Alguns toques também foram elaborados ou adaptados para serem realizados com crianças. Sándor afirmava:

*"As crianças não se deixam enganar por palavras... pelo toque elas sentem se podem confiar ou não... reagem às mínimas oscilações de quem toca... As crianças são um excelente teste para saber se o toque é bom... se o terapeuta é bom..." (apud Delmanto, 1997, p.53)*

#### 4.5. As técnicas: esculpindo o corpo e a alma

Agora passaremos a nos referir às técnicas propriamente ditas, e aqui vale mencionar a relevância da publicação de Delmanto, **Toques Sutis**.

A obra foi calcada nas descrições e na organização dos dados sobre as técnicas que a autora documentou, minuciosamente, ao longo do aprendizado nos grupos e nas salas de aula de Cinesiologia..

A calatonia, técnica descrita no capítulo anterior, foi a primeira técnica, dentre tantas, que Sándor criou. E totalmente constituída por toques muito sutis, porém, conforme o trabalho de pesquisa e observação com o corpo, foi evoluindo, outros procedimentos foram sendo criados. O princípio básico se manteve: "*estimulações táteis suaves*" (Farah, 1995 p. 307). Os novos procedimentos, ampliados, envolvem também estímulos mais vigorosos que podem ser realizados em outras partes do corpo que não somente os pés ou mãos. São eles: movimentos de rotação, tanto circulares como helicóides, manobras, envolvendo leves e rápidos impactos, estímulos vibratórios, estiramentos, deslizamentos, pressão suave, descompressão, estímulos sonoros, estímulos de sopro.

Essas técnicas são realizadas não só com o paciente em decúbito ventral, mas também em decúbito dorsal, sentado com a coluna sem apoio ou em pé, conforme a necessidade do procedimento a ser realizado.

Quando o toque é realizado com o paciente em pé, o terapeuta deve orientá-lo para que se movimente como desejar, naturalmente, e que permaneça com os olhos fechados para que possa observar suas sensações para depois, relatá-las. Depois de realizado o toque poderá sentar-se ou deitar-se, como preferir. O terapeuta deverá se colocar atrás do paciente para que este tenha um apoio no caso de se desequilibrar.

Todas as técnicas do método de trabalho corporal elaborado por Sándor são aplicadas respeitando o ritmo da respiração do paciente. Caso o paciente tenha um ciclo respiratório curto ou muito longo, o

terapeuta deverá aplicar a técnica respeitando sua própria respiração; o importante nesse ato, é que haja um ritmo a ser seguido. Farah (op. cit., p. 315) comenta que em sua experiência clínica, pode *“observar uma tendência a se estabelecer, gradativamente, um crescente grau de sincronização entre os ritmos respiratórios dos dois participantes do trabalho”*, ou seja, durante a aplicação da técnica tanto paciente como terapeuta entram em sincronia, respirando num ritmo igual ou semelhante.

Esse respeito ao ritmo vital do paciente nos remete à lembrança de que paciente e terapeuta são tocados durante a realização de um procedimento corporal. E a partir deste pensamento estabelece-se a consciência de que também o terapeuta está sendo *trabalhado* enquanto realiza os procedimentos para o trabalho com o corpo do paciente. Delmanto (op. cit., p.55) relembra as recomendações de Sándor ao se referir ao cuidado que o terapeuta deve ter consigo mesmo. Cabe aqui repeti-la:

*“O toque bem feito deve favorecer quem o recebe e quem o aplica, dando condições para que o profissional possa ajudar muitas pessoas e se tornar ao mesmo tempo “mais forte”.”*

Sándor recomendava, ainda, que o paciente deveria ser *amaciado*. Com isso, queria dizer que o paciente necessita, se ainda não passou por nenhum trabalho corporal, e tem, de certa forma, dificuldades nesta área, ir se acostumando lentamente com o ato de ser tocado, para que seu corpo possa ir *aprendendo* a ser tocado.

Outros pacientes, portadores de grandes tensões musculares necessitam de um trabalho mais enérgico para que seu corpo se prepare para receber os toques mais sutis. Assim, técnicas menos sutis, ou seja, um pouco mais vigorosas, são adequadas para o trabalho com esses pacientes que estão *em preparação*.

Os toques mais vigorosos envolvem procedimentos realizados na massagem integrativa<sup>46</sup>, quando o terapeuta realiza movimentos com pressão mais forte sobre a parte do corpo a ser trabalhada. Esses procedimentos são mais comumente realizados sobre os grandes feixes musculares, como os encontrados nas costas, nas pernas, e no pescoço, área onde as tensões podem até apresentarem-se crônicas. Com a utilização de uma técnica que envolve procedimentos mais intensos, os pacientes costumam relatar um certo alívio das tensões na região trabalhada e a amplificação desta soltura pelo corpo todo. Quando a técnica é aplicada nas costas, região mais comumente trabalhada desta forma, observa-se, o reencaixe das vértebras, a recolocação postural, uma dinamização e desobstrução dos circuitos energéticos e a ampliação da capacidade respiratória.

Sándor também utilizou estiramentos realizados com as grandes e pequenas articulações dos membros inferiores, superiores e no pescoço. O estiramento é um procedimento no qual o terapeuta segura com firmeza, porém delicadamente, a parte do corpo a ser trabalhada e faz uma leve tração. As técnicas que envolvem procedimentos realizados com as articulações trazem ao paciente, conforme pode ser observado, além da soltura do corpo, a retomada de memórias antigas ou até inconscientes, que estão ali *escondidas*. É através das articulações, considerado por Chevalier (1995) símbolo da comunicação, que a vida se manifesta e passa. As técnicas aplicadas nas articulações envolvem procedimentos não só de tração, mas também movimentos de rotação. Esses movimentos são dificilmente realizados voluntariamente, especialmente pelas pequenas articulações dos dedos e artelhos e podem mobilizar no paciente as sensações, as lembranças e as solturas pertinentes às articulações e musculatura a elas ligadas. Pela expansão, proporcionada pela abertura das articulações, a pessoa pode buscar novos movimentos, tanto internos como externos.

---

<sup>46</sup> Na massagem integrativa o terapeuta utiliza-se de amassamento integrado com deslizamentos mais vigorosos, com diferentes movimentos circulares, e helicóides, manipulando bastante a pele e os feixes de músculos da área envolvida na massagem.

Há de mencionar também os toques de impacto que são procedimentos realizados rapidamente e que mobilizam no corpo a consciência óssea, pois esse estímulo se propaga por dentro do esqueleto. Tomar consciência dos ossos favorece “*o desenvolvimento ou o aprimoramento da imagem corporal.*” (Hoppenfeld apud Delmanto, 1998, p. 83). Esta afirmação também pode ser verificada nos trabalhos corporais propostos por Denys-Struyf (op. cit.).

Outros toques não são tão vigorosos e, para serem realizados, o terapeuta deverá usar somente o peso da própria mão. São os círculos, os movimentos helicóides, os deslizamentos e as vibrações que podem ser aplicados em várias áreas do corpo. Essas manipulações podem ser realizadas também com os dedos em áreas menores, como no rosto, por exemplo.

### **O toque sutil**

O toque mais sutil, é aquele no qual o terapeuta deve tocar tão levemente o corpo do paciente, “*como quem quisesse tocar uma bolha de sabão*” (Sándor, 1982, p.94)

Cabe aqui a menção de que a pele recebe e conduz os estímulos, sejam eles realizados com qualquer pressão ou intensidade. Essa capacidade é devida à sua intensa ligação com o sistema nervoso. Montagu se refere à pele como sendo “*a porção exposta do sistema nervoso.*” (p.23)

Caminhando para toques mais sutis ainda, chega-se aqui aos chamados *toques sem toque*. O terapeuta apenas coloca suas mãos perto do corpo do paciente sem realmente tocá-lo. A maioria dos pacientes relatam, com este procedimento, estarem envolvidos pelo calor da mão do terapeuta.

Brennan (1990), física e ex-pesquisadora da NASA, voltou sua atenção para a pesquisa no campo da energia humana quando começou a se interessar por práticas de cura e psicoterapia. Ela se refere claramente à possibilidade de procedimentos corporais trabalhando-se

sutilmente, tocando sem tocar, o campo da energia humana. Os indianos há 5.000 a .C. já mencionavam uma energia universal denominada *prana*, que para eles era a matéria básica que dava origem e constituía a vida; os chineses, no terceiro milênio antes de Cristo, também postulavam a existência dessa energia vital e a denominavam *Ch'i*; a cabala judaica, que teve origem por volta do ano 538 a .C., denomina essa energia de *luz astral*; já na era cristã, as pinturas religiosas apresentam campos de luz contornando as pessoas. Enfim, desde o início do mundo, o homem tinha conhecimento desse campo energético que envolve os seres vivos e o corpo do homem. Ainda segundo Brenann, no século XII estudiosos eruditos, como Boirac e Liebeault constataram a existência dessa energia; na Idade Média, Paracelso postulou a existência do campo energético concluindo ser o mesmo composto por energia vital e matéria vital; Helmholtz, matemático do século XIX define a energia vital como um fluido que impregna a natureza penetrando todos os corpos, que não é matéria condensável, mas sim um *espírito vital puro*; e tantos outros estudiosos e pesquisadores se interessaram e pesquisaram a energia vital. Atualmente toma-se conhecimento de cientistas<sup>47</sup> que chamam esse campo de *bioplasma* ou *biocampo*. E tantos outros estudiosos e cientistas pesquisaram e concluíram a existência dessa energia vital<sup>48</sup>.

Ainda segundo Brennan (op. cit.), William Kilmer, médico foi quem denominou essa energia vital de *aura* e a autora se refere a ela como sendo “o elo que faltava entre a biologia e a medicina, a física e a psicoterapia.”(p.140). Para ela, estão localizadas na aura todas as nossas emoções, pensamentos, lembranças e padrões de comportamentos.

Uma das manobras utilizadas e elaboradas por Sándor, denominada descompressão fracionada, utilizada o toque mais pesado e

---

<sup>47</sup> Cientistas soviéticos pesquisaram o campo de energia de organismos vivos e suas pesquisas foram confirmadas na Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha e Polónia.

<sup>48</sup> Outros pesquisadores da aura foram: George De La Warr e a Ruth Drown, médicos, Wilhelm Reich, psiquiatra que denominou esta energia de “*orgone*”, Lawrence Bendit e Phoebe Bendit, Schafica Karagulla, Dora Kunz, John Pierrakos, Richard Dobrin no Japão, Hiroshi Motoyama, na China, Zheng Rongliang, da Universidade de Lanzhou; A . S. Popow na Academia de Ciências Médicas de Moscou; Valerie Hunt na Universidade da Califórnia e tantos outros mais.)

o toque sutil, ou seja, o terapeuta aplica esta técnica utilizando inicialmente o peso de sua mão, que vai sendo retirada do corpo do paciente conforme seu ritmo respiratório. Esta técnica envolve, dessa maneira, o toque propriamente dito e o toque sem toque.

Também os estímulos mais sutis do que o toque propriamente dito produzem um efeito digno de nota. Existem algumas técnicas que são aplicadas utilizando-se o sopro ou o som.

Sándor se referia ao sopro quente como sendo “...um estímulo vasodilatador profundo” que “... exerce efeito calmante, analgésico, antiespasmódico.”(Delmanto, 1997, p.67). Ela pôde observar em seu trabalho clínico que o sopro quente, além de relaxante, pode mobilizar “soltura e alargamento que se propaga pelo corpo” (p.91). Por outro lado, observou que quando o sopro é frio pode promover a vasoconstrição, o que leva ao “aumento da tonicidade, refresca a região e predispõe o corpo para a ação” fazendo ainda o papel de descongestionante(p.91).

O sopro é um estímulo que pode rebaixar o controle egóico trazendo à tona lembranças de vivências primitivas. O sopro<sup>49</sup> é considerado dentro das mais diversas tradições e culturas da terra, como o símbolo do princípio da vida. Na cultura judaico-cristã é através do sopro que Deus dá vida ao homem:

“O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra,  
e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um  
ser vivente.” (Gênesis, capítulo 2, versículo 7)

O homem é transformado espiritualmente, psiquicamente e materialmente por esse sopro divino. Segundo Chevalier (1995), na cultura védica, no taoísmo, o sopro é considerado o início da vida. Cascudo (2000) afirma que para os primitivos o sopro é considerado

---

<sup>49</sup> A propósito do sopro divino, a semântica histórica atesta que nas traduções da Bíblia, do grego para o latim, a palavra que hoje denominamos *espírito* não possuía nenhum equivalente compreensível para os romanos. Assim, os tradutores se utilizaram da expressão *espíríta* que em grego significa ‘respiração’, ‘sopro’, para denominar aquilo que se distinguia da matéria, da parte palpável da *caro, carnis*, latina. Para o assunto, conferir MOHRMANN, C. *Latin vulgaire, latin des Chrétiens et latin medieval*. [S. L.]:[S.E.]

como o início, como um “*ato criador (...) é a essência da vida organizada*”, o que cura (p.719). É por meio do sopro que se dá a vida ou se desperta para ela; é pelo sopro que se ganha força e também se modifica o caminho de alguma coisa. No xamanismo, o sopro está presente em seus rituais, e é considerado por eles como a essência que organiza a vida.

Outro procedimento também bastante sutil, diz respeito às técnicas que utilizam o som como ferramenta. O estímulo sonoro pode ser utilizado nas diferentes articulações do corpo ou nos acidentes ósseos.<sup>50</sup> O som se propaga pelos ossos numa “*vibração revigorante ... aumentando o ânimo e a disposição para o “agir”*”(p.85). Sugere também que a vibração sonora pode atuar no nível inconsciente, chegando a mobilizar e atuar no nível visceral, mobilizando vivências regressivas.

Montagu (1988), utilizando-se de uma metáfora, postula que o som “*tem uma qualidade tátil*”(p.293) Afirma que a pele é tão versátil a ponto de captar as ondas sonoras assim como percebe o toque; podendo perceber diferentes intensidades de som com extrema precisão. Constata-se essa qualidade do som por meio da emissão de palavras ou por meio de música: alguns sons ou tons (de voz, por exemplo) podem ser invasivos, outros podem causar um efeito tranqüilizador.

Mais sutil ainda que o som e que o sopro são as técnicas que se utilizam somente do olhar. O mesmo autor assegura ainda que: “*A qualidade tátil da visão fica aparente quando alguém toca outra pessoa com seus olhos*”. (p.297) E continua afirmando que o contato tátil, assim como o contato visual, só é realizado depois que as pessoas já possuem um certo grau de intimidade. O olhar é uma forma tão profunda de contato que, em algumas culturas, é considerado como uma forma de tato. Apesar de ser uma crença antiga, cita que na Índia, entre os anos 1.500 e 500 a. C., acreditava-se que pelos olhos se transmitia parte da essência das pessoas, e que por isso o olhar tocava ou afetava as pessoas.

---

<sup>50</sup> Acidentes ósseos “...são projeções ou depressões dos ossos... que auxiliam a articulação de um osso com o outro... servem como local de passagem para vasos sanguíneos e nervos... fornecem inserções para os músculos”. (Jacob, Francone, Lossow, 1990, p.95)

Sándor recomendava que ao realizar uma técnica com o olhar, o terapeuta deveria olhar para o ponto a ser tocado, imaginando que o olhar fosse *“bem para o fundo”*. Delmanto (1997) se remete nesse tópico à referencia que Sándor fazia aos toques muito sutis: *“Quanto mais sutil for o estímulo, que mobiliza a sensibilidade de uma área, maior será o grau de profundidade alcançado”* (p. 92).<sup>51</sup>

Sándor estabeleceu a sutileza e a delicadeza como procedimentos importantes para o seu método, acreditando que cada ser há de caminhar seu próprio caminho, sem ser atropelado ou interrompido pelo terapeuta por causa do método utilizado. Dizia sobre o relaxamento:

*“... meio condicionador que – como nossa experiência comprova – permite que cada um vislumbre aquilo que está destinado a ser e ajuda a que se prepare para cumprir sua incumbência individual como unidade dentro de uma unidade maior”.*  
(Sándor, 1982, p.10)

#### **4.6. Situando o método**

Antes da Segunda Grande Guerra, apareceram muitas vertentes interessadas na criação de métodos de trabalho que se ocupassem com o desenvolvimento do corpo e, concomitantemente, da psique. Parece que aqueles estudiosos e pesquisadores não perderam esse enfoque de vista: quando se trabalha o corpo, desenvolve-se a mente.

Sándor aparece na história da terapia corporal no período em que acontecia a Segunda Grande Guerra. Já existiam as técnicas milenares vindas do Oriente e as pesquisas, as técnicas e os métodos que foram se desenvolvendo a partir delas e a partir do Movimento

---

<sup>51</sup> Cabe aqui mencionar que na sala de atendimento de Sándor, as poltronas não ficavam de frente uma para outra, mas lado a lado, como num ângulo aberto.

Alemão de Ginástica. Durante a Guerra e depois dela, pesquisadores criaram outros métodos, como Schultz e Jacobson que têm uma abordagem diferente, na medida em que possuem um enfoque autógeno, mais fisiológico, e Michaux, que se ocupa de adaptar os métodos corporais utilizados com adultos para crianças; além de outras técnicas e pesquisadores, porém, menos divulgados e utilizados.

O método de trabalho corporal elaborado por Sándor pode ser, então, visto como uma inovação entre as técnicas que envolvem o movimento corporal, as massagens mais enérgicas, aplicadas com pressão mais intensa e as técnicas de relaxamento autógeno. Estamos aqui considerando esse método como inovador, porque antes de Sándor ainda não havia aparecido nenhum outro pesquisador ou estudioso que apresentasse um método de trabalho corporal que envolvesse a sutileza e, depois dele, também não surgiu nenhum dado que nos mostrasse um caminho para um trabalho sutil como o elaborado por Sándor.

Nesse sentido, pode-se considerar Sándor como um marco, na história do trabalho corporal, pelo fato de que o método por ele elaborado, além de se focalizar no pensamento anátomo-fisiológico, próprio da área médica, é um método que busca o estado alterado de consciência, próprio dos estados de relaxamento, visando ao desenvolvimento da psique com um enfoque voltado para a área da psicologia. Sándor faz a correlação fisiopsíquica voltada, não para um treinamento da mente ou do corpo, como Schultz e Jacobson buscavam. Ele procura o contato consciente-insconsciente através do estado alterado de consciência, para que seu paciente possa chegar a caminhos que o levem à integração corpo-mente, no sentido de conhecer-se, conscientizar-se, desenvolver-se, o que abrange uma compreensão maior de si mesmo, diferente de apenas aprender a relaxar ou treinar para is so.

Para Sándor, o método autógeno de Schultz, diferentemente do seu método, tem raízes em técnicas que fazem uso da hipnose refratária e pode ser considerada eficaz quando de sua utilização com determinados pacientes e em *settings* específicos, sendo que o indivíduo,

depois de aprendê-la, poderá auto-aplicar-se e chegar à sua própria relaxação concentrativa.

Já o relaxamento progressivo de Jacobson tem um enfoque mais dinâmico e fisiológico, com o qual o paciente aprende a avaliar a tensão de diversos grupos musculares para depois, sistematicamente, relaxá-los. Essas técnicas possuem características basicamente fisiológicas. O método elaborado por Sándor, apesar de também trabalhar visando à relaxação, não perde de vista o caráter psicológico que advém desse estado.

Cabe ainda afirmar aqui, que o método elaborado por Sándor não leva o paciente tão somente a estados relaxados e prazerosos, pois é um método de integração fisiopsíquica o que quer dizer que, durante e depois da técnica aplicada, o paciente pode também entrar em estados que, para ele, não sejam tão prazerosos e relaxantes quanto ele viesse a desejar, visto que cada indivíduo tem uma organização corporal própria e por isso, não se pode desprezar o fato de que também um tônus mais rígido e um contato com lembranças pouco agradáveis, não seja um bom resultado depois da aplicação de determinada técnica. Sándor também observou que muitas das técnicas podem alterar a organização funcional da pessoa, assim como seu estado de humor, advindos das comutações fisiológicas e psíquicas que podem ocorrer. Outra diferença entre as técnicas é que no seu método o paciente é tocado, enquanto nas técnicas acima referidas o indivíduo deverá obedecer a ordens verbais.

Quanto à técnica do *sistema usui de cura pelo reiki*, que trabalha também sutilmente, a diferença é que neste trabalho o toque é realizado com a intenção de curar. O terapeuta que aplica esta técnica deverá passar por uma iniciação com mestres especializados, treinados nas tradições do *reiki*. Para a aprendizagem do método de trabalho corporal elaborado por Sándor, o terapeuta não passa por nenhum ritual iniciático, mas deverá sim, comparecer às aulas, numa escola, onde o

pré-requisito básico será o de ter completado o terceiro grau universitário e, para tal, deverá passar por uma seleção.<sup>52</sup>

Isso posto, pode-se perceber a diferença entre as técnicas existentes antes da elaboração do método de Sándor e os outros métodos elaborados por outros pesquisadores antes e depois dele.

Para singularizar ainda mais esse método, deve-se mencionar a sutileza com que são aplicadas as técnicas. Nenhuma outra técnica, mesmo as milenares, utilizam toques tão sutis como os propostos por esse autor, como o trabalho com o som, o sopro ou o olhar. Sándor postula que, quanto mais sutil o toque, mais profundamente vai atuar no paciente, tanto no nível fisiológico como no nível psíquico. Isso pode ser, num primeiro momento, fundamentado pelo estudo realizado por Montagu (1988) sobre a pele, a *mensageira* do corpo, e pela compreensão de que, diferentemente de W. Reich, que propõe o rompimento das couraças musculares. No método de trabalho corporal, o que se propõe não é quebrar ou romper, adentrando as barreiras postas por aquele corpo, o que poderia levar ao caos, mas sim, manter a sutileza, que vai adentrando o corpo e a psique sem promover destruição e sem invadir o que está bloqueado, impedido. Isto porque, se existe uma defesa, uma tensão, existe um motivo para ela estar ali presente, e que a desorganização proveniente de sua ruptura brusca, pode ser mais nefasta do que a tensão propriamente dita.

Assim, o toque sutil se diferencia do que é proposto por outras técnicas, na medida em que respeita e acolhe as tensões apresentadas no corpo do paciente e trabalha com elas sem, no entanto, procurar desmanchá-las de maneira brusca, para evitar, uma desestruturação ainda mais intensa, que poderia levar a um desequilíbrio fisio-psíquico, ainda mais profundo, criando novas barreiras, novas couraças protetoras. O que se busca é levar a pessoa a um condicionamento fisio-psíquico

---

<sup>52</sup> Uma diferença básica entre o *reiki* e o método elaborado por Sándor, é que este está fortemente alicerçado em bases da medicina e da psicologia. Outra característica do *reiki* é que este assemelha-se às práticas de cura que utilizam a imposição das mãos nas seitas orientais como por exemplo, o *mahikari* e as igrejas messiânicas descritas por Machado (1994)

no sentido de poder perceber mais apuradamente o que a impulsionará para o desenvolvimento de suas possibilidades psíquicas inerentes.

Outra diferença entre o toque sutil e outras técnicas é o cuidado que Sándor teve ao elaborar cada manobra, no sentido de realizá-las sempre simetricamente. Cada toque deve ser realizado nos dois lados do corpo do paciente, simultaneamente, e quando necessário, cada lado separadamente, mas nunca trabalhando-se um só lado do corpo ou um só membro. Percebe-se que essa proposta da simetria reflete um esquema de irradiação, respeitando o equilíbrio e a polaridade inerente ao corpo humano, o que nos remete à medicina tradicional do Oriente, com sua noção do equilíbrio entre as energias *yin* e *yang*.

Também a questão psicológica é outro aspecto que diferencia o método elaborado por Sándor de outros métodos já existentes, pois além de estar fundamentado em sólidas bases do conhecimento médico, voltadas para a compreensão da fisiologia e anatomia combinadas, tem também seu foco voltado para a psicologia profunda elaborada por C. G. Jung e seus discípulos, tanto os contemporâneos do autor, como os mais modernos, os chamados neo-junguianos. Cabe dizer aqui que Sándor, apesar de se utilizar dessa teoria para compreender o processo psicológico de seus pacientes, não foi um discípulo obtuso de Jung, na medida em que algumas vezes, ao nosso ver, acertadamente, discordou e acrescentou aspectos importantes desta teoria, durante seus ensinamentos, tanto em sala de aula como nos grupos de estudo, podendo, desta forma, ser colocado, entre os teóricos neo-junguianos contemporâneos.

## V. UM MÉTODO ORGANÍSMICO

*“O homem é parte integrante do cosmos, que é um todo indivisível. O universo tem suas próprias leis imutáveis, seus ciclos, seus ritmos. Não acreditar nesses princípios seria uma grande pretensão e um desafio ao Criador. Lutar contra eles é lutar contra a vida.”*

(I. Koor, fisiologista)

### 5.1. O desenvolvimento do método

Uma vez apontada a singularidade do método de trabalho corporal elaborado por Sándor, cabe descrever os fundamentos teóricos que foram identificados com base na pesquisa realizada.

Sándor estudou e leu muito e, segundo informações obtidas em entrevistas e questionários, concluímos que conhecia profundamente os grandes nomes da psicologia, como Freud, Reich e Jung, entre outros; os jungueanos e os neo-jungueanos como Neumann, Heyer<sup>53</sup>, von Franz, Jacobi, apenas para nomear alguns deles; os pesquisadores e autores da área das técnicas de relaxamento como Schultz, Jacobson, Michaux, Mesendieck, entre os mais conhecidos; conhecia e gostava de mitologia, alquimia, física, filosofia e estudo das religiões. Leu e estudou anatomia e estava bastante atualizado no que diz respeito à psicossomática e à neurologia. Leu e estudou astrologia e os autores da antiga sabedoria, muitos deles no original. Fazia parte de sua bagagem cultural a arte como a música, canto, dança e teatro. Podemos dizer que Sándor era uma pessoa erudita, pois conhecia, interessava-se e estudava as diversas áreas do conhecimento.

---

<sup>53</sup> Não existe no Brasil nenhuma publicação deste autor, Sándor, entretanto, traduziu e ensinou tudo que havia no exterior.

E na busca para encontrar caminhos que nos levassem à fundamentação teórica utilizada por Sándor na construção de seu método de trabalho, deparamos com depoimentos dos entrevistados que nos conduziram para o caminho da intuição. Esse fato pode ser confirmado mediante algumas passagens em que este tema figura com regularidade. À pergunta referente a maneira como Sándor transportou para o trabalho corporal toda a bagagem teórica por ele conseguida através de estudos e leituras, as respostas convergiram para os caminhos da intuição:

*“Isso é uma coisa instintiva e automática. A gente tem isso mesmo, você ter observado que quando você trabalha você tem uma intuição que aparece um tipo de cliente e você sabe o que tem que fazer.(...) quando alguém está perto de uma pessoa sente e capta o que tem que fazer aquela hora, mesmo o médico tem uma intuição que este doente está com isso e isso. Antigamente não tinha um monte de elementos que agora tem, máquinas e não sei o que, e eles precisavam fazer uma diagnose muito precisa. E o Sándor era parteiro quando estava no hospital. E o que ele fez: “Eu acho que essa criança está assim, assim, atravessada, vou tentar virar”. Eu vi. Eu vi um parto, e ele virava criança, porque achava que a criança estava nessa, nessa posição e virava e aí a criança conseguia nascer. Outro médico queria fazer uma cesárea de emergência e não sei o que lá. Ele estava junto e a criança nasceu normal. Primeiro filho nasceu normal, segundo também. Elegirou a criança, fez uma alavanca, colocou o dedo aqui dentro da boca, eu vi num livro que é assim que faz, e arrancou fora a neném. Sente, vê e sabe naquele momento o que é bom pra este cliente. E aí precisa fazer. (...) Como isso acontece eu não sei te explicar. (...) Intuição e flashes que a pessoa tem. Como descobriu o Einstein a famosa fórmula? Dizem que ele viu dentro de uma poça de água. Como que descobriu aquela oitava (...)? Ele sonhou que crianças que estavam trocando a mão constantemente e girando em volta. E aí ele deve ter dito: deve ser papel inflando com esse tipo de átomo, porque ela tem algumas ligações duplas e outras simples. E não conseguiram*

*descobrir porque, porque aqueles duplas e simples sempre giravam. (...) Ele era uma pessoa muito chão-chão e ao mesmo tempo tinha uma fé bem grande espiritual. Você já leu o livro do Jorge Downing? Aquele A Massagem?(...) Aí ele descrevia assim: quando você começa a praticar, não fica repetindo muito aquilo que você aprendeu, mas deixa a intuição mostrar o que você precisa fazer com este cliente.”*

E confirmando a possibilidade de haver mesmo ocorrido a intuição do método e a impossibilidade de se furtar à mesma, temos:

*“Não, não dá. Mas vou te dizer: aquilo que é concreto as pessoas entendem. Mas da intuição só vão entender quando já sabem o concreto, sabem trabalhar com o concreto e aí pode darse a liberdade de intuir e pegar ainda mais alguma coisa.”*

Em outro depoimento encontra-se:

*“ (...) Acho que é por aí, tem a coisa da intuição. Mas eu ainda acho que uma pessoa intuitiva sem uma sólida formação teórica não chega...”*

Para melhor compreender o significado da intuição no método elaborado por Sándor é oportuno que se abra um parêntese para explicar como este conceito está sendo empregado.

Intuição é uma palavra que deriva do latim *intueor*, que significa ‘*estudar atentamente, observar, considerar, contemplar*’. Pode ser ainda ‘*ver, descobrir*’<sup>54</sup>. Para Jung, intuição é uma função básica da psicologia que se ocupa em transmitir percepções através do inconsciente. Tanto os objetos interiores como os exteriores podem ser foco dessas percepções, assim como também suas respectivas conexões. Apesar de poder se apresentar de diferentes formas, a peculiaridade da intuição reside no fato

---

<sup>54</sup>TORRINHA, F. *Dicionário latino português*. 2ª. ed. Porto: Gráficas Reunidas, 1942. 947 p.

de que ela não é de cunho sensorial, nem faz parte dos sentimentos, também não sendo componente das conclusões intelectuais. Seu conteúdo aparece como um todo coeso, sem que se possa averiguar ou explicar imediatamente como este se compôs. Valemo-nos das suas palavras para melhor explicitar esta função psicológica:

*“A intuição é uma espécie de adaptação instintiva de qualquer conteúdo (...) É uma função perceptiva irracional (...) seus conteúdos possuem o caráter do que está dado, em contraste com o caráter do que é ‘deriva do’ ou do que é ‘gerado’, próprio do sentir e do pensar. Daí resulta o caráter de segurança e de certeza do conhecimento intuitivo, o que levou Spinoza a considerar a ‘scientia intuitiva’ como a forma suprema de todo conhecimento. A intuição tem de comum com a percepção essa qualidade, cujo fundamento físico serve de base e causa à sua certeza. Igualmente se baseia a certeza da intuição num determinado estado psíquico de coisas, cuja constituição e disponibilidade ocorreram inconscientemente.” (Jung, 1982, p.529)*

Também Hillman, escrevendo para leigos, busca esclarecer a intuição e seu funcionamento. Postula que as intuições não são produtos construídos pelo ser humano. Elas simplesmente acontecem, repentinamente, como um julgamento definido chegando até nós na forma de compreensão de algo que já está definido. Ela pode vir com um acontecimento ou por causa dele ou até ser inerente a ele. É uma compreensão, um entendimento súbito que toma conta da pessoa, não lentamente, passo a passo, via raciocínio, mas independente do tempo e espaço. A intuição é clara, rápida, integral e atemporal.

*“A intuição também é invocada para explicar a criatividade e o gênio, o inexplicável explicado por um processo que é em si mesmo inexplicável”.(Hillman, 1997, p.111)*

Entretanto, a intuição não escapa do equívoco e pode não ser precisa, por isso há a necessidade da garantia da verificação dos fatos. Hillman exemplifica a intuição com a teoria estética de Kant e a descrição de Mozart, sobre a composição. O matemático Henri Poincaré, falando sobre si mesmo, afirma que: “*A princípio, o mais impressionante é essa iluminação súbita*”.(Poincaré apud Hillman, 1997, p.112)

A intuição é de cunho irracional, pois se refere a uma espécie de percepção de conteúdos do inconsciente assim entrar em contato com isso também ocorre de maneira inexplicável.

Há de se ficar atento, nesse ponto, para o fato de que, se a intuição é, sobretudo, um processo inconsciente, será então, muito difícil definir conscientemente sua essência. Portanto, somente os resultados posteriores poderão demonstrar o que foi intuído.

Como bem dito em um dos depoimentos, os médicos antigos, por não possuírem ainda aparelhagem própria para exames detalhados, como os que possuímos hoje em dia, realizavam seus diagnósticos utilizando entre outros indícios a intuição. Sándor foi um médico como os antigos, que premido pelas circunstâncias da guerra, que o privava da utilização dos recursos mais avançados na época para diagnosticar, usou apenas os recursos disponíveis, que provavelmente eram precários devido à circunstância da guerra, entre eles a sua própria intuição.

Jung exemplifica a intuição com uma passagem ocorrida com Robert Mayer, médico da marinha que viveu no século XIX, criador da teoria sobre a conservação da energia. Mayer era médico e não físico, como se pudesse esperar, e essa idéia não foi concebida como um produto de confluência das idéias ou sobre hipóteses científicas daquela época. Ela foi se desenvolvendo e tomando corpo dentro de seu criador “*como uma planta*”. Numa carta para um amigo, Robert Mayer escreve:

*“A teoria não foi chocada em escrivania. Se quisermos esclarecer certos pontos da fisiologia é indispensável conhecer os processos físicos; isto se a matéria não for trabalhada de preferência*

*do ponto de vista da metafísica, o que me desagradava profundamente. Ative-me, portanto, à física e lancei-me no assunto com tal paixão que pouco me interessavam as paragens exóticas que percorríamos (o que muitos vão achar ridículo) e preferia ficar à bordo, onde podia trabalhar ininterruptamente e me sentia como que inspirado durante horas a fio. Não me lembro de ter vivido momentos semelhantes, nem antes, nem depois. Rápidos clarões perpassavam meu pensamento (isso foi no ancoradouro de Suraboja), eram captados e imediatamente e avidamente perseguidos levando, por sua vez, a novos objetos. Esses tempos passaram. Mas o exame calmo do que 'emergiu em mim' naquela ocasião confirmou que se tratava de uma verdade. Não só uma verdade subjetiva, mas uma verdade que também pode ser provada objetivamente. Se isso pode acontecer a um homem tão pouco versado em física como eu, é uma questão que tenho que deixar em suspenso.” (p.59)<sup>55</sup>*

Esse novo pensamento de Robert Mayer não se desenvolveu pouco a pouco, através de seus estudos e aprimoramento das idéias tradicionais já existentes sobre energia, como ele mesmo diz, mas pertenciam sim, “a *outras esferas, que assaltam o pensamento e que exigem que os conceitos tradicionais se transformem de acordo com elas.*”(p.59)

Esses processos têm também a particularidade de serem inicialmente inconscientes, podendo alcançar a consciência de maneira gradual. Entretanto, o momento de seu aparecimento pode ser repentino, de maneira que a consciência é inundada por ele instantaneamente, inesperadamente. Esse é a compreensão do leigo e daquele que porventura foi atingido por esse fenômeno; mas o especialista sabe que não existem transformações repentinas, pois na verdade, essa irrupção foi sendo preparada através dos anos, e às vezes durante a metade da vida da pessoa.

Sándor se referia ao *intuir* com as seguintes palavras:

---

<sup>55</sup> O grifo é do autor da carta.

*“Intuir: acertar no âmago; atingir com a ponta da flecha o ponto vital da problemática, o cerne de um fato, ir direto ao ponto central. Usando a imagem de um novelo de lã, é o pegar pela ponta certa. Puxando por ela vai se soltando o emaranhado de todo o novelo. A intuição traz a orientação do passo a ser dado, sem contaminação racional e joguetes racionais”. (apud Delmanto, 1997, p.32)*

E ainda citava um mestre da filosofia zen que dizia:

*“No caminho da intuição predominando sobre a razão, a pessoa se orienta seguindo a direção intuitiva, se expressando por atos ou palavras espontâneas. Não se trata de afastar-se do mundo mas fazer parte ativa e integrante da vida. Participar com produção atuando no meio ambiente com animo, integrando a perpetuação através da família. Se trata de viver o cotidiano em sua plenitude.”(idem, p.32)*

Essa breve exposição sobre a intuição se faz necessária para esclarecer e fundamentar as colocações e a idéia de que Sándor inicialmente intuiu o método de trabalho corporal, utilizando-se dos conhecimentos de que dispunha: as informações sobre anatomia e fisiologia obtidas no curso de medicina, além de sua própria experiência de vida. Assim, desenvolve uma prática terapêutica na qual o corpo, na sua totalidade, é o tema principal.

Sua primeira técnica de trabalho, a calatonia, foi elaborada durante a guerra, observando as reações dos pacientes ao contato bipessoal e ao toque do médico no cuidado rotineiro aos doentes. Pelos dados obtidos nas entrevistas, pode-se concluir que essa técnica foi, antes de mais nada, fruto de sua intuição: Sándor começou a observar o comportamento dos pacientes e, de maneira intuitiva, tocava-os durante os cuidados de rotina, da seguinte maneira: posicionava de maneira diferente um membro machucado e observava que tanto o toque como o

novo posicionamento trazia ao paciente conforto físico e emocional. Assim está plantada a semente da qual brotaria a técnica que trabalha sutilmente com as pontas dos dedos. Depois de terminada a guerra, essa semente é bem regada e aí sim, a calatonia recebe os retoques finais através de pesquisa e experimentação, já calcados então nos conhecimentos médicos que Sándor possuía.

Dessa forma, o processo da construção do método de trabalho corporal é, primeiramente intuitiva, automática, sentindo o que cada pessoa necessitava naquele momento para que pudesse receber o alívio de que necessitava. Depois de passar por esse processo de acolher as mensagens enviadas pelo seu inconsciente nesse processo intuitivo, Sándor buscou compreensão e respaldo teórico na área do saber que lhe era conhecida e que lhe interessava: sua formação médica e as áreas da fisiologia e da anatomia. A partir daí pôde compreender o caminho que a energia corporal percorre adentrando pela pele e caminhando através dos diversos segmentos internos do corpo humano.

Por questões emocionais particulares busca uma outra compreensão para sua própria vida e encontra respaldo nas leituras e estudos que vai realizando tanto sobre astrologia como da sabedoria perene e pode, dessa forma, unir conhecimentos advindos da medicina, da psicologia, da filosofia e da sabedoria antiga, mostrando ser uma pessoa multidisciplinar, que busca conhecer outras áreas do saber e as utiliza quando necessário e oportuno.

## **5.2.Os fundamentos do método**

### **5.2.1.Fundamentos anatômicos e neurológicos**

Após elaborar algumas vivências que se impunham no plano intuitivo e que o conduziram à compreensão de determinados aspectos do psiquismo humano, Sándor buscava transpor esta experiência para um sistema conceitual de ampla profusão no universo científico. Desta forma

vale-se de sua experiência como médico para compreender e fundamentar suas hipóteses dentro do jargão empregado pela medicina. Temos assim a possibilidade de estabelecer, em muitos momentos, uma compreensão neurofisiológica para os estímulos corporais que levarão ao encontro de conteúdos psicológicos. Esta afirmação pode ser corroborada em outra parte dos depoimentos, ilustrada a seguir:

*“... Mas a experiência do toque veio em função da experiência de vida dele. Acho que a vida dele conta a história profissional dele, elas se entrelaçam e em função disso. Acho que a partir das observações práticas da vida dele é que ele foi desenvolvendo as técnicas, de algumas coisas que ele foi lendo. Não sei te dizer que coisas ele tinha a disposição dele na guerra, ou no pós guerra. Será que ele teria coisas a disposição dele? Coisas teóricas? Mas que isso trouxe para ele depois, de você ler o que as pessoas falam a respeito e traçar relações. Enfim, no livro *Técnicas de Relaxamento* tem muita coisa de Schultz, Jacobson, Michaux, enfim... ele falava deles, falava da calatonia. Mas eu diria que houve primeiro a prática e depois ele deve ter visto outros autores e aí ele traçou paralelos. Ele tem uma capacidade de síntese e de análise em função até de uma formação filosófica de escola que existia, eles estudavam os filósofos gregos no grego, no original. Isso é formação escolar dele, mesmo, que ele tinha essa capacidade de análise e síntese, de ver as coisas de criar sua própria técnica e deixar sua marca dessa forma. Ele deixou a marca dele e acho que foi por causa de toda a vivência dele.”*

Em outro depoimento encontramos:

*“...ele era uma pessoa muito criativa. Estudava e criava a partir daquilo que ele estudava. E às vezes, até digo que ele criava e depois ia buscar nos estudos dele alguma coisa que fundamentasse*

*o que ele criou.<sup>56</sup> Porque eu acho que esse foi o primeiro momento dele: acredito que ele teve a coisa da vivência prática, o que ele experienciou na Alemanha e depois buscou a teoria pra fundamentar aquilo que ele havia criado na prática. Acho que nunca é uma coisa só. Acho que é um processo dinâmico. E como ele é uma pessoa que está sempre em constante movimento, sempre entusiasmado, daí sua produção foi tão volumosa que ele pode ensinar para outras pessoas, por isso as pessoas ficaram tão interessadas.”*

Em outro depoimento temos:

*“...a formação médica dele também. Isso parece que não faz diferença, mas faz. Faz muita diferença. Ele fazia estudos, trazia material médico sobre a parte de neuro-anatomia, neuro- psiquiatria, publicações em revistas.”*

Em outro depoimento:

*“... ele tentava estudar muitas vertentes e uma vertente que ele se importava muito, seria a neurologia. Ele tinha assinaturas de revistas alemãs mensais onde ele recebia todas as novidades a respeito de assuntos neurológicos, por exemplo. Ele tinha também uma visão médica do ser humano; ele se interessa por isso.”*

Em outro depoimento, no qual os depoentes falam sobre Jozsef , Irén e Sándor:

*“...nós somos sempre intuitivos, que percebemos as coisas de um outro jeito e o dele, Sándor, era o científico.(...)Ele veio com o lado mais acadêmico.”*

---

<sup>56</sup> O grifo é nosso.

Uma vez apontados os acontecimentos que impulsionaram Sándor no desenvolvimento do método de trabalho corporal, passaremos a descrever os prováveis fundamentos teóricos desse trabalho.

### **Cinesiologia psicológica**

Cabe nesse momento, maior atenção para as ciências médicas, área de primeiro interesse de Sándor e matéria pela qual procurava, em primeira instância, fundamentar o método de trabalho corporal.

Podemos nos remeter, inicialmente, às aulas do curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo, nos quais Sándor ensinava anatomia, fisiologia e neurologia e onde depois da aula teórica demonstrava uma técnica corporal, para que os alunos pudessem compreender e observar não só a realização da aplicação da técnicas em si, mas também sua correspondência com o que fora ensinado e seu efeito no corpo humano.

Os conceitos e definições que vêm a seguir foram extraídos da apostila (s.d.) *Cinesiologia para Psicólogos. Uma breve introdução* organizada por Sándor e por ele distribuída aos alunos que freqüentavam o curso acima citado.

Sándor combinou os conceitos da cinesiologia, da anatomia<sup>57</sup> e da fisiologia<sup>58</sup> para compreender o homem como um todo, ou seja, como médico, via o homem na sua totalidade, não de maneira fragmentada. Relacionava esses aspectos do ser humano entre si, no sentido de poder compreender e acolher o indivíduo de forma mais abrangente. Denomina de *cinesiologia psicológica* uma subdivisão da correlação feita com outras matérias, visto que essa área abarca e explica cientificamente as “*reciprocidades entre o movimento e seu sentido, a imagem corpórea, a expressão estética, a comunicação cultural, a personalidade, as motivações individuais e sociais*”(s.d., p.2). Não perde de vista a

---

<sup>57</sup> Anatomia: a ciência que estuda a estrutura do corpo.

<sup>58</sup> Fisiologia: a ciência que estuda o funcionamento do corpo.

*cinesiologia correlativa*, que trata das inter-relações entre a forma e a função do corpo como num todo, observando as conexões com a biologia, a bioquímica e noções da física clássica no sentido de compreender a biomecânica do desenvolvimento motor durante o crescimento do ser humano.

Outro ponto de atenção para sua pesquisa foi o estudo e a compreensão do significado do movimento muscular, não só em relação ao locomover, mas também no que diz respeito ao sinalizar das vísceras, pois preocupava-se não só com os movimentos visíveis, mas também com os movimentos internos, invisíveis, buscando assim compreender os movimentos do corpo na sua totalidade. Esses movimentos internos, considerados fundamentais, estão localizados no organismo todo, atuando no sistema digestivo, nos dutos glandulares, nos olhos, nos sistemas urinário e reprodutor, nos vasos sanguíneos, em partes do sistema respiratório. Por possuírem inervação dupla, (simpático e parassimpático<sup>59</sup>), constituem-se num “*peculiar “receptáculo” para os dinamismos psíquicos mais variados, especialmente os inconscientes.*”(idem, p.3)

### **Os ossos**

Os ossos, que compõem o sistema esquelético, possuem diversas funções, e são formados por um “*tecido conectivo altamente especializado.*”(idem, p.2) Essas funções são gerais e atribuídas ao esqueleto como um todo: desempenham um papel importante na locomoção, auxiliando os movimentos do corpo, possibilitando a inserção aos músculos e funcionando como alavanca; possuem capacidade para proteger órgãos vitais e tecidos moles, especialmente nas cavidades craniana e torácica; produzem células sanguíneas dentro da medula vermelha; é área de armazenamento para sais minerais, especialmente fósforo e cálcio, suprindo as necessidades do corpo. O tecido ósseo é

---

<sup>59</sup> O sistema nervoso autônomo divide-se em simpático e parassimpático. O simpático é responsável pelo gasto de energia e o parassimpático está relacionado com processos restaurativos do organismo.

vivo e seu desenvolvimento, ocorre através de um metabolismo complexo, mas não é ainda conhecido em todos os seus pormenores. O perióstio é o nome dado à camada fibrosa e vascularizada que envolve o osso que, por possuir um grande número de nervos sensitivos é passível de receber diversas técnicas de abordagem corporal. Também nas articulações essa regra é válida, na medida em que ali estão os ligamentos e feixes musculares que conectam os ossos.

Esses sistemas orgânicos são significativos no desenvolvimento da personalidade, mas é o sistema nervoso que conscientiza o homem de si mesmo e do meio em que vive através da sua capacidade de *“interferir, regular, condicionar e ajustar os processos vitais de outros sistemas orgânicos, estabelecendo ligações do organismo - como um todo - com o ambiente”*. (idem, p.3)

O contato com o mundo exterior é realizado pelo sistema cérebro-espinhal, através dos órgãos do sentido, possibilitando ao homem reconhecer a si e ao meio em que vive.

### **O sistema nervoso autônomo**

Já o sistema nervoso autônomo é responsável pela organização dos processos biológicos internos, não conscientes, não controláveis ou influenciáveis, mas percebidos em parte somente por sinalizações somáticas e psíquicas. Esses dois sistemas possuem pontos de transição, especialmente no que concerne à área sensório-motora, que necessita constantemente de reorganização, no sentido de adaptação ao meio ambiente do homem portador de desejos conscientes. E como o ser humano está em constante mutação, no sentido de se desenvolver, aprimorando-se, esses dispositivos responsáveis pelas informações recebidas, passam por reorganizações e remodelações necessárias para que a raça humana se adapte de maneira adequada e harmônica.

### **O tecido conjuntivo**

Além dos sistemas acima descritos, deve-se lembrar ainda das fâscias, do tecido conjuntivo e da pele. A pele é um órgão sensorial que protege o organismo todo e, por isso, é considerada como o órgão central do método de trabalho corporal elaborado por Sándor, pois é ela que recebe o toque.

Foi através do estudo da cinesiologia psicológica e correlativa que Sándor se municiou de instrumentos que o levassem a constatações referentes à realização dos toques, no sentido de conduzir as pessoas a recondiçionamentos fisio-psíquicos, ou até a novos condicionamentos e organização, para poderem desenvolver uma auto-percepção mais apurada, podendo dessa forma entrar em contato com suas potencialidades inerentes, porém, ainda inconscientes.

### **A neurologia**

Sándor também se remete à neurologia, que segundo os entrevistados, parece ser sua área de maior preferência e atenção, em que busca compreender de que maneira os estímulos táteis são recebidos, percebidos e integrados pelo corpo. As informações que se seguem foram retiradas do livro de Jacob, Francone e Lossow (1990) que compreendem a anatomia e a fisiologia como uma unidade integrada, parte da vida, como um processo integrado.

Sándor se refere a três aspectos da neurologia nos seguintes termos:

*“Aqui aconteceram as primeiras tentativas de uma fundamentação multilateral que no decorrer dos anos chegou a ser solidificada, especialmente no Brasil, onde houve possibilidade de estudar as pesquisas mais recentes sobre a formação reticular, as representações vegetativas na córtex e sobre proprioceptivos periféricos.”(Sándor, 1982, p.93)<sup>60</sup>*

---

<sup>60</sup> O grifo é nosso.

Faremos a seguir uma breve descrição sobre esses sistemas orgânicos, no sentido de compreender como a parte neurológica atua recebendo e difundindo os estímulos táteis por todo o corpo.

A *formação reticular* é composta por numerosos neurônios pequenos localizados espalhados no *mesencéfalo*<sup>61</sup>, *ponte*<sup>62</sup> e *bulbo*<sup>63</sup>, *hipotálamo*<sup>64</sup> e *tálamo*<sup>65</sup>, relacionados entre si. A formação reticular é capaz de modificar a atividade reflexa dos neurônios espinhais e, acredita-se serem essenciais para as atividades corticais, tais como o início e manutenção do estar desperto, sendo por isso considerado como um sistema ativador. A formação reticular fornece impulso para todos os tipos de sensações e esses impulsos podem iniciar um estímulo geral de todo o córtex cerebral, que são enviados para outras partes do encéfalo, que por sua vez, também pode mandar impulsos para a formação reticular. As vias principais para a medula espinhal, chamadas de *tratos reticulospinais*, surgem da formação reticular que também está ligada às vias motoras e sensitivas.

As vias sensitivas são receptoras para o tato, pressão, temperatura, dor e cinestesia de todas as partes do corpo; da visão e da audição, ligada ao equilíbrio; para o gosto e o olfato, relacionados com áreas próprias no cérebro, numa região denominada *córtex somestésico*. As vias motoras estão divididas em *sistemas piramidal e extrapiramidal*.

O *sistema piramidal* está envolvido com os movimentos voluntários dos músculos esqueléticos, especialmente daqueles que envolvem movimentos discretos dos membros, particularmente movimentos isolados dos dedos; participa também do controle dos músculos dos lábios, língua, mandíbula e laringe. O *sistema extrapiramidal* está aparentemente envolvido com certos tipos de

---

<sup>61</sup> Mesencéfalo: encéfalo médio; parte do sistema nervoso que está contida no crânio.

<sup>62</sup> Ponte: eminência branca, convexa situada junto à base do encéfalo.

<sup>63</sup> Bulbo: segmento de comunicação com a ponte, situado adiante do cérebro.

<sup>64</sup> Hipotálamo: porção do diencefalo que forma o assoalho e a parede lateral do terceiro ventrículo; exerce controle sobre atividades viscerais, equilíbrio hídrico, temperatura, sono, etc.

<sup>65</sup> Tálamo: porção do encéfalo localizada perto do hipotálamo.

movimentos voluntários tais como flexionar, ajoelhar, andar, rolar, sentar, levantar e virar; inicia vários tipos de movimentos automáticos como o balanço do braço enquanto se caminha, a gesticulação e expressões faciais tais como sorrir e zangar, em resposta a estímulos emocionais; regula e coordena a ação do sistema piramidal para assegurar a delicadeza do movimento; é responsável por certos movimentos automáticos; está relacionado também à postura e a ajustamentos inconscientes do tônus muscular; controla a respiração e várias funções viscerais, tais como a média de batimentos cardíacos, a mobilidade gastrintestinal e atividades que envolvem os impulsos básicos. Atua sobre a função motora, formação reticular e exerce controle bilateral. Quando a formação reticular é lesada a pessoa entra em um estado inconsciente permanente, o chamado *estado de coma*.

Para compreender as representações vegetativas no córtex, ou seja, as representações involuntárias que ali ocorrem, é necessário descrever as funções ali localizadas. *Córtex* é o nome dado à camada externa de um órgão, que se distingue de sua substância interna; no cérebro, ela se apresenta como uma substância cinzenta e possui diferentes funções. O córtex está subdividido em áreas que determinam o funcionamento do corpo humano. Essas áreas são: *áreas motoras principais*, que envolvem os movimentos discretos, podendo ser o movimento de um músculo isolado ou de um pequeno número de músculos, responsáveis por movimentos de precisão; *área pré-motora*, responsável pelos movimentos grosseiros; *área motora suplementar* que ainda não tem função bem definida; *campo visual frontal*, responsável pelo movimento dos olhos e da cabeça para o lado oposto ao lado estimulado, abertura e fechamento das pálpebras e a dilatação das pupilas; *área da fala*; *área do comportamento emocional e tipos refinados de processamento mental*; *área somestésica*, que recebe impulsos sensitivos de tato, pressão, temperatura e cinestesia de todas as partes do corpo; *área sensorial auditiva*; *área sensorial visual*; *áreas de projeção*, que se tornaram especializadas para a liberação das diretrizes motoras e

para a recepção de mensagens sensoriais, sensitivo-somáticas, sensorial auditiva e sensorial visual.

E, finalmente os *proprioceptores periféricos*, isto é, *receptores sensoriais*, que são os responsáveis pela energia absorvida pelos neurônios para o sistema nervoso central, e que fornecem informações sobre alterações nos meios interno e externo. O receptor é uma terminação periférica de um neurônio sensorial, ou uma estrutura ou órgão inervado por um neurônio sensorial, que é especialmente sensitivo a um dado tipo de estímulo. A classificação dos receptores é um tanto contraditória e difícil de ser realizada. Entretanto, numa classificação geral, são distinguidos como *receptores para sentidos gerais*, que estão distribuídos pelo corpo e incluem a dor, o tato, pressão, frio, calor, percepção da posição e de movimentos de parte do corpo, e os *receptores para sentidos especiais* da cabeça, isto é, visão, audição, paladar, olfato e equilíbrio. Todos os receptores anteriores fornecem energia conscientemente percebida. Outros receptores gerais podem detectar alterações corporais que não são percebidas conscientemente, mas desempenham papéis vitais na manutenção da uniformidade e organização do corpo.

Os *proprioceptores* propriamente ditos, são receptores de vital importância para respostas posturais e locomotoras, incluindo os receptores cinestésicos, o furo muscular e receptores de equilíbrio na orelha interna. Existem também os *receptores somestésicos*, que se referem à percepção corporal e que são freqüentemente usados para descrever as sensações percebidas conscientemente, os *exteroceptores* que são os receptores que respondem aos estímulos do meio externo, de uma distância ou de uma superfície do corpo e os *interoceptores*, que respondem a estímulos do meio interno, excluindo músculos, tendões e articulações. Das *terminações nervosas livres* destacam-se os *corpúsculos de Meissner*, que são receptores para o tato discreto: são especialmente numerosos na camada superior da pele das mãos, pés, lábios e papilas mamárias e na membrana mucosa do ápice da língua.

Outros tipos de receptores incluem os *discos de Merkel*, encontrados em grande número na camada epidérmica mais profunda da ponta dos dedos e nos órgãos terminais do pelo; os *órgãos terminais de Ruffini* encontrados nas cápsulas das articulações, onde funcionam os receptores cinestésicos e os *receptores tendinosos de Golgi* e os *corpúsculos de Pacini*, estão situados nos tecidos que se encontram dentro e em torno das articulações.

Uma propriedade característica dos receptores é a sua adaptação à estimulação. Entretanto, alguns possuem uma característica de se adaptarem lentamente aos estímulos e não se extinguem. Entre estes estão os órgãos terminais de Ruffini e os discos de Merkel.

Depois dessa breve exposição sobre os segmentos do cérebro mencionados por Sándor ao escrever sobre a calatonia em seu livro **Técnicas de Relaxamento** (1982), faz-se necessário também fazer uma descrição anatômica sobre a pele. Essa descrição será feita com base nas afirmações de Kapit e Élson (1987), este segundo um anatomista professor de anatomia e fisiologia.

### **A pele**

A *pele* é o revestimento de espessura variável, altamente sensível e vascularizado que cobre o corpo e é formado por duas camadas: a *epiderme* e a *derme*. A *epiderme* é a camada mais externa e vascularizada da pele e é composta por cinco camadas celulares distintas. A *derme* é considerada a *pele verdadeira* e é a segunda camada principal, que está sob a epiderme. É constituída por feixes grossos de tecido fibroso onde se encontram os *vasos sanguíneos* e os *vasos linfáticos*, orientados em redes, glândulas sudoríparas, folículos pilosos, glândulas sebáceas e músculos eretores dos pêlos. As glândulas sudoríparas estabilizam a temperatura corporal, as glândulas sebáceas excretam uma substância oleosa que protege a pele da desidratação; o pêlo brota das células epidérmicas e se estende à pele, formando o folículo piloso durante o início do desenvolvimento fetal e cresce acima da

superfície da pele. A papila dérmica que se encontra sob a epiderme supre a haste pilosa com nutrientes vindos dos vasos. O músculo eretor do pelo, que está preso ao folículo piloso, eleva a haste pilosa, ajudando na excreção da substância oleosa.

A pele e todos seus componentes protegem o corpo contra invasões de microorganismos, produtos químicos e radiação ultravioleta; regula a temperatura corporal e atuam como um sensor informando à pessoa como está o meio ambiente.

Os *receptores sensitivos*, são terminações nervosas das células nervosas sensitivas e são estruturas especializadas em responder a estímulos de vários tipos. Estão espalhados pelo corpo e formam uma vasta rede que tem como função informar ao sistema nervoso central sobre o meio ambiente tanto dentro como fora do corpo. Os estímulos podem ser ondas luminosas, diferentes graus de contato mecânico, estiramento muscular, certas concentrações químicas, etc., e o receptor inicia uma reação eletroquímica em forma de impulso que passa rapidamente do axônio<sup>66</sup> de uma célula nervosa sensitiva para o sistema nervoso central. Em resposta a esse impulso, pode se observar um movimento reflexo rápido, um movimento decisivo e pensado, ou até, reação nenhuma.

Os *receptores* encontrados na pele e que fazem a comunicação com o sistema nervoso central são: os *discos de Merkel*, os *corpúsculos de Meissner*, e o *plexo da raiz do pêlo*. Esses receptores já mencionados e descritos acima, têm um limiar de sensibilidade muito baixo, disparando, portanto ao menor toque.

O folículo piloso tem terminações livres assim como os discos encapsulados de Merkel, as quais ascendem às camadas epidérmicas.

Os corpúsculos de Meissner consistem em um núcleo de fibras nervosas e células rodeadas por outras camadas celulares.

---

<sup>66</sup> Axônio: processo neuronal condutor de impulsos para longe do corpo celular

Os *corpúsculos de Pacini* consistem em terminações nervosas circundadas por muitas camadas de células achatadas e a deformação, pelo contato, destas cápsulas na fáscia superficial ou em qualquer outro lugar leva o nervo terminal a disparar, fazendo com que a pessoa tenha consciência do toque acima de certo limiar; são sensíveis também à vibração.

Os *corpúsculos de Krause* e os *corpúsculos de Ruffini* são receptores de temperatura têm, geralmente, a forma de bulbo e constituem-se de terminações nervosas circundadas por várias camadas de células -satélites achatadas.

É através da pele que nos relacionamos, aprendemos a estar nos diversos ambientes que nos rodeiam, aprendemos a distinguir o mundo para nos relacionarmos ou defendermo-nos. É através dela que nosso sistema nervoso central *sabe* e reconhece a vida.

A pele é um tecido que está em constante renovação e é ela que, especialmente através do rosto de uma pessoa, “*registra as tentativas e os triunfos de toda uma vida e com isso transporta a própria memória de suas experiências*”. (p.23)

Outro pesquisador digno de nota e que aqui cabe ser citado é Montagu (1988) que realizou um estudo sobre o toque. Segundo ele, a pele que cobre todo o organismo humano e está intimamente ligada à todas as sensações e estímulos recebidos pelo corpo. A pele é a *roupa* que nos veste por completo, “*é o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor.*” (p.21) A pele reveste desde a parte mais grossa dos nossos pés, como as partes mais finas e delicadas de nossos olhos, assim como também se revira para revestir nossos orifícios. É pela pele que *nos iniciamos*, pois o tato é o primeiro sentido a se desenvolver no embrião. Montagu considera a pele como sendo a “*porção exposta do sistema nervoso.*”(p.23)

Parece que é por tudo isso que Sándor aponta a pele como a extensão através da qual se pode observar as manifestações tanto psíquicas quanto somáticas do indivíduo.

Sándor construiu um método de trabalho no qual o toque é condição *sine qua non* para que seja possível a sua realização e aplicação, visto que é pela sensibilidade cutânea que o corpo recebe, conduz e percebe as diversas qualidades de estímulos. Como sugere o autor, o estímulo tátil proporciona

*“... vivência multisensorial ao mesmo tempo; ... possibilita além disso, uma síntese de várias particularidades perceptivas e aperceptivas, sintonizadas e sincronizadas numa configuração singular em cada indivíduo” (p.99),*

pois sabe-se que a sensibilidade da pele apresenta uma sensibilidade primitiva não discriminatória numa intensidade muito maior do que as outras áreas da percepção sensorial. Segundo ele, a *plasticidade sensorial* ainda é um campo pouco explorado e o que se sabe das complexas sensações da pele, referem-se ao que nosso vocabulário pode descrever em palavras, o qual nem sempre corresponde ao que verdadeiramente percebemos, pois este, comparado às nossas sensações ainda se mostra empobrecido.

### **Descrições anatômicas e fisiológicas**

Realizadas essas descrições passo agora à realização das correlações que considero relevantes para a compreensão anatomo-fisiológica do método elaborado por Sándor.

Pelas descrições anatômicas e fisiológicas pode-se compreender cientificamente como o método de trabalho corporal, atua no corpo do indivíduo.

A pele, constituída por componentes que levam à sensibilidade cutânea age como mensageira, levando até o cérebro os estímulos

recebidos, como se fossem recados de que foi estimulada. Esses estímulos são desvelados ainda na camada superficial cutânea, que reage juntamente com os aspectos componentes do córtex e circunvizinhanças anatômicas, que fazem parte da estrutura cerebral. É realizada e concretizada dessa forma a recepção e percepção, consciente ou não do toque, para que imediatamente ocorra a resposta, (consciente ou não), ao impulso que foi enviado ao cérebro e, conseqüentemente, seus processos internos. A pele, essa camada externa, funciona também, como o correio do meio ambiente.

### 5.2.2. Fundamentos psicológicos

Juntamente com todas as considerações neuro-fisio-anatômicas sugeridas por Sándor também o aspecto da teoria psicológica foi apontado como de extrema importância dentro do método de trabalho corporal por ele elaborado. Isso pode ser constatado com muita frequência nos depoimentos colhidos:

*“... eu acho que ele aprendeu psicologia como ninguém durante a guerra, por causa da guerra<sup>67</sup> e pelo que ele via na guerra. (...) ele descobriu uma coisa: que os sintomas antes de ficarem físicos, eles estão no psicológico gritando. Então ele sempre me dizia: “É incrível como os psicólogos gostam de ser mini-médicos” ou “Como a psicologia é a segunda opção para a medicina e eu larguei a medicina para ser psicólogo e as pessoas não entendem que você poderia estar atuando antes do problema virar problema físico.” Então ele tinha todos esses interesses. Aí que está: ele queria chegar antes no enfoque do problema do camarada. Como psicoterapeuta talvez ele conseguiria mais sucesso.”*

Em outro depoimento temos:

---

<sup>67</sup> O grifo mostra a ênfase dada pela resposta do entrevistado.

*“Eu diria que, na minha experiência como aluna dele nas diferentes aulas que ele me dava, eu diria que ele se interessava naturalmente por Jung, falava de Jung, dava curso de Jung.”*

Em outro depoimento, vemos a razão do interesse pela escola junguiana:

*“... se você pensar no método junguiano, é um método bem amplo, a linha junguiana é uma linha muito ampla. Você pode colocar quase tudo lá dentro, desde que não seja uma coisa muito não- científica. Você pode lidar com mito, com a parte de artes, com a parte de corpo, com a parte filosófica, você pode lidar com a parte de religião dentro disso sem estar entrando na questão teológica, mas você lida com a função do transcender, você pode lidar não diretamente com a espiritualidade da pessoa, mas essas questões espirituais emergem... Então, a linha junguiana em si é ampla o suficiente para englobar todo tipo de interesses. Cada um vai de acordo com sua equação pessoal. Um se interessa mais por arte, outro fica mais mobilizado pela parte de movimento, literatura também, mas mais música, por essa coisa de cantar. Então o método também tem isso, a complexidade da pessoa dentro do próprio método de trabalho. Não é uma coisa fixa, não é uma coisa rígida, é muito dinâmico.”*

Quanto à questão que se referia sobre o possível interesse de Sándor por outras áreas do conhecimento além da medicina propriamente dita, as respostas foram expressas nos seguintes termos:

*“Eu percebi entusiasmos por diferentes autores ou diferentes descobertas, diferentes jeitos de pensar coisas. Não mudava, sempre agregava. Mas isso é característica da linha junguiana, porque não é uma linha que exclua coisas facilmente, é possível agregar. Às vezes até não concordo, dizendo: “Olha, tal*

*linha vê desse jeito, mas eu faço assim". Tem um outro jeito de ver, mas não exclui."*

E nos questionários encontra-se também a ênfase em sua predileção pela psicologia profunda de Jung, como pode ser constatado a seguir:

*"Parece-me que conhecia, tinha lido todos os livros que o próprio Jung leu, como também leu toda a obra de Jung (ele amava Jung). Era um junguiano completo, pois conhecia física, química, medicina, história, antropologia, poesia, música, artes plásticas, dança, teologia e integrava tudo isto com o pensamento junguiano. No final de sua vida, creio que nos dois ou três últimos anos, começou a se interessar por Erich Neumann, revelando certo entusiasmo por seus pontos de vista."*

Em outra resposta encontramos:

*"Pode-se dizer que o Sándor conhecia e apreciava todos os grandes nomes do início da psicologia profunda, com exceção de um ou dois. Sándor leu (e ensinou):, Ferenczi, Otto Rank, Heyer, praticamente todos os junguianos: Marie-Louise von Franz, Erich Neumann, Emma Jung, Toni Wolf, Edward Edinger, os Jacobi, Guggenbuhl-Craig, Arnold Mindell, entre outros... enfim, uma infinidade de autores que compunham no campo mental dele, em suas aulas, um mosaico riquíssimo. Certamente estou esquecendo alguns autores importantes."*

E em outro questionário verificamos:

*"Era profundo conhecedor (...) dos junguianos do grupo original, M. L. von Franz, Tony Wolf, Emma, etc. e dos neo-junguianos, Guggenbuhl-Craig, Edinger, Hillman, etc."*

O método de trabalho corporal elaborado por Sándor tem por característica o veio organísmico, isto é, conduz o indivíduo tanto ao trabalho físico quanto ao psíquico, pois além dos toques serem diferenciados, na medida em que as técnicas realizadas procuram dar estímulos táteis pouco usuais aos pacientes, ainda há que se considerar a presença do terapeuta, que os aplica de maneira sistemática e controlada. Esse contato, como afirma Sándor, permite o desenvolvimento de uma efetiva “*essonância bipessoal*” (1982, p.5) brindo espaço, dessa maneira, para o aparecimento de uma variedade intrínseca de material psíquico-afetivo, passível de ser explorado biograficamente. O toque, na grande maioria das vezes, leva o paciente a um estado alterado de consciência, próprio da condição de relaxação. Essa condição coloca o indivíduo em contato com material consciente e, especialmente, inconsciente, podendo o terapeuta realizar dessa forma um trabalho psicoterapêutico verbal, ampliando e analisando junto com o paciente aquilo que este relatar como percepção sobre as sensações que observou, (emoções, idéias ou pensamentos que ocorreram durante a aplicação da técnica). Vale ressaltar que a abordagem para a realização desse trabalho verbal poderá ser realizada com base em quaisquer das linhas psicológicas existentes, e é o terapeuta quem escolherá aquela que lhe será conveniente e mais adequada.

Sándor mostrou-se sempre ético e aberto frente às diversas escolas do pensamento psicológico, pois, segundo ele, respeitava e fazia uso das diferentes teorias, quando isso lhe parecia oportuno. Entretanto, escolheu a psicologia profunda de C. G. Jung para embasar seu trabalho terapêutico.

A escolha de Sándor, por essa linha teórica, parece se justificar pela compreensão que Jung demonstrava ter dos processos psicofísicos, como se denota em vários de seus escritos, e também pela sua maneira multidisciplinar e transdisciplinar de reconhecer o homem e a vida, seus próprios pensamentos e *modus vivendi*.

Podemos considerar a teoria junguiana dessa forma, pois abarca diferentes áreas do conhecimento como as artes, os estudos das religiões, a alquimia, a mitologia, entre outras. Nessa linha de pensamento e ação, o entrelaçamento da neurologia com a psicologia nos parece coerente, na medida em que a partir do toque realizado durante a aplicação das técnicas corporais, o indivíduo pode entrar em contato com processos inconscientes, conscientes e passíveis de análise e interpretação. Assim sendo, o material verbal que o paciente traz após a realização do trabalho corporal pode requerer interpretação com o intento de enriquecer a pesquisa biográfica que o terapeuta realiza, desvelando recônditos do inconsciente de seu paciente.

Parece-nos importante, nesse ponto, retomar as orientações de Jung, tratando agora de alguns conceitos da sua psicologia profunda, que são relevantes para situar o leitor na compreensão de como o fenômeno corporal pode ser apreendido nesse campo. Essa breve explanação será realizada com base no estudo realizado por Duran (1997) que abordou esse tema com distinção.

Para Jung (1991), do inconsciente que se originam os conteúdos conscientes, sendo o inconsciente de natureza completamente desconhecida, pois a ele não temos acesso direto. O autor postula a existência de duas condições advindas de elementos do inconsciente, sejam elas: o *inconsciente pessoal*, que contém material reconhecível, de origem pessoal e o *inconsciente coletivo*, que é impessoal, não pertencente somente ao indivíduo, mas à humanidade como um todo, sendo, porém de origem desconhecida. É no âmbito do inconsciente coletivo que estão os *arquétipos*, que são compostos por conteúdos de *caráter mitológico* e, por isso, impessoal. Segundo von Franz (1992), os arquétipos são

*“idéias ou representações simbólicas, mitológicas, comuns a certas coletividades, bem como a povos ou épocas inteiros. São modos de apreensão típicos que pertencem, do ponto*

*de vista estrutural, a todos os serem humanos, e que forma ao mesmo tempo uma auto-imagem interior, por assim dizer, dos instintos humanos ou de sua estrutura.(...) podem ser descritos como padrões elementares de comportamento da psique, cujos efeitos só são observáveis no campo de visão interior do sujeito, mas não, no caso de muitas pessoas, pela comparação com o seu comportamento exterior.” (p. 105).*

Os arquétipos não possuem conotação positiva ou negativa, mas são vividos assim, pelo ambiente ou por aqueles que estejam sob seu domínio.

Jung, ao longo de sua obra, postula a existência de uma totalidade psíquica que compreende o inconsciente e o campo da consciência cujo centro é o ego, o qual foi por ele denominado *Self*. Von Franz (1992, p. 61) afirma que o *self* é “o ser humano maior e eterno que há em nós”. O símbolo escolhido para designar o *self* é a *mandala*, por ser esta a insígnia da Totalidade, o Si-Mesmo. Jung considera o *self* como o centro regulador da psique e o ego como “o centro das nossas atenções e desejos, sendo o cerne indispensável da consciência.” (op. cit., p.7) Dessa forma, pode-se definir a consciência, como a relação dos fatos psíquicos com o Ego.

Seus estudos e pesquisas foram voltados para a psicologia do adulto, chamando a atenção para um processo que ocorre particularmente na segunda metade da vida do indivíduo, o qual ele denominou *processo de individuação*, que é um processo de maturação. Na opinião de von Franz a individuação é um processo difícil de ser descrito cientificamente, porque inclui muitas variações individuais, como seu próprio nome indica. Como um processo de maturidade, ele envolve a conscientização do indivíduo de sua realidade, de suas forças e limitações, assim como a percepção da humanidade em geral. A individuação, para Duran “*caracterizar-se-ia, em termos ideais, pelo estabelecimento de uma relação dialética consciente entre ego e self*” (1997, p.9).

O *encontro analítico*<sup>68</sup>, ou seja, o relacionamento terapêutico, é denominado por Jung *matrimônio quatérnio*. Isto porque este relacionamento envolve a interação entre consciente e inconsciente, com todos seus componentes e complexos. Assim, está presente no processo terapêutico o consciente e o inconsciente, tanto do paciente como do terapeuta. De tal modo, pode-se considerar que, frente às diferentes possibilidades de troca entre as instâncias envolvidas no processo de terapia, paciente e terapeuta mergulham num relacionamento no qual podem ser inferidas as seguintes possibilidades de intercâmbio: consciente e consciente, ou inconsciente e inconsciente, ou inconsciente e consciente e, ainda, dentro de cada um, em um processo próprio interno de consciente e inconsciente.

Isso significa então, que o encontro analítico envolve tanto paciente como o terapeuta, e por isso o terapeuta deverá ficar atento aos seus impulsos de poder, assim como às suas necessidades internas que poderão, por ventura, ser satisfeitas através da relação analítica.

Giegerich (1978) afirmando que Jung vai além da idéia do diálogo estabelecido entre paciente e terapeuta, avança para uma compreensão dialética da psicoterapia, propondo que nessa interação dual cabe um terceiro fator, sempre presente. Assim, paciente e terapeuta não estariam sozinhos de modo assimétrico mas envolvidos e com a atenção dirigida para esse terceiro fator objetivo, o *teatrum* psíquico, constituído pelo

*“mundo dos complexos e imagens arquetípicas, das formas de ver e dos estilos de consciência, e também a psicologia mesma, com todas as idéias sobre a psique, sua patologia e terapia”*.(p.1)

Realizada essa apresentação concisa de uma faceta das concepções junguianas sobre a psique e o processo analítico, podemos

---

<sup>68</sup>Jacoby, 1992.

agora nos embrenhar na polaridade corpo e psique que estão entrelaçadas na sua teoria e na de alguns de seus seguidores.

Duran afirma que,

*“Quando falamos de ‘corpo’ no referencial junguiano, devemos englobar tanto o conceito de experiências corporais determinantes na formação do Ego, quanto a representação do corpo como fonte inesgotável de ‘energia psíquica’ que realiza a função de transcender conteúdos inconscientes, trazendo-os à consciência sob a forma de símbolos.”* (1997, p.11)

Essa afirmação pode ser compreendida na medida em que Jung definiu o ego como

*“um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência, e a seguir, pelos registros de nossa memória.”*(1991. p.7)

e o inconsciente enquanto fonte inata e vital de energia psíquica.

Farah realizou uma pesquisa cuidadosa, visando a selecionar em uma das obras de Jung seu interesse em relação ao entrelaçamento psicofísico. O volume selecionado<sup>69</sup> é composto pelo relato de cinco conferências realizadas pelo autor em Londres no ano de 1935. Essas conferências são também conhecidas como *Tavistock Lectures*. Farah afirma ter realizado a escolha dessa obra para a apresentação de seus conceitos, porque nela Jung opta por uma maneira introdutória e clara, em um tom quase coloquial, garantindo assim que pessoas não habituadas à sua linguagem pudessem acompanhar a proposta do palestrante. Também as perguntas e respostas da assistência estão ali descritas de forma coloquial.

---

<sup>69</sup> A obra escolhida por Farah para a realização de sua pesquisa foi *Fundamentos da Psicologia Analítica*, Editora Vozes, 2ª. edição, Petrópolis, 1985.

A autora realizou assim, uma pesquisa minuciosa, apontando cada citação, cada trecho onde Jung, de alguma forma, se expressa ou faz considerações sobre os processos psicofísicos. Como ela sugere,

*“em alguns momentos trata-se, literalmente, de uma relação formulada pelo autor, no real sentido do termo, em outros, poderá consistir numa hipótese, uma simples menção ao corpo ou, ainda, uma exemplificação.”* (1995, p.392)

Jung já em 1935, traz em seus argumentos a noção da necessidade de se realizar uma correção e ampliação do conceito de doença, apontado o papel do social na eclosão das condições patológicas, preconizando a necessidade de melhor capacitação dos médicos, no sentido de reconhecer o paciente na sua totalidade.

Farah demonstra em sua pesquisa como a psicologia profunda de Jung é um campo que abrange a integração fisiopsíquica e como ele teorizou ao longo de sua obra essa relação, investigando a imbricação entre psicologia e fisiologia. Seguindo sua pesquisa teremos uma esclarecedora noção da compreensão junguiana, através de um mapa bem organizado das afirmações do autor.

Relacionou, também, os postulados de Jung dirigidos ao corpo e às estruturas anatomofisiológicas, focalizando cada parágrafo em que o autor se refere a esse tema. Jung não mostra intenção de explicar didaticamente o funcionamento fisiológico do corpo, nem de esclarecer a relação fisiopsíquica; mas as correlações que faz nesse sentido, apesar da forma simples, são diretas e ressaltam sua importância.

Considera que a consciência está localizada no cérebro, afirmando ainda ser esta de origem ectodérmica<sup>70</sup>, podendo por isso reter qualidades de sensação e orientação. Como considera o ego sendo formado pela percepção de nosso corpo e existência, postula que não

---

<sup>70</sup> Ectoderma é a mais externa das três camadas germinativas primárias do embrião, da qual derivam a epiderme, as unhas, os pelos, o sistema nervoso, os órgãos dos sentidos e a membrana mucosa da boca e do anus.

haverá consciência caso não haja contato com o exterior. Assim, sugere a existência de uma *ectopsique*, isto é, uma psique que se relaciona com o meio ambiente através dos órgãos do sentido e suas funções.

Considera ainda que a emoção surge por *“uma condição caracterizada por inervações fisiológicas”* (Jung, 1985, p.21), podendo ser mensurada por suas manifestações físicas, já que o corpo, nessas condições, é afetado pela alteração do sistema simpático.

Ao referir-se à relação *corpomente* propriamente dita, Jung prefere utilizar o princípio da *sincronicidade*<sup>71</sup> sem explicitar o que prevalece, se o corpo ou a psique, pois acredita que a questão do paralelismo psicofísico não pertence ao conhecimento humano, assegurando:

*“Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim, prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas.”*(op. cit., p.29)

Como conclui Farah, Jung não tem a intenção de *“estabelecer relações causais entre os eventos psicofísicos”*, mas descrever esses processos de maneira que se compreenda que eles ocorrem simultaneamente, de forma que sejam integradores para a compreensão analítica.(Farah, 1995, p.432)

Ao se referir aos sonhos, Jung remete à história de nosso corpo, como se ele fosse *“um depósito de relíquias e memórias do passado”* e ao cérebro como uma estrutura que possui sua história, tendo sido *“elaborado ao longo de milhões de anos”* e, por isso, portador dessa história que também está presente *“em todo o corpo”*(p.36). Estabelece também correlações entre as imagens oníricas e estruturas orgânicas, considerando que, como sugere Farah (1995), pode haver *“a*

---

<sup>71</sup> *“... penso que existe um princípio particular de sincronicidade ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam junto como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração”*(Jung, 1985, p.30)

*possibilidade de considerarmos o próprio corpo como símbolo da condição terrena do ser humano".(p.410)*

Considera essas correlações apenas hipotéticas, comprovadas ou não durante o processo terapêutico, mas sem dúvida nenhuma, o fato de tratar a natureza como um processo contínuo e a continuidade como inerente à estrutura psíquica, para ele, há de se respeitar as imagens que surgem nos sonhos, inter-relacionando o corpo com o processo inconsciente.

Também acredita que o sistema respiratório reage frente a complexos, alterando o ritmo respiratório do indivíduo, quando exposto a estímulos que atingem processos psíquicos ou seja, quando o indivíduo se defronta com uma situação que para ele pode ser complexa, podem ocorrer processos fisiológicos, de origem neurovegetativa (como por exemplo, alterações nos processos cardíacos, no tônus dos vasos sanguíneos, no intestino, na pele e na respiração), porque certos complexos estão de certa forma localizados no corpo, por fazer parte do que é sentido de uma forma mais marcante e a reação, por isso, é também física. Esses sintomas podem ocorrer frente a eventos tanto conscientes como inconscientes.

Em outra obra, Jung (1981) considera que é o corpo que diferencia os indivíduos entre si, pois concebe que somos todos semelhantes. Nas suas palavras,

*"Se por um lado o corpo é algo que torna os indivíduos semelhantes em alto grau, por outro, o corpo individual distingue um indivíduo de todos os demais". (p.287)*

Jung compreendia certos sintomas como sendo de origem psicossomática, representando no corpo a idéia de algo não elaborado

conscientemente. Nos *Seminários sobre Assim falou Zarathustra*<sup>72</sup> deixa muito clara essa posição quando descreve:

*“... tais idéias suspensas podem se expressar facilmente no corpo: em certos problemas de pele, por exemplo, ou perturbações do sistema nervoso periférico, talvez com anestesia; aparecem freqüentemente problemas de estomago ou intestino, ou seja, diarréia ou constipação. As pessoas que não querem deixar algo ir embora podem produzir uma extraordinária constipação.”*  
(Jung apud Farah 1995, p.435)

Parece que no final de sua vida, Jung desvencilhou-se de certos cuidados, e abordou mais abertamente alguns assuntos e, entre eles, a questão da correlação físiopsíquica. Em uma de suas entrevistas ele afirma:

*“O sonho é a melhor expressão do corpo, no melhor símbolo possível que ele pode expressar, de que algo errado está acontecendo. O sonho chama a atenção da mente para o pressentimento instintivo do corpo. Se o homem não presta atenção a essas advertências simbólicas de seu corpo, pagará por isso de outras maneiras. Uma neurose é meramente a tomada do controle do corpo, sem levar em conta a mente consciente.”*(apud Mcguirre e Hull, 1977, p.61).

Em outra passagem, referindo-se à chegada do século XXI e à preparação do homem para o novo tempo diz:

*“Um espírito de maior abertura em relação ao inconsciente, uma atenção maior aos sonhos, um sentido mais agudo da totalidade do físico e do psíquico, de sua indissolubilidade;*

---

<sup>72</sup> Esses Seminários foram traduzidos por Sándor para os grupos de estudos, pois ainda não estão publicados no Brasil. Aliás, Sándor traduziu muitos textos de Jung ainda não publicados aqui.

*um gosto mais ativo pelo auto-conhecimento. Uma higiene mental melhor estabelecida, se quisermos ver as coisas por esse prisma.”(idem, p.364)*

Nessa sinopse tem-se a mostra de que, para Jung, o entrelaçamento entre físico e psíquico eram evidentes e, apesar de serem abordados com muita cautela, para o leitor mais perspicaz apresentam-se de maneira clara e simples. Com essas idéias, Jung mostrou estar interessado em considerar o homem na sua totalidade, com o intuito de estabelecer um trabalho analítico que pudesse levá-lo ao conhecimento e ao desenvolvimento de sua personalidade, ou seja, à individuação propriamente dita.

Duran (1997) considera que a psicologia analítica de Jung, como um vaso alquímico, forneceu possibilidades para que seus seguidores pudessem desenvolver novos caminhos no sentido de ampliar o enfoque corporal sob uma perspectiva de integração. Destaca alguns autores que se utilizam dessa compreensão para a realização de um trabalho integrador entre as dimensões física, psíquica e social.

Neumann, discípulo e colaborador de Jung, abordando o tema da estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento, desde o início de sua formação, vale-se da questão da integração físiopsíquica. Ao discorrer sobre a dinâmica do período inicial de vida da criança, considera que o ego e a consciência ainda em processo de desenvolvimento, encontram-se abarcados pelo *self* da mãe. Assim sendo, preconiza a existência e manifestação de um *self corporal* que se caracteriza como sendo o responsável pela regulação da totalidade do organismo da criança, tendo suas raízes no biológico. Neumann sugere que:

*“Uma das dificuldades essenciais no desenvolvimento da criança consiste no fato de o ego precisar ir se instalando gradualmente no corpo único, próprio, individual da criança. Esse processo, que caminha lado a lado com o desenvolvimento do ego da criança, é responsável pela extraordinária importância de toda*

*experiência corporal na primeira fase da infância.*”(Neumann, 1991, p.26)

É esse estado de imersão da criança no continente materno que constituir-se-á no fundamento da sua relação futura, não somente com seu próprio corpo, mas também de sua relação com outras pessoas. É através da relação primal com a mãe, composta por sentimentos de segurança, amor, além da alimentação, que se constelará a base indispensável para todo seu contato social futuro. Assim, essa primeira fase da vida da criança está permeada pelo contato do seu corpo com o corpo da mãe.

Woodmann (1980), analista junguiana, realizou uma pesquisa com obesos e suas causas psíquicas e somáticas e concluiu que a psique e o corpo são *uma unidade indivisível* e, portanto, ao estudar o metabolismo do corpo encontra material para a compreensão psicológica dos problemas somáticos da obesidade. Utiliza material onírico na busca de um significado para os sintomas corporais e encontra respostas, pois considera o sonho como o intermediário entre o fisiológico e o psíquico.

Também Mindell (1982), integra as noções de corpo e psique, na medida em que revela que os mesmos conteúdos inconsciente que aparecem nos sonhos sobrecarregam e ativam o corpo.

Assim, percebe-se que Jung deixou um rastro, que tem sido seguido e compartilhado, como de interação e no entrelaçamento entre o físico e o psíquico, que estão em sintonia, seja no sentido de uma instância alertar a outra, ou no sentido de mostrar para os que nos rodeiam um pedido de ajuda.

Também cabe ressaltar a importância do pensamento de outros autores que, apesar de não serem da escola de Jung, apontam a correspondência fisio-psíquica como fator essencial no adequado desenvolvimento do ser humano.

Wilhelm Reich (1995), tem suas primeiras contribuições embasadas em seus conceitos de caráter e couraça caracterológica,

desenvolvidos a partir do conceito psicanalítico da necessidade do ego de se defender contra forças instintivas. Em um primeiro momento, discutiu estes conceitos em termos psicológicos e depois os associou a padrões específicos da couraça muscular. Enfatizava a importância de dissolver essa couraça e trabalhar analiticamente com o material psicológico.

Em trabalhos posteriores, Reich concebe os conceitos de energia vital e energia orgônica, também derivados da concepção freudiana de libido, que para ele era considerada como energia psíquica real e potencialmente mensurável. Aliás, essa teoria foi por ele ampliada e nela incluiu todos os processos biológicos e psicológicos básicos. Compreendia o prazer como um movimento da energia, que caminhava do interior do organismo em direção a sua periferia e daí para o mundo externo. A ansiedade era considerada como uma retração dessa energia, encaminhada para longe do mundo externo. Reich compreendia o corpo e a mente como uma só unidade e passou a trabalhar com ênfase no desenvolvimento do fluxo livre da bioenergia.

Sándor sugere que Reich acreditava que a fala, muitas vezes, funcionava como defesa para encobrir a linguagem expressiva da essência biológica do homem. Essa essência

*“na sua plena capacidade desinibida permite as contrações involuntárias e espontâneas do organismo com concomitante descarga plena da energia que o excitava”*(1982,p.63).

Assim, Reich partia do pressuposto de que deveria ser realizada primeiramente a análise do caráter e suas resistências. Essas podem ser o resultado de sua rigidez corporal no sentido de bloquear sua energia sexual, o que dará origem à couraça muscular, que funciona como proteção contra os estímulos do ambiente externo. Para Reich, como aponta Sándor (1982),

*“cada músculo rígido contém a história e o significado de sua existência, expressando os conflitos latentes quase sepultados nas contraturas entrepostas dos músculos.”(idem, p.64)*

O relaxamento traria então, a conscientização de conflitos subjacentes que abririam espaço para o trabalho analítico e interpretativo.

A título de ilustração, cabe aqui apresentar um pesquisador mais recente, D. W. Winnicott, médico psicanalista, que se voltou para o estudo e pesquisa da natureza humana, (como ele mesmo se refere) e se especializou em psicanálise infantil. Ao fazer referência à experiência corporal afirma que *“é fácil considerar óbvia a localização da psique no corpo”* (1990, p.143). Para ele, a pele está incluída na personalidade, sendo que *“é de importância óbvia no processo de localização da psique exatamente no e dentro do corpo”* (idem).

O manuseio do corpo do bebê e, conseqüentemente, sua pele durante os cuidados de rotina

*“é um fator importante no estímulo a uma vida saudável dentro do corpo, da mesma forma como os modos de segurar a criança auxiliam o processo de integração”* (idem).

Sugere também que, se devido aos processos intelectuais, podem ocorrer obstáculos no sentido da inter-relação entre psique e soma, é através das experiências das funções e sensações da pele e do erotismo muscular que essa coexistência poderá ser estabelecida e fortalecida.

Não existe, para Winnicott uma identidade inerente entre corpo e psique, pois como ele mesmo observou e afirma

*“o corpo é essencial para a psique, que depende do funcionamento cerebral, e que surge como uma organização da elaboração imaginativa do funcionamento corporal”* (idem, p.144).

Assim, pode-se perceber que no indivíduo em desenvolvimento, o eu e o corpo não são inicialmente superpostos, mas isso se dará para que a saúde esteja estabelecida. Dessa forma,

*“Gradualmente, a psique chega a um acordo com o corpo, de tal modo que na saúde existe eventualmente um estado no qual as fronteiras do corpo são também as fronteiras da psique” (idem).*

Finalmente, Winnicott postula a localização da psique no corpo, que ocorre a partir de duas vertentes: a experiência ambiental e a pessoal que se refere aos

*“impulsos e sensações da pele, de erotismo muscular e instintos envolvendo excitação da pessoa total, e também tudo aquilo que se refere aos cuidados do corpo, à satisfação das exigências instintivas que possibilita a gratificação” (idem).*

## VI. OUTROS CONHECIMENTOS

*“Sustento que o sentimento religioso cósmico é o mais forte e o mais nobre incitamento à pesquisa científica.”*

(Albert Einstein)

Este capítulo tem por objetivo apresentar ao leitor áreas do conhecimento pouco habituais no contexto acadêmico. Entretanto, isto se faz necessário, na medida em que Sándor parece ter tido interesse por esses saberes, tais como a astrologia, o estudo da filosofia oriental e dos ensinamentos das tradições antigas. Parece que esse saber chegou em sua vida por conta dos momentos difíceis e intensos pelos quais passou, buscando, assim, uma resposta para questionamentos, que não encontrou em outras áreas.

Convém, nesse momento, fazermos a distinção entre o que é *místico*, *esotérico* e *exotérico*, para auxiliar o leitor na compreensão deste capítulo, visto que o leitor pouco habituado a esses temas pode se confundir com esses três termos.

Segundo Ferreira (1986)<sup>73</sup>, *místico*, advém da palavra grega *mystikós* e envolve tudo o que é

*“1. Misterioso e espiritualmente alegórico ou figurado...2. Referente à vida espiritual e contemplativa...3. Devoto, religioso, contemplativo, piedoso...(...) 5. Aquele que, mediante a contemplação espiritual, procura atingir o estado extático de união direta com a divindade” (p.1142).*

---

<sup>73</sup> Ferreira, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª.ed.RJ:Editora Nova Fronteira, 1986. 1838p. Consultamos também: Cunha, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* a.2ª. ed. 13ª. impressão. RJ: Editora Nova Fronteira, 2000.

Em relação a *esotérico*, palavra que advém do grego *esoterikós* Ferreira sugere:

*“1. Diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antiguidade grega, era reservado aos discípulos completamente instruídos. 2. Todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes.(...) 4. Compreensível apenas por poucos; obscuro, hermético” (p.698).*

E, finalmente, no que se refere a *exotérico*, palavra também advinda do grego *exoterikós*, Ferreira menciona:

*“Diz-se de ensinamento que, em escolas da Antiguidade grega, era transmitido ao público sem restrição, dado o interesse generalizado que suscitava e a forma acessível em que podia ser exposto, por se tratar de ensinamento dialético, provável, verossímil” (p.742)*

Parece-nos que, através dos depoimentos colhidos e das respostas recebidas nos questionários, podemos inferir que Sándor era um estudioso da área esotérica e quiçá também do exotérico, sem, entretanto, estar ligado ao que era místico. Sándor foi um homem religioso, que respeitava o credo de cada pessoa. Era um *“protestante rigoroso”*, como afirma um dos entrevistados.

Essas hipóteses puderam ser veiculadas a partir do que foi obtido como resposta às questões que envolviam outras possíveis áreas do conhecimento, às quais Sándor tivesse acesso e interesse.

Uma das respostas dos questionários foi:

*“Sándor não era um místico e inclusive tinha horror a essas coisas. Ele era concreto como uma pedra (...) Ele não tinha visões, não “recebia” nada, não era nem sensível ou sensitivo, e até*

*se impacientava com essas coisas. Ele estudava teosofia, estudava as diversas religiões...*

E nas entrevistas os depoentes fizeram as seguintes afirmações:

*“... na guerra o Sándor veio e procurou Jozsef porque queria aprender astrologia... (...) Porque ele perdeu no mesmo ano pai e mãe num ataque aéreo e meio ano depois a esposa. (...) Aí ele disse que precisava mudar a vida. E aí veio, primeira vez procurou um mestre com quem aprender cantar e aí como não conseguiu chegar, disse: “Não é meu caminho. Vou procurar papai Jozsef e vou estudar”. Aí ele veio para o norte da Alemanha e nos procurou. Quando meu pai chegou os dois conversaram. (...) eles se conheceram quando fugiam no mesmo trem. Ele veio tratar uns doentes lá e aí conheceu meu pai. Se interessou pela astrologia, meu pai começou a dar umas aulas para ele. Nós estávamos lá no norte da Alemanha e ele nos alcançou.”*

Em outro depoimento, em resposta à questão referente à existência de grupos de estudos, onde o assunto se referia a astrologia, temos:

*“Ele dava aulas de astrologia... E tenho uma lembrança de uma aula de astrologia em que nós começamos engatinhando, fazendo contas. Naquela época não tinha computador, a gente estudava ângulo, logaritmo. Esse era no primeiro momento, porque depois a gente ia aprender a fazer interpretação. E cada um fez seu próprio mapa. E eu lembro de uma aluna, que tinha uma determinada idade e estava acontecendo um determinado fato. Só não me lembro exatamente a idade e que fato era esse. Mas ele olhando no mapa dela, ele falou: “Olha, transferindo o dado que tem hoje, desse aspecto no mapa da idade dela, eu posso localizar alguma coisa que aconteceu com ela aos quatro anos de idade. O que aconteceu com você aos quatro anos de idade?” Ela respondeu: “Aos quatro anos*

*meu olho teve um estrabismo muito grave e eu tive que operar". Ela era estrábica desde pequena e não deu para segurar. Esse negócio de olho com planeta, com alguma coisa que tinha acontecido com ela, através do mapa ele pode localizar."*

Complementando as respostas referentes a outras áreas do saber que pudessem interessar e por conseguinte terem influenciado o autor em questão na construção do método de trabalho corporal, temos:

*"... ele se interessava por homeopatia, que é uma visão diferente da medicina tradicional. Ele se interessava pela psicossomática, ele se interessava por astrologia... eu acho que o Sándor se interessava por muita coisa, aliás, do conhecimento humano: literatura, música..."*

Em relação aos ensinamentos das antigas tradições encontramos:

*"O que sei dos autores, coisas que leu: Alice Bailey leu muito, Jung, leu muito, e leu Agni loga. Esses eram os livros que constantemente estava pesquisando."(...) Alice Bailey ele leu em português e inglês, o Agni loga ele leu em português e inglês."*

E também nos questionários encontramos referência ao interesse de Sándor pelos ensinamentos antigos:

*"...ele tinha muito conhecimento de teosofia pela parte de Alice Bailey, de filosofia oriental (e da prática da yoga) e de astrologia, e imagino que devia conhecer muito bem textos de alquimia."*

Em outro questionário:

*“É possível salientar certas áreas de influência: (...) o cuidado com a ‘alma’, se é que se pode falar assim, e a recuperação da sabedoria das antigas tradições...”*

Ainda em outra resposta:

*“Era também um interessado pelo conhecimento humano em geral, desde estudos de Blavatski, Alice Bailey, Agni Yoga, passando pela astrologia, religiões, mitologia, filosofia, até a física moderna e seus pontos de confluência com a psicologia junguiana.”*

Em outro questionário temos:

*“Era evidente o interesse de Sándor por astrologia...”*

Os temas mencionados podem ser polêmicos, se vistos à luz da especulação consumista que gira em torno deles atualmente. Para situar o leitor nos aspectos realmente pertinentes, iremos tratá-los com o respeito e seriedade que cada um deles sempre mereceu.<sup>74</sup>

Assim, apresentar neste estudo áreas do conhecimento, consideradas academicamente pouco habituais ou pouco adequadas, se

---

<sup>74</sup> Também Jung foi um pesquisador incansável, que se ocupou com todas as áreas do saber que pudessem enriquecer e complementar seu conhecimento e compreensão do homem na sua totalidade. Ele estudou astrologia, viajou para diferentes países para conhecer sua cultura e leu muito sobre os antigos ensinamentos.

Segundo von Franz, com todos esses conhecimentos em mãos, sugeriu o conceito de *amplificação*, que ela explica da seguinte maneira:

*“... reunimos os motivos mais análogos possíveis, primeiro a partir do ambiente cultural do símbolo mítico e depois de outras áreas, até ficar evidente que esses motivos diferentes se assemelham a facetas distintas do mesmo tema básico”(1992, p.108)*

Assim, amalha-se um conjunto de imagens que poderão ser amplificadas e enriquecidas para, só então, ser realizada uma interpretação, isto é, uma tradução em linguagem psicológica, que vinculará ou associará aquelas imagens ao momento presente do indivíduo. Cabe dizer que uma interpretação não será absolutamente correta, mas possui, de qualquer forma um efeito *“esclarecedor ou iluminador e vivificador”*. (von Franz, 1992, p.108) A amplificação é para Jung uma maneira de conhecer e compreender o homem no sentido mais abrangente possível, buscando cercar todas as possibilidades que possam existir no sentido de abarcar o homem na sua totalidade.

justifica pelo conceito de amplificação junguiano: estuda-se e pesquisa-se outras áreas do saber, buscando ampliar a noção do homem no seu todo, mesmo que para isso tenhamos que nos engendrar por caminhos que pareçam, aos olhos de alguns, misteriosos ou nebulosos.

Parece que Sándor utilizava seus conhecimentos tanto de astrologia, como de ensinamentos antigos no sentido de ampliar e enriquecer sua compreensão em relação ao homem.

Antes, entretanto, de mergulharmos nesses temas propriamente ditos, é necessário apontar o que alguns pesquisadores reconhecidos pela sociedade científica postularam sobre a objetividade da pesquisa científica e seu valor para o reconhecimento do homem enquanto totalidade, componente do universo e da natureza.

Parece que existe, no campo da pesquisa científica, estudiosos interessados não só na parte quantitativa e estatística dessa área, mas que estão também preocupados com o que diz respeito à parte mais subjetiva e qualitativa, que envolve o homem e sua relação consigo mesmo e com a natureza.

Arroyo (1987) é um desses pesquisadores. Demonstra interesse por novos paradigmas da pesquisa científica em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade da Califórnia. Para ele, existe uma tendência orientada para o mundo de maneira mais integrada, que se volta também para o lado espiritual. Os indivíduos que se interessam por esse modo de pesquisar a vida estão preocupados também com o aspecto ecológico e com a simplicidade que o mesmo evoca. Se no século XIX a natureza era vista como uma máquina, no século XX foi vista como um organismo, com menos determinismo e mais liberdade, por isso, a sua sugestão é que, para o século XXI, o interesse dos pesquisadores poderá esteja voltado mais para a área psicológica, alcançando com essa postura um novo paradigma de vida, que englobaria as principais preocupações das civilizações passadas: a natureza, o homem e a personalidade.

Concorda com o pensamento de alguns cosmobiologistas, afirmando:

*“Hoje em dia é essencial que se chegue a uma compreensão cósmica e espiritual mais profunda e será gratificante saber que somente esta é a necessidade da nossa era e a exigência do nosso século. Este será o tempo em que o homem terá um conhecimento muito maior (não somente uma crença) de como unificar-se com o universo.”(p.21)*

Ainda cita o físico Albert Einstein, que construiu a teoria da relatividade, mas que também se ocupou com áreas do conhecimento que adentravam o tradicional e o religioso, e que em 1954 fez a seguinte afirmação:

*“A mais bela e mais profunda emoção que podemos experimentar é a sensação do místico. Ela é a força de toda ciência verdadeira. Tomar conhecimento de que aquilo que é impenetrável para nós existe realmente, manifestando-se como a mais elevada sabedoria e como a mais radiante beleza que as nossas faculdades obtusas só podem compreender em suas formas mais primitivas – este conhecimento, esta sensação está no âmago da verdadeira religiosidade” (apud Arroyo 1987 , p.23).*

Arroyo acredita que,

*“a ciência objetiva não satisfaz as necessidades mais profundas do homem, não importa quanto conforto e bem-estar ela possa dar ao corpo e quanto orgulho ao intelecto. Na construção de uma psicologia moderna científica não somente temos que satisfazer o intelecto mas, também, fornecer alguma coisa à qual o coração e a alma humanos possam responder” (p.25).*

O autor afirma categoricamente que estamos nos deparando com uma grave crise ecológica, porque estamos mais preocupados com o *conhecimento* e nos desleixamos com a orientação da *sabedoria*. Segundo ele, parece que a preocupação com o materialismo só leva o homem à frustração e às lutas de classe com suas conseqüências nefastas, ficando o homem sem meta, num beco sem saída, acreditando e tentando fazer a sociedade acreditar numa ciência finalista e fechada, sem admitir uma outra possibilidade, enquanto muitos cientistas, pesquisadores e filósofos já admitem também o aspecto cósmico do saber. Assim, parece que existe uma corrente científica que nos conduz a uma realidade não mecânica da compreensão da vida e do homem e que a mente já não é mais vista como um *intruso accidental* onde impera a matéria, antes como a criadora e governante deste reino. O dualismo mente e matéria parece propenso a desaparecer, não porque a matéria esteja se desintegrando, ou porque a mente tenha se convertido numa atividade da matéria, “... *mas pelo fato da matéria substancial se converter numa criação e manifestação da mente.*”(p.26)

Parece que os estudos considerados como objetivos da psicologia, revogam um dos fatos básicos que é inerente ao homem, a criatividade, pois a mente não opera como um espelho passivo, como um artista ativo e determinado, que transcende a objetividade e a intelectualidade. A psicologia de nossos dias não pode mais ficar trancada nos laboratórios, como antigamente, realizando experiências, imitando outras áreas de pesquisa. Hoje a psicologia adentra a vida, a alma do homem, iluminando seus desejos e anseios. Por isso necessita ser combinada com outras áreas do saber, quiçá, as mais antigas e tradicionais que buscam a verdade do homem e da natureza entrelaçando-os para chegar a sua verdadeira essência. E o homem só poderá ser assim compreendido quando não mais estiver desvinculado da natureza, pois este sim é um sistema criativo em plena e perfeita transformação e desenvolvimento.

Arroyo (1987) também é categórico ao afirmar que houve negligência com certas áreas do saber em favor da pesquisa científica convencional, restritiva. Menciona a meditação, a psicologia e filosofia orientais, a mitologia e religião, a astrologia como sendo técnicas antigas de instrumentos psicológicos. Sugere que

*“Todas estas áreas de estudo, que poderiam ser livremente agrupadas como aspectos de uma psicologia verdadeiramente humanística, provaram que são úteis ao nosso esforço para libertar e utilizar criativamente as qualidades e capacidades iminentes do homem. (...) para aprender a viver de forma saudável e harmoniosa, libertando o que há de mais inspirador e criativo no homem, então temos que perceber as limitações da abordagem materialista e começar uma aventura no desconhecido, sustentados apenas pela fé na sabedoria da natureza e nos destinos elevados do homem” (p.29).*

De outra parte, von Franz, que esteve junto a Jung durante muito tempo de sua vida, afirma que ele estava convencido da relatividade de todo conhecimento científico, especialmente porque não se pode ser objetivo quando se estuda a psique humana, pois esta é pesquisada através da psique do pesquisador. O que não se pode ignorar é que os estudos objetivos tendem a deixar de lado uma característica básica inerente ao ser humano: a criatividade, essa capacidade engenhosa e imaginativa que está presente em cada indivíduo. A psicologia não pode ficar cerceada aos ditames convencionais da pesquisa científica. Há de se observar que o conhecimento científico embasado nas teorias estatísticas, quantitativas, dão-nos a idéia do homem comum, com uma visão abstrata, da qual foram apagadas todas as características individuais. O conhecimento científico, assim realizado, não nos dá uma compreensão do ser humano real.

A autora deixa claro seu ponto de vista sobre as pesquisas objetivas:

*“Os principais cientistas naturais de nossa época há muito abandonaram a ilusão de que o homem possa adquirir um conhecimento absoluto, de validade permanente, acerca da natureza – os físicos atômicos limitam-se, já há muito tempo, em descrever a matéria em vez de defini-la – e é chegada a hora de a psicologia avançar de forma semelhante. A atual pesquisa básica em todas as disciplinas científicas se inclina cada vez mais a sustentar a concepção o razoável de que, mesmo nas chamadas ciências exatas, como a física e a matemática, não pode haver verdade absoluta”* (1992, p.14).

Teilhard de Chardin, biólogo e antropólogo, questionando o conhecimento voltado somente para o objetivo, afirma:

*“A verdade é, simplesmente, a total coerência do universo em relação a cada ponto contido nele. Por que deveríamos suspeitar desta coerência ou subestimá-la justamente quando somos os observadores? Ouvimos falar, continuamente, a respeito de alguma forma e ilusão antropocêntrica formando contraste com algum tipo de realidade objetiva. De fato, uma tal distinção não existe. A verdade do homem é, para o homem, a verdade do universo; em outras palavras, ela é simplesmente, verdade”.*(p.34)

Essa verdade leva à correlação do microcosmo com o macrocosmo que foi e tem sido focalizada e procurada por tantos estudiosos e pesquisadores, desde os primórdios da nossa história.

Realizada essa apresentação da visão de alguns pesquisadores sobre como a ciência pode se enriquecer com a soma de outros conhecimentos, além daqueles considerados objetivos, cabe

apresentar duas áreas do saber que parecem ter interessado a Sándor: a astrologia e os ensinamentos antigos.

### 6.1. A Astrologia

Jung (1994), afirma que:

*“Como é sabido, a ciência teve início com a observação das estrelas, nas quais a humanidade descobria as dominantes do inconsciente, os ‘deuses’, bem como as estranhas qualidades psicológicas do zodíaco – uma teoria completa e projetada do caráter. A astrologia é uma experiência primordial, como a alquimia. Projeções desse tipo repetem-se todas as vezes que o homem tenta explorar uma escuridão vazia, preenchendo-a involuntariamente com formas vivas” (p.257).*

A astrologia é, então, considerada por alguns, uma ciência, já que se configura como ciência todo conhecimento organizado, e ela assim o é. Por outros, como o sociólogo francês Michel Maffesoli *“um fato social e portanto merece ser examinada”* (Peres 2001, p.5).

Sua origem data de muitos séculos, provavelmente por volta de 4.000 a.C.. Entretanto, é sabido que desde 15.000 a.C. o homem mesolítico já observava o sol e a lua. Os povos antigos utilizavam o conhecimento da astrologia para plantar, colher e acasalar os animais. Na China, na Índia e na Grécia, a astrologia tinha forte influência e os primeiros filósofos já pensavam sobre os quatro elementos: água, terra, fogo e ar, pertencentes também ao conhecimento astrológico. Nas primeiras universidades da Espanha e da Itália havia disciplinas de Astrologia.

Segundo Burke (2001), historiador inglês, a astrologia é considerada um fenômeno global, e foi na Europa entre os anos 1300 e 1700 que despertou grande interesse dos intelectuais. Era regularmente

ensinada nas universidades e tanto matemáticos como médicos escreviam sobre o tema.

Arroyo é um dos pioneiros na introdução da astrologia como disciplina integrada no currículo escolar de algumas universidades americanas e aborda o tema da astrologia relacionado à psicologia e sua utilidade prática, dando ênfase à compreensão mais profunda dessa ciência e de seus propósitos. Considera que existe uma astrologia moderna que difere das suas formas tradicionais<sup>75</sup>, na medida em que postula que o tempo, somado a tantas variáveis desconhecidas, não pode ser prognosticável. Assim também ocorre com o ser humano, que é possuidor de ego, que tem desejos, raciocina e busca independência, sendo capaz de reagir de inúmeras maneiras perante os fatos da vida. Quanto mais consciente de si for o indivíduo, menos predizível ele será, assim, afirma que *“o indivíduo é predizível justamente em proporção à sua falta de percepção consciente”* (1987, p.12). O novo paradigma da astrologia<sup>76</sup>, portanto, vem no caminho daqueles que buscam a conscientização, a fim de modificar ou transmutar a afinação da energia natal, para que suas expressões mais positivas possam ser manifestadas. Isso quer dizer que, o indivíduo nasce com um mapa natal onde as tendências emocionais, físicas e mentais estão determinadas. Poderá, porém, enfrentar essas circunstâncias de modo diferenciado no sentido de conhecê-las e elaborá-las para seu benefício em direção a um crescente auto-conhecimento. Entretanto, as particularidades desse novo olhar sobre a astrologia têm sido particularmente morosas, porque é compreensível que para se mudar a concepção e a consciência dos indivíduos demanda algum tempo.

Relaciona o nome de vários cientistas que também se ocuparam da astrologia. São eles: Francis Bacon, Benjamin Franklin,

---

<sup>75</sup> Na maioria das práticas tradicionais o astrólogo funcionava como um adivinhador e presumia-se que o mapa natal revelasse as circunstâncias que a pessoa iria encontrar na vida e quais eram, no mundo exterior, previsíveis e, geralmente inalteráveis.

Mapa natal: mapa contendo a posição dos planetas na hora do nascimento do indivíduo.

<sup>76</sup> O novo paradigma da ciência astrológica teve início na década de trinta, como Dane Rudhyar, um pesquisador dessa área.

Lorde Napier<sup>77</sup> e Isaac Newton, entre tantos. Isaac Newton, aliás, analisou a astrologia profundamente, utilizando-se de seus estudos sobre a matemática. Outro pensador que Arroyo cita com frequência é C. G. Jung, pois realizou várias pesquisas usando a astrologia como instrumento, respeitando a estrutura cósmica e holística da qual ela extrai sua utilidade e abrangência.

A peculiaridade da astrologia consiste na sua sutileza, à qual pertencem os significados mais profundos diante dos quais a mente do homem reage. A astrologia possui seu aspecto científico, no que diz respeito à precisão das medições com que é organizado o mapa natal, sem se afastar da linguagem cósmica que lhe é inerente.

Jung no seu livro chamado **O espírito na arte e na ciência** (1985), escreve sobre as idéias de Paracelsus, e que considerava a doença como “*um desenvolvimento natural, algo espiritual, vivo, uma semente*”, sendo necessária para o homem. Foi considerado o pai das ciências naturais e pioneiro do espírito novo. Paracelsus era conhecedor da medicina clássica estabelecida por Galeno, Hipócrates entre outros, e, apesar de ser considerado tradicionalista, foi segundo Jung, um revolucionário. Era conservador, no que diz respeito às verdades fundamentais da Igreja, da astrologia e da alquimia, todavia, cético e rebelde no que se referia à medicina acadêmica, tanto na teoria quanto na prática. Zombava dos pesquisadores que iniciavam seus estudos através das dissecações anatômicas, porque na verdade nada viam nos órgãos que retiravam dos cadáveres. Era interessado sim, nas coordenadas cósmicas, como ensinadas na tradição astrológica, compactuando com a doutrina do *Astrum in corpore*<sup>78</sup>, que era sua teoria favorita e sobre ela discorreu em todos seus escritos. Era fiel à concepção do homem como microcosmo, e transpunha o *firmamento* para o interior do organismo humano. Assim denominava o corpo do homem *astrum* ou *sydus*, como sendo

---

<sup>77</sup> Lorde Napier foi que elaborou os logaritmos.

<sup>78</sup> Astro no corpo.

*“um céu endo-somático cujo trajeto astral não coincidia com o céu astronômico, mas começava com o nascimento do indivíduo, o ‘ascendente’ ou horóscopo”* (apud Jung, 1985, p.13).

Afirmava que o médico deveria ter o conhecimento dos alquimistas, para poder diagnosticar as doenças, partindo das doenças dos minerais, pois postulava que o ser humano possui dentro de si as espécies alquímicas da natureza. Além disso, para ele, o médico deveria também ser astrólogo<sup>79</sup>, para que pudesse reconhecer o *céu interior* do corpo do homem, pois afirmava, que

*“uma segunda fonte de conhecimento é o firmamento ... pois o firmamento não é um mero céu estrelado cósmico, mas um corpo que, por sua vez, é uma parte ou o conteúdo do corpo humano visível”* (apud Jung, 1985, p.17)

Se o médico não possuísse esse conhecimento, Paracelsus o denominava de *pseudomedicus*, afirmando:

*“Pois conhecendo apenas o céu exterior ele permanece um astrônomo e um astrólogo: no entanto, organizando-o no homem, conhecerá dois céus. Estes dois céus darão ao médico o conhecimento da parte influenciada pela esfera superior. Nela, sem infirmação, o médico deve estar presente para que encontre (...) seu Oriente e Ocidente. (...) Através do exterior ele vê o interior. Portanto, há no homem um firmamento como no céu, não em bloco único mas em dois. Porque a mão que separou a luz da escuridão e a mão que fez o céu e a terra também agiu assim embaixo, no microcosmo, retirando da parte de cima e colocando dentro da pele do homem tudo o que o céu contém. Por isso, para nós, o céu externo é um indicador do céu interior”* (idem, p.18)

Paracelsus foi influenciado pela idéia hermética básica:

---

<sup>79</sup> Paracelsus não diferenciava astrologia da astronomia.

*“O que está embaixo é como o que está em cima. O que está em cima é como o que está embaixo para realizar os milagres de uma só coisa” (idem)*

Essa breve apresentação do pensamento de Paracelsus nos leva a pensar na amplitude de todas as coisas e no entrelaçamento que existe entre os pertences da natureza. Se o homem é parte da natureza e tudo nela se correlaciona e interage, então faz sentido a correspondência entre o céu, os seres vivos animados e inanimados, e, por conseguinte, o homem e seu organismo, como sendo uma sub-parte de um todo.

Para Jung o valor da astrologia *“é inexorável, pois representa a soma de todo o conhecimento psicológico da antiguidade”* (p.48).

Considera também que

*“o sentido fundamental do horóscopo consiste em que ele traça, antes de tudo, um quadro da constituição psíquica e depois, também, da constituição física do indivíduo, sob a forma das posições dos planetas e suas relações (aspectos), bem como da repartição dos zódia pelos diversos pontos cardeais. O horóscopo representa, portanto, sobretudo um sistema das qualidades originais e fundamentais do caráter, e, por isso, deve ser tido como o equivalente da psique individual”* (1982, p.127).

Quando em idade mais avançada, Jung falou mais abertamente sobre a astrologia. McGuire e Hull reuniram em um livro<sup>80</sup> algumas impressões dele e sobre ele, assim como entrevistas que por ele foram dadas a jornalistas e escritores. Alguns trechos desses escritos chamam atenção pela profundidade e pela maneira que Jung vê e se utiliza desta área.

---

<sup>80</sup> MCGUIRE, W., HULL, R. F. C. C. G. *Jung: Entrevistas e Encontros*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982. 407p.

Em conversa com Miguel Serrano, um diplomata e escritor chileno, em Janeiro de 1961, ao ser inquirido sobre o *I Ching*, Jung afirma:

*“Você deve fazer que ele diz, porque esse livro não comete erros. Em qualquer caso, existe uma conexão definida entre a psique individual e o mundo. Quando tenho dificuldade em classificar um paciente, mando-o sempre obter um horóscopo. Esse horóscopo corresponde sempre ao seu caráter, e eu interpreto-o psicologicamente”* (McGuirre e Hull, 1982, p.402)

Em outra ocasião, em entrevista publicada no *Sunday Times*, jornal inglês, em Julho de 1960, ao ser-lhe perguntado se a astrologia possui um valor definitivo, a resposta foi:

*“O assunto é todo ele muito controvertido, é claro. Mas você sabe que, certa vez realizei algumas pesquisas estatísticas sobre astrologia e os meus números finais foram examinados por matemáticos da Universidade de Chicago. Eles disseram-me que não os consideravam destituídos de significância. Naturalmente, quando ouvi isso arrebitei as orelhas. Estamos saindo do período de Peixes e entrando no signo de Aquário, o qual pode trazer com ele alguns novos valores. Algumas pessoas consideram muito seriamente que isso pode revestir-se de grande significado no desenvolvimento iminente do mundo”* (idem, p.392)

De outra feita, em Setembro de 1959, o escritor franco-suíço Georges Duplain visitou-o para realizar a entrevista que foi publicada na *Gazette Lausanne*, e à pergunta que se referia sobre a realidade existente nas constelações, que indicavam uma mudança de era de um novo mês platônico para outro signo do zodíaco, Jung afirmou:

*“As pessoas não gostam que você fale sobre essas coisas, você ver-se-á alvo de zombaria. Ninguém leu Platão... você tampouco leu. Contudo, ele foi um dos que mais se aproximaram da*

*verdade. A influência das constelações, do zodíaco, existe; não se pode explicar porque, é algo que se prova mediante um milhar de signos. Mas os homens sempre vão de um extremo a outro: ou não acreditam ou são crédulos, qualquer conhecimento ou fé pode ser ridicularizado com base no que os espíritos mesquinhos fizeram dele. Isso é uma estupidez e, sobretudo, é perigoso. Os grandes períodos astrológicos existem. Touro e Gêmeos foram períodos pré-históricos, não sabemos muita coisa sobre eles. Mas Áries, o Carneiro, é mais recente; Alexandre, o Grande, foi uma de suas manifestações. Isso foi desde 2000 a .C. até o início da era cristã. Com a era cristã entramos no signo de Peixes. Não fui eu quem inventou todos os símbolos ictiicos existentes no cristianismo: o pescador de homens, os pisciculus christianorum. O cristianismo marcou-nos profundamente porque encarna tão bem os símbolos da era. Erra na medida em que acredita ser a única verdade; quando, na realidade, é uma das grandes expressões de verdade no nosso tempo. Negá-lo é querer tapar o sol com uma peneira. O que vem a seguir? Aquário, o Aguadeiro, a queda de água de um lado para outro. E o pequeno peixe recebendo a água do cântaro do Aguadeiro, cuja estrela principal é Fomalhaut, que significa 'boca de peixe'. Em nossa era, o peixe é o conteúdo, com o Aguadeiro, ele converte-se no recipiente. É um símbolo muito estranho. Não me atrevo a interpretá-lo. Até onde me é possível conjeturar, trata-se da imagem da aproximação de um grande homem. Aliás, encontramos muitas coisas a esse respeito na própria Bíblia: existem mais coisas na Bíblia do que os teólogos podem admitir" (idem,p.363).*

Aniella Jaffé, discípula e auxiliar de Jung até seus últimos dias, deixa claro que, para ele, a astrologia não se trata

*“da influência emanante dos astros e das suas posições, isto é, de uma causalidade, mas sim de uma sincronicidade<sup>81</sup>: da*

---

<sup>81</sup> Sincronicidade é um termo cunhado por Jung para exprimir uma coincidência significativa ou uma correspondência entre um acontecimento psíquico e um acontecimento físico não ligados por um relação causal.

*qualidade especial do momento do nascimento, transcrita em mitos e imagens arquetípicas e da sua coincidência acausal com eventos interiores e exteriores da vida'* (1988, p.35)

Jaffé, considera que a obra *Aion*, que precedeu os trabalhos sobre sincronicidade, no ano de 1950, pode ser considerada, “*a partir de certo ponto de vista, um escrito astrológico ou a comprovação da existência de um fenômeno sincronístico de medidas cósmicas*” (p.37), pois seu conteúdo é composto pela apresentação dos significados da era de Peixes, que se iniciou há dois mil anos atrás, e o desenvolvimento espiritual do cristianismo, pertencente a essa época.

## **6.2. A Sabedoria sem idade**

*Ageless Wisdom* na língua inglesa, ou sabedoria sem idade, *perene*, em português: assim são denominados os antigos ensinamentos, que estão sempre tão atuais, pois acompanham a humanidade a cada passo.

Ainda nos referindo às entrevistas compiladas por McGuirre e Hull (op. cit.), Jung quando entrevistado por um jornalista inglês, respondeu à pergunta sobre quais fatores considerava básicos para propiciar a felicidade ao homem, afirmando existir cinco, sendo um deles “*Um ponto de vista filosófico ou religioso capaz de enfrentar com êxito as vicissitudes da vida*” (p.392).

Para Jung, a espiritualidade está implícita no homem e a ele é inerente, aparecendo como uma força instintiva, específica e necessária:

*“O espiritual aparece na psique como um instinto, e mesmo como verdadeira paixão, como ‘um fogo devorador’, seguindo*

*a expressão de Nietzsche. ... é um princípio sui generis, uma forma específica e necessária da força instintiva” (Jung, 1987, p.56).*

Também Kespi, presidente da Associação Francesa de Acupuntura no ano de 1984, escreve no prefácio do livro de Souzenelle (1994):

*“O homem é arquetípico. Num universo onde física e metafísica são dois aspectos de uma mesma realidade, onde a sorte é providência, onde a vida é regida por leis, todo ser vivo é necessariamente a encarnação dos arquétipos que constituem a base da manifestação.*

*Toda vida é arquetípica, a começar pelo homem. Microcosmo, às vezes macrocosmo, unindo o Céu e a Terra, ele recapitula toda a criação que é chamado a nomear; o homem contém os três reinos, ele é ‘criado à imagem de Deus.’*

*Cada órgão, estrutura, função ou mecanismo nada mais é que a manifestação aparente, em certo plano, de um dos arquétipos vitais fundamentais. Separá-lo de seu arquétipo é impedir-se de compreendê-lo.*

*Essa é a descrição do homem, há milhares de anos, nos livros sagrados taoístas, nos Vedas, na Bíblia, nos Evangelhos, no Corão... Os ritos e os mitos da humanidade explicam essa visão. Tempo virá em que se saberá – novamente – que a Tradição é uma ciência, é A ciência” (p.11)*

Kespi compreende que, *“Tradição (e as tradições que a manifestam) liga-nos ao ‘arqui’, ao Princípio e aos princípios, ao Ser e à sua manifestação; não restam senão usos e costumes” (idem).* Entende-se por Tradição a transmissão de labores espirituais passados através de gerações. Por isso a denominação de ensinamento das tradições antigas ou sabedoria perene.

Com as afirmações de Jung e Kespi, introduzimos este sub-capítulo, que versará, sobre os ensinamentos antigos. Para abordar esse

assunto escolhemos dois pesquisadores de diferentes épocas: Pierre Teilhard Chardin e Fritjof Capra.

Chardin, geólogo, paleontólogo e teólogo, além de investigar e escrever sobre os campos de suas especialidades, saiu desses domínios, ampliando seus conhecimentos para pesquisar e compreender o homem no sentido mais profundo de sua totalidade. A publicação utilizada para este sub-capítulo<sup>82</sup> foi escrita no final dos anos trinta do século passado e continua tão atual e inovadora se comparada às pesquisas atuais da física moderna.<sup>83</sup>

Chardin acredita que o homem precisa se utilizar de uma série de *sentidos* para descobrir-se totalmente. Ele os adquire gradualmente, conforme amadurece o *espírito*, ritmado pelas lutas da própria história. Esses sentidos se referem a qualidades na ótica e na maneira de entrar em contato consigo mesmo e com o outro, para que o homem possa perceber e ocupar seu lugar dentro de si mesmo, do mundo e do universo. Assim, o indivíduo deverá recorrer a sentidos que lhe trarão amplitude e maleabilidade para perceber e conviver com todos os elementos da natureza, que estejam implicados com a transformação do Universo. Em outras palavras, o homem deverá estar verdadeiramente disposto, ocupando seu lugar central na antropogênese que, por sua vez, arremata e cumpre a cosmogênese. A síntese de seu pensamento é: “*O Homem não pode ver-se completamente fora da Humanidade; nem a Humanidade fora da Vida; nem a Vida fora do Universo*” (1966, p.9).

Para ele, é chegado o momento de realizar uma interpretação, mesmo que positivista do Universo, mas para isso não se poderá perder de vista nem o *dentro* nem o *fora* das coisas, ou seja, nem o espírito, nem a matéria, desvinculando-os. Postula que a verdadeira física é aquela que integra o homem na sua totalidade, realizando uma representação coerente do mundo. Não deixa de mencionar a controvérsia que há entre as linhas de pensamento, do saber científico,

<sup>82</sup> CHARDIN, P. T. *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Editora Herder, 1966. 355p.

<sup>83</sup> Von Franz (op. cit., p.115) afirma que Jung considerou esta publicação como “*um livro da melhor qualidade*”.

entre os materialistas e espiritualistas, entre os deterministas e os finalistas, comentando que cada uma dessas áreas possui posição firme e que se apresenta com razões sólidas para assim se manter. Ele mesmo já se viu envolvido numa dessas contendas e pode, por isso, perceber que cada grupo possui uma

*“persistência (a qual) resulta menos da dificuldade com que depara a experiência humana em conciliar na Natureza certas aparências contraditórias de mecanismo e de liberdade, de morte e de imortalidade”*(p.32),

do que dois grupos de pensamentos e crenças diferentes se encontrarem e conciliarem seus pensamentos num terreno comum.

Nessa contenda, os materialistas são obstinados no que diz respeito aos objetos como se estes fossem constituídos somente por ações exteriores, e os espiritualistas, por outro lado, também insistem em manterem-se no que Chardin chamou de *introspecção solitária* em que os seres não são considerados senão como fechados sobre si mesmos, nas suas operações *imanes*. Dessa forma, com cada grupo fechado e firme em suas próprias idéias, só poderão perceber e compreender metade do problema proposto.

Chardin afirma que os dois pontos de vista tendem a convergir no sentido de uma fenomenologia ou da física generalizada e tanto a face interna como a face externa do mundo será levada em consideração, para que a ciência possa, assim, abranger coerentemente a explicação da *totalidade do fenômeno cósmico* (p.33). A pesquisa científica, que descreve as ligações e dimensões mensuráveis *fora* da matéria, deverá relacionar-se com o *dentro* dessa mesma matéria para que possa avançar cada vez mais em direção ao homem. Sugere que

*“a consciência surge com evidência no Homem, portanto, entrevista neste único clarão, ela possui uma extensão cósmica e,*

*como tal, aureola-se de prolongamentos espaciais e temporais indefinidos* (idem, p.35)

Dessa maneira, conclui que o homem é constituído sobre dois focos conjugados, sendo um no sentido da organização material e outro no centramento psíquico. Os dois solidariamente variarão no mesmo sentido, ou seja, a perfeição espiritual e a síntese material constitui duas faces, ligadas para o acontecimento de um mesmo fenômeno: o Homem.

Considera ainda que a energia espiritual, para alguns, é familiar, mas ainda é cientificamente obscura. A realidade objetiva do campo psíquico é tão bem fundamentada que sobre ela se alicerça toda Ética, mas, por outro lado, *“a natureza do poder interior é tão impalpável que fora dele pode edificar-se toda Mecânica.”*(p.42)

Postula como verdadeira a dificuldade para se reunir espírito e matéria numa perspectiva racional e coerente, e que é por isso que a ciência deixou de lado esta questão. Afirma que proceder assim seria uma atitude cômoda, mas como ele mesmo não o faz, conclui:

*“Infelizmente (ou felizmente), encerrados como aqui nos achamos, na lógica de um sistema em que o Dentro das coisas tem exactamente tanto ou até maior valor que o Fora, embatemos de frente nesta dificuldade. Impossível evitar o choque. Temos que avançar”* (p.43).

As afirmações de Chardin nos aproximam do homem total, participante da teia cósmica, concebido por matéria e pela espiritualidade, da qual não pode fugir.

Realizada esta breve introdução baseada no pensamento de Chardin, que ainda permanece atual em nossos dias, remetemo-nos às ponderações de Capra, doutor em física pela Universidade de Viena, que além de pesquisas técnicas também faz correlações entre a física moderna e a sabedoria antiga, vinda do Oriente, o que entra em sintonia

com o postulado de *dentro* e *fora* de Chardin. Capra estudou o hinduísmo, o budismo, o taoísmo, o pensamento chinês e o zen.

Para ele, realizar este estudo, apesar da reação cautelosa da sociedade científica, é uma maneira de saciar o interesse crescente que tem havido por essa área. Seu objetivo é apresentá-la de modo diferente do que se tem tradicionalmente concebido. Isto é, há de se retirar o véu de mistério acentuadamente não-científico que a sociedade ocidental impôs a essa sabedoria, apesar de ser este conhecimento que *“proporciona a mais consistente base filosófica às nossas modernas teorias científicas”*, como afirma o físico (p.18). Essas bases podem ser encontradas no século VI a.C., período em que aflorou a filosofia grega, tempo em que não havia, para os sábios da escola de Mileto, separação entre ciência, filosofia e religião. Estes antigos filósofos não faziam distinção entre o animado e o inanimado, entre o espírito (*dentro*) e a matéria (*fora*). Dessa forma, Capra sugere que *“a filosofia da escola de Mileto possuía feições nitidamente místicas”* (p.23). E para que possamos compreender a essência da sabedoria oriental antiga, é necessário conhecer a característica mais importante de sua visão do mundo que é

*“a consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica. Todas as coisas são encaradas como partes interdependentes e inseparáveis do todo cósmico; em outras palavras, como manifestações diversas da mesma realidade última”*. (1992, p.103)

E esta realidade última, considerada pelos orientais como indivisível, manifesta-se em todas as coisas que fazem parte de tudo com uma qualidade abrangente e integradora.

A física moderna, vê o universo como uma *“teia interligada de relações físicas e mentais cujas partes só podem ser definidas através de suas vinculações com o todo”* (idem, p.112). Assim, todas as coisas e

eventos que ocorrem à nossa volta fazem parte de um todo único que se manifesta conjuntamente; esse postulado se coaduna com o que ensina a sabedoria antiga. A idéia de movimento, transformação e crescimento que essa teia sugere nos remete à qualidade dinâmica da filosofia oriental.

Tanto Capra como Chardin, utilizando-se de diferentes postulados, concordam com a hipótese de que o homem, na sua totalidade, é componente do universo. Capra cita o pensamento de um lama budista que não acredita no mundo exterior independente ou separado dos processos dinâmicos. Este lama compara o mundo exterior e interior a

*“dois lados do mesmo tecido, no qual os fios de todas as forças e de todos os eventos, de todas as formas de consciência e de seus objetos, se acham entrelaçados numa rede inseparável de relações intermináveis e que se condicionam mutuamente”* (apud Capra, 1992, p.112).

Capra considera que *“as filosofias orientais se interessam pelo conhecimento místico eterno que se situa além do raciocínio e não pode ser adequadamente expresso em palavras”* (idem, p.226) e que a relação com a física moderna é somente um de seus vários aspectos, sendo que nada se pode concluir, pois para isso deverá ser experimentada diretamente.

E, se há um entrelaçamento entre física e antigos ensinamentos, também pode haver uma interação entre psicologia e esse mesmo conhecimento, especialmente porque a psicologia está tão ou mais perto desse saber do que qualquer outra área, na medida em que a psique é parte inerente do homem, o homem é parte do universo e está sempre em movimento, sempre em transformação, independente de seu querer.

E cabe aqui voltar a atenção para o início deste sub-capítulo para a afirmação de Jung sobre a necessidade e a inerência da

espiritualidade no homem. Parece que esta necessidade está estreitamente ligada aos antigos ensinamentos já que é esse conhecimento que rege a ação dos homens:

*“Não há cultura primitiva que não tenha possuído um sistema freqüentemente bastante desenvolvido de doutrinas iniciáticas secretas, estas, por um lado, se referem a coisas obscuras que ultrapassam o mundo humano e diurno e suas lembranças e, por outro lado, dizem respeito à sabedoria que deve reger a ação dos homens” (1985, p.85).*

Apesar da maneira distinta de apresentar essa área do saber, os diferentes autores estão, de certa forma se referindo ao mesmo conhecimento. Jung, em suas viagens, pôde compreender bem o significado da ação desse saber sobre a humanidade. Para ele, a dissolução das tradições,

*“...por mais necessária que seja em certas épocas, sempre é uma perda e um perigo; um perigo para a alma, porque a vida instintiva – como o que há de mais conversador no homem – se exprime justamente através dos hábitos tradicionais. As convicções e os costumes transmitidos pela tradição estão profundamente arraigados nos instintos” (1981, p.94).*

E os antigos ensinamentos fazem parte das tradições das culturas.

Jung viajou para conhecer diferentes povos e também leu muito sobre os antigos ensinamentos. Por isso é com base nas pesquisas desse autor que nos referimos à sabedoria perene, que diz respeito aos ensinamentos e valores espirituais que pertencem à humanidade, transmitidos pelos por tempos, de geração a geração.

Jung foi extremamente cauteloso ao se referir aos antigos ensinamentos, mas apesar desse cuidado, é bem sabido que a questão

religiosa ocupa lugar expressivo em sua obra, especialmente em suas últimas publicações. Entretanto, como consta do prefácio da edição alemã do livro **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**,<sup>84</sup>

*“O maior mérito de Jung é o de haver reconhecido, como conteúdos arquetípicos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião” (p.IX).*

Jung observou a natureza psíquica do homem, as manifestações do inconsciente, e pode concluir que, *“o problema psicológico de hoje é um problema espiritual, um problema religioso.”* (apud McGuirre e Hull, 1982, p.76), pois as verdades religiosas alimentaram as várias gerações da humanidade e são consideradas como *“eternas verdades psicológicas”* (idem, p.80)

Mas é bem sabido que Jung visitou a Índia em suas viagens, leu seus livros, assim como de outras culturas tão místicas quando essa. Considera que há mais de dois mil anos, a Europa entrou em contato com variados tipos de narrativas provenientes da Índia, trazidas por sábios, entretanto, o conhecimento verdadeiro da filosofia e da prática da mesma só ocorreu quando Anquetil du Perron, trouxe os Upanishads<sup>85</sup> para o Ocidente. A partir daí, os especialistas em filosofia da Índia foram se aprofundando no estudo desse conhecimento. Entretanto, foi com Helena Blavatsky que o movimento teosófico desencadeou e alcançou o público em geral.

Alguns autores cristãos atribuem o desenvolvimento do sistema teosófico eclético no início do século III d.C. e a Amônio Saccas, o fundador da Escola Neoplatônica de Alexandria, como o responsável por fazer ressurgir este conhecimento com o objetivo de *“reconciliar todas as seitas, todos os povos e nações sob uma fé comum”* (Jung, 1983, p.2).

<sup>84</sup> JUNG, C. G. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes Editora, 1983. 698p.

<sup>85</sup> Texto filosófico composto entre os séculos VIII e IV a .C., anexado ao Veda, e no qual se desenvolve a reflexão acerca do relacionamento entre Atmã e Brama. Veda é um conjunto de textos sagrados que constituem o fundamento da tradição religiosa e filosófica da Índia.

Nessa escola eram ensinados os sistemas budista, vedantino, zoroastrino juntamente com todas as filosofias gregas.

A teosofia, nos seus primórdios, era um sistema, essencialmente, igual para todos os países e tinha como meta levar todos os homens a se unirem por um mesmo ideal e essa unificação se estendia para as religiões que deveriam também se agrupar em uma só para serem explicadas sob a luz dos princípios filosóficos. Assim, os teosofistas de Alexandria, calcados em seu aprendizado proeminentemente budista e hindu, tinham como característica o respeito aos pais e aos mais velhos, o afeto fraternal por todos os homens e o sentimento compassivo pelos animais. Procuravam viver de acordo com o sistema de leis de cada país onde habitavam, buscavam purificar a mente através da meditação para alcançar a Verdade Absoluta e queriam atingir a todos extraindo dos

*“ensinamentos religiosos, como de um instrumento de muitas cordas, uma harmonia perfeita e melodiosa capaz de ecoar em todo coração verdadeiramente amante da verdade” (idem, p.3)*

Como afirma Jung (1983), a teosofia é então a *“arcaica Religião Sabedoria que já era conhecida em todo país pretensamente civilizado”* (idem).

Segundo Blavatsky (1879), a Sabedoria se refere ao que todas as escrituras antigas mostram como *“emanação do princípio divino”* e cuja compreensão é caracterizada por Buda hindu, Nebo babilônico, Thot de Menfis, Hermes da Grécia e também pela invocação de algumas deusas como Metis, Neitha, Athena, Sophia e finalizando, dos Vedas. Afirma ainda que

*“Sob essa designação, todos os filósofos do oriente e ocidente, os Hierofantes do velho Egito, os Rishis da Aryavarta, os “Theodidaktoi” da Grécia incluíam todo do conhecimento das coisas ocultas e essencialmente divinas” (idem, p.3).*

A idéia básica da Teosofia Eclética era sintetizada pela existência de uma *Essência Suprema, Desconhecida e Incognoscível* e seu sistema era composto por três postulados distintos: a teoria da Essência, a doutrina da alma humana e sua teurgia. Foi por essa última característica que os neoplatônicos foram mal interpretados, pois, sendo a teurgia

*“a arte de aplicar os poderes divinos do homem ao domínio das forças cegas da natureza, seus adeptos foram inicialmente chamados de mágicos – corrupção da palavra ‘Magh’, que significa sábio ou erudito – e ridicularizados se sorrissem a idéia do fonógrafo ou do telégrafo. Os que são ridicularizados e acoimados de ‘infiéis’ de uma geração geralmente se transformam nos ‘sábios e santos’ da geração seguinte” (idem).*

A teosofia moderna, e a que continua sendo estudada atualmente, possui os mesmos princípios da antiga no que diz respeito à Essência Divina e à natureza da alma.

*“É a crença na Divindade como o TODO, fonte de toda existência, o Infinito que não pode ser nem compreendido nem conhecido, pois somente o Universo A revela, ou como outros preferem dizer, O revela” (idem, p.4).*

A teosofia afasta-se da materialização brutal e concorda que tudo procede do Grande Centro que é infinito e onipresente, sendo que

*“o que produz todas as coisas visíveis e invisíveis é apenas um Raio que contém em si mesmo o poder gerador e criador que, por sua vez, produz aquilo a que os gregos chamavam Macrocosmo” (idem).*

A teosofia acredita na existência contínua e na evolução, ou seja, na transformação da alma, que pode ser explicada e fundamentada por rígidos princípios filosóficos.

A autora menciona Plotino, filósofo e aluno de Amônio Saccas que refere-se ao conhecimento da teosofia como composto por três etapas:

*“opinião, ciência e iluminação. O meio ou o instrumento da primeira é o sentido, ou percepção; da segunda, a dialética; da terceira a intuição; A Razão está subordinada a esta última; é o conhecimento absoluto fundado na identificação da mente como o objeto conhecido”* (apud Blavatsky, 1879, p.6).

E ela conclui: *“A teosofia é, por assim dizer, a ciência exata da Psicologia”*, pois desenvolve no homem um comportamento direto, ou seja, *“uma realização da identidade do sujeito e objeto com o indivíduo”* (idem, p.7) Além do estudo psicológico, a teosofia também se ocupa e cultiva todos os ramos das ciências e das artes. A teurgia foi desprezada pelos teosofistas e a alquimia, vista como uma ciência física, pertencia aos ensinamentos da escola teosófica. Blavatsky aponta que Zoroastro, Buda, Orfeu, Pitágoras, Confúcio, Sócrates ou o próprio Amônio Saccas, não transmitiram seus ensinamentos através da escrita.

Depois de Blavatsky surge Rudolf Steiner, filósofo austríaco, que inaugura a antroposofia, que trata do estudo da natureza do homem sob o aspecto da moral. A antroposofia é considerada uma doutrina espiritual e mística que tem suas raízes na teosofia, e que se apresenta, como afirma Jung (1983) *“com laivos de Ciência”* (p.537).

Quem deu seqüência às obras de Blavatsky foi Alice Bailey, que foi secretária da Sociedade Teosófica, fundada pela primeira. Entretanto, sobre Alice Bailey, temos o parecer de Treiger<sup>86</sup>:

*“Devemos esclarecer que sua obra é efetivamente teosófica, embora não vinculada à Sociedade Teosófica e como tal deve ser classificada, constituindo-se numa complementação da obra de Blavatsky” (2001)*

Segundo Treiger, os trabalhos de Alice Bailey podem ser de certa forma considerados duais, na medida em que a autora se utiliza e faz comentários sobre obras muito antigas, mas que são da máxima atualidade e por outro lado, em outro momento *“nos lança no futuro, fazendo projeções sobre temas que ainda nem estamos prontos para apreciar”* (p.1). Outra linha de pensamento que faz parte da sabedoria perene é a denominada Agni loga que pode também ser chamado de Ensino da Ética Viva, e pode ser considerado como uma síntese, um coroamento de todos os ensinamentos que foram anteriormente transmitidos. Assim, afirma:

*“Com sua envergadura cósmica de pensamento, fornecem verdadeiramente respostas a todas as questões decorrentes dos múltiplos problemas da vida.(...) O Ensino é construído de modo a que cada nova etapa permite à Consciência abarcar a maior amplitude e, assim fazendo, tomar parte na vida e dela fazer parte integralmente. Ainda que o Agni loga indique a direção e o faça com generosas alusões, algumas vezes muito transparentes, não força jamais a consciência e deixa toda liberdade de decisão ao indivíduo” (Treiger, 1995, p.99)*

---

<sup>86</sup> Dr. Jaime Treiger é presidente fundador da Fundação Cultural Avatar, instituição brasileira situada em Niterói, RJ, que gentilmente deu as explicações necessárias para que parte deste sub-capítulo pudesse ser redigido.

Esses ensinamentos, apesar de serem de uma outra escola do pensamento mais recente, podem ser classificados como posteriores ao Raja Yoga, e completam a obra de Alice Bailey.

Como sugere Treiger (2001) em seu depoimento, *“Agni significa fogo e na linguagem simbólica corresponde ao pensamento, o campo avançado para a entrada no mundo espiritual”* (p.1) Nessas obras não aparecem negações sobre as outras vertentes da ioga, mas existem comentários que sustentam que *“cada uma veio na seqüência natural, trazendo sua contribuição ao momento histórico da humanidade, mas sem desprezar as anteriores, que, em cada momento, demonstrarão sua utilidade”*.(p.1) Portanto, nessas obras, embora se encontrem menções sobre a importância de

*“se conhecer o passado para compreender o presente e projetar o futuro, observa-se que é um ensinamento que só pouco a pouco vai penetrando em nossas culturas e que talvez seja uma ponta de lança para a criação desse futuro segundo uma nova ética, envolvendo a implementação do que o Cristo preconizou”*.(p.1)

Assim, os ensinamentos perenes podem ser considerados transdisciplinares, transculturais, transcendentais, na medida em que buscam fazer do homem um ser melhor no trato com o outro, com o mundo, consigo mesmo, podendo desta forma ter um conhecimento de si mesmo mais amplo, assim como do universo. Com esses ensinamentos o homem consegue maior dimensão de si, pois entra em contato com seu interior, podendo perceber que faz parte de um todo maior.

## VII. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

*“O mestre aponta o caminho, o discípulo segue sozinho até encontrar o mestre, desta vez dentro de si mesmo.”*

(J.H.S.)

### 7.1. A ética de Sándor

Chegando ao final desta pesquisa, ainda nos resta fazer algumas considerações sobre alguns pontos do método de trabalho corporal elaborado por Sándor e que dizem respeito à ética.

Consideraremos ético, aqui, aqueles tópicos do método que envolvem a conduta do terapeuta frente a seu paciente, assim como também no que concerne a si mesmo enquanto terapeuta e pessoa. Assim, reunimos nesse sub-capítulo suas recomendações, que se encontram ao longo deste trabalho. Cabe afirmar que entendemos que a ética é inerente a todo ser humano, podendo ser expressa pela sua maneira de agir e de compreender o ser humano tanto individualmente, como parte integrante de um grupo social, que por sua vez é parte integrante da natureza.

Para Sándor, a ética era referência primordial e imprescindível no contato com o paciente, assim como na conduta para a aplicação das técnicas de trabalho corporal.

Quanto ao contato com o paciente, Sándor deixava claro que as manifestações afetivas, tanto na hora de receber o paciente, antes do encontro terapêutico, bem como na hora da despedida do mesmo, eram dispensáveis por serem prejudiciais para o momento da aplicação das técnicas de trabalho corpora.. O contato físico deveria ocorrer somente no

momento em que o terapeuta tocava o paciente, para que estimulações desnecessárias não ocorressem.

Antes da realização do toque, o terapeuta deveria, segundo sua orientação, deixar a sala de atendimento, deixando assim o paciente sozinho, para que pudesse deitar-se e, se necessário à vontade para despir alguma peça de roupa. Depois disso o paciente deveria cobrir-se e o terapeuta só desnudaria a parte do corpo que a ser trabalhada.

No término da aplicação das técnicas, conforme orientação de Sándor, o terapeuta deverá cobrir novamente o paciente, sair da sala de atendimento e só retornar depois do tempo hábil que o paciente deve ter tido para vestir-se e sentar-se na poltrona novamente.

Durante a aplicação da técnica, o terapeuta deve ter o cuidado de não tocar outra parte do corpo do paciente, a não ser aquela a qual a técnica se propõe, para que não forneça a pessoa outro estímulo, que seria indesejado naquele momento. Por isso, as mulheres de cabelos longos devem mantê-los presos na hora da realização da técnica, para que o cabelo não esbarre no corpo do paciente, pois poderá proporcionar uma estímulo indesejável naquele momento. Esses toques não previstos na técnica, como o cumprimento acompanhado de carinho, ou como esbarrar no corpo do paciente na hora da aplicação da técnica, constituem um estímulo adicional não esperado e não desejado.

As unhas do terapeuta devem estar sempre curtas para não incomodar o paciente no momento do toque.

As zonas erógenas<sup>87</sup> do corpo do paciente não devem ser tocadas.

Também o cuidado do terapeuta para consigo faz parte das orientações que consideramos éticas dadas por Sándor: o lavar as mãos antes e depois de realizado o trabalho corporal é fundamental. Outra recomendação é a de que o terapeuta deve sentar-se, confortavelmente, ao realizar a aplicação de uma técnica onde o paciente deita-se na cama

---

<sup>87</sup> Como, por exemplo, púbis, seios, mamilos, etc.

baixa, apropriada, em um banquinho adequado para sua compleição física, para a aplicação do toque. Sándor afirmava que, o terapeuta deveria, nesse momento, manter uma postura digna, mantendo a coluna ereta e ombros e braços relaxados.

A cama onde o paciente deitará deverá ter toalhas ou lençóis suficientes, no qual este poderá deitar e cobrir-se quando necessário; no frio, o terapeuta deverá oferecer um cobertor ou manta.

Dentre as recomendações éticas, a que mais nos chama atenção é aquela que um dos depoentes enfatiza em uma de suas respostas, ao ser perguntado se Sándor, como médico, tinha o objetivo de curar com o toque. A resposta foi a seguinte:

*“Os toques eram quase como um ritual, eu acho, que pro médico também estar presente. Isso eu nunca falei, ele nunca falou. (...) Ele detesta a palavra cura, é uma palavra que não usa e pede prá gente não usar. (...) porque ele diz que não existe um toque para alguma coisa... Isto é, eu vou explicar de um outro jeito que você vai entender. A energia é um ser muito sábio. (...) Então existe uma coisa: na medida em que você faz um toque, eu também digo isso prá você tranqüilamente: ele falava que a energia tinha uma qualidade de inteligência e que ela sabia como se manifestar e aonde ir. Portanto o próprio terapeuta deveria evitar em ter sequer algum propósito ao estar fazendo o toque. O toque nunca foi feito para isso ou aquilo. (...) Então, isso é uma coisa: não esperar, não desejar. Quem deseja é o ego. O mundo do ego é o mundo dos desejos. Se o ego está bagunçado você vai ouvir o ego pra tentar curar? É uma confusão. Isso Reich diz com uma propriedade imensa. (...) Reich fala de como os psicólogos prestam uma atenção nas queixas de seus pacientes levando seu paciente a sério. Essa pessoa não sabe o que fez mal a ela. Se ela soubesse ela não estaria mal. Então, o que ela está fazendo é usando um monte de defesas, falando um monte de coisas e você, não deve necessariamente estar tão preocupado com o que ela fala. Isso*

*outros terapeutas dizem: além do que ela fala, presta atenção no que ela não fala.”*

Parece-nos importante enfatizar a qualidade ampla do método de trabalho corporal elaborado por Sándor, no sentido de aplicar a técnica e observar, esperando que a energia corporal realize, sabiamente, seu trajeto pelo corpo da pessoa, buscando o equilíbrio. Essa atitude nos parece ética, no sentido do respeito com o paciente, já que o que realizamos no encontro analítico e corporal está sempre permeado pela nossa psique, portanto, pelo nosso ego, o mundo dos desejos. Ético então, é realizar o toque sem desejar, sem interferir, apenas observando e possibilitando ao corpo e à psique do paciente receber o toque e reagir a ele, sem que a vontade do terapeuta esteja impressa no trabalho realizado.

Cabe aqui repetir o que Sándor sempre dizia após ensinar uma técnica a seus alunos:

*“Faça, depois me conte.”*

## **7.2. A ética da pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada tendo como instrumento questionários e entrevistas que foram realizados a partir da orientação ética do Conselho Federal de Psicologia, conforme resolução de número 016/2000 de 20 e Dezembro de 2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia envolvendo seres humanos.

## VIII. REFLEXÕES FINAIS

*“Não gosto de conclusões.  
Conclusões são chaves que  
fecham.”*

(Rubens Alves)

Esta pesquisa chega ao seu final sem estar verdadeiramente concluída, pois uma das lições que aprendemos com Sándor foi *‘deixar em aberto’*. É de conhecimento de todos que as pesquisas acadêmicas não são mesmo fechadas, que podem ser a qualquer momento retomadas, ampliadas, retificadas, mas Sándor enfatizava esse fator para que nós, seus alunos, pudéssemos usar de nossa criatividade para expandir nossos conhecimentos embasados em seus ensinamentos práticos. Assim, o que ocorre com este trabalho é que também está em aberto, para que outras pessoas, a partir do que aqui está exposto possam dar a ele continuidade, ampliando-o, enriquecendo-o.

Depois de realizadas as entrevistas e os questionários, chegamos ao capítulo conclusivo desta pesquisa, tarefa árdua quando o objeto de estudo é o trabalho de outrem. Mais difícil fica ainda, quando se trata de alguém como Pethö Sándor, homem erudito, profissional multidisciplinar, com interesses diversos e objetivo claro: trabalhar o homem, sua psique, com a intenção de conduzi-lo a percorrer seu próprio caminho de maneira consciente e firme, sem entretanto, interferir em sua escolha, apenas acompanhando-o em seu caminho.

Parece que Sándor, a princípio, não tinha, definitivamente, a intenção de criar um método de trabalho corporal. Sua profissão, a medicina obstétrica, possibilitava-lhe desempenhar a arte de trazer bebês ao mundo; Sándor ajudava as mulheres a darem a luz e depois de passar pela guerra, começou a auxiliar as pessoas a verem sua luz interior.

O método de trabalho que elaborou começou a ser desenvolvido com uma técnica, a calatonia, a partir da necessidade premente que a situação de guerra trazia. Nós que não vivemos a guerra, não temos a real dimensão das dificuldades e do sofrimento por ela impostos, mas Sándor, naqueles momentos em que cuidava dos feridos, punha em prática o que tinha em mãos, ou seja, seus conhecimentos na área médica e ele mesmo. Entrando em contato íntimo com as dores, tanto físicas como emocionais, pode perceber que sua presença, seu acolhimento, seu toque podia trazer aos feridos o conforto do qual necessitavam. A tentativa de utilização de outras técnicas de relaxamento já existentes e por ele conhecidas, não surtiam o efeito desejado para aquela situação, pois para que estas fossem eficazes o paciente deveria participar dela, diretamente, cooperando.

Podemos inferir que Sándor, aliando seu conhecimentos aos dados obtidos através de suas observações, pode perceber o que necessitava fazer através da sua intuição.

Como bem observa um dos depoentes, parece que Sándor, primeiramente, intuiu a calatonia para depois então, começar um trabalho de lapidação da técnica e, mais tarde, depois da guerra, já no Brasil, elaborar outras técnicas que foram se aliando à calatonia e formaram assim um método de trabalho corporal.

Podemos inferir, então, que Sándor não se propôs a construir esse método, mas se permitiu ouvir o que suas forças internas falavam, abrindo espaço e atenção para o que lhe vinha através dos processos intuitivos. Por outro lado, como era um erudito e como afirma um dos depoentes, mais interessado no científico e no concreto, não deixou seus estudos e pesquisas de lado. Pelo contrário, esteve sempre atento às novas descobertas na área da medicina, especialmente da neurologia, e na área psicológica, o que lhe provia e ampliava o saber teórico.

De tal modo, cabe abalizar que Sándor ouviu o chamado de seu *daimon* interior, cultivando e elaborando sua semente do fruto do carvalho. Sándor parece ter se entregado ao que a vida lhe propôs e o

viveu dignamente. Parece ter se entregado ao processo criativo sem restrições, para poder elaborar as técnicas corporais, fazendo-o num ritmo e numa cadência, próprios do equilíbrio da natureza.

Parece que não só a construção do método de trabalho corporal, mas também sua maneira de viver e conceber a vida foi tangida pelas idéias presentes nos conhecimentos perenes aos quais teve acesso. Essa marca, parece-nos, está presente na sua maneira ética de compreender a vida, de lidar com o ser humano e com a natureza.

Sándor não gostava de falar de si mesmo, da sua história biográfica, mas agora que se foi, parece necessária a realização de uma organização literária de sua vida e obra, pois alguém como ele não pode, a nosso ver, ficar relegado ao esquecimento que por ventura o tempo possa trazer. É com esse pensamento que não só esta dissertação chega ao seu final, mas, com certeza, outras pesquisas que já foram realizadas e as que estão por vir terão como meta primordial deixar impresso para o futuro quem foi Sándor e como contribuiu com o método de trabalho corporal que elaborou e com sua maneira digna de viver, para vida de cada um de nós.

Tomando por base as entrevistas e os questionários realizados, assim como toda teoria colhida ao longo desta pesquisa, acreditamos poder tentar delinear o que fundamenta o método de trabalho corporal elaborado por Sándor.

Parece que Sándor não construiu uma teoria própria, mas um método prático, que se fundamentou numa teoria pré-existente e em conceitos anatômicos. Esse método tem, dessa maneira, uma peculiaridade por não ter fundamentação teórica própria e isto se compreende e justifica por ter sido construído pela epistemologia do corpo. Deste modo, foi pensando no corpo e na sua constituição, tanto fisiológica como anatômica, que Sándor pôde aprimorar e construir, depois de intuída a calatonia. A partir disso, então idealizou e elaborou todas as outras técnicas que fazem parte do método de trabalho corporal. Parece ainda que, como pôde observar que é via corpo e através dele

que a psique dá seus sinais e clama, utilizou-se da psicologia profunda de C. G. Jung para compreender e acolher o que advinha como decorrência da aplicação das técnicas.

Quando o corpo é tocado, cria-se uma situação na qual ocorre o estímulo neurológico e, através deste, depara-se com uma resposta psíquica, que pode ser imediata ou não, mas que ocorrerá, pois os toques não são realizados aleatoriamente, mas possuem um caminho e um sentido anatômico certo que levará o indivíduo ao encontro das percepções corporais e, conseqüentemente, das percepções psíquicas.

Portanto, podemos inferir que o corpo é para Sándor o caminho mais rápido e coerente para se chegar ao psíquico, onde moram as emoções e o inconsciente.

Com esta imbricação, do conhecimento médico com o saber psicológico, pode-se inferir que para Sándor o corpo tem um correlato neuro-anátomo-psíquico, estando seu pensamento, quando da construção do método de trabalho corporal, alicerçado neste tripé teórico.

Sándor utilizou-se de todos os conhecimentos que pôde obter durante sua vida no sentido de compreender o homem e poder acolhê-lo da maneira mais íntegra e respeitosa possível. Assim o fez com seu conhecimento médico, com seu aprendizado durante o período de guerra, e com todo o conhecimento que arrebanhou durante sua vida.

Os estudos e pesquisa que realizou sobre astrologia e antigos ensinamentos se lhe ajustaram no sentido mais profundo da amplificação de Jung: Sándor era um homem erudito e toda sua erudição era voltada para a compreensão do ser humano.

Nesta pesquisa, realizamos uma retrospectiva da história do conhecimento, iniciando-a pela mitologia, contando o mito de Quíron, o curador ferido, pois acreditamos que esse mito se encaixa perfeitamente com a história biográfica de Sándor, sendo ele um curador ferido.

Contamos parte da história da medicina da Macedônia e da China, com a intenção de demonstrar como desde os primeiros tempos de

nossa civilização o corpo já era compreendido, cultuado e tratado na sua totalidade.

Passamos pelos antigos filósofos, percorrendo cada avanço que os estudiosos conseguiram durante os séculos passados, desde os anos anteriores ao cristianismo até nossos dias, descrevendo o caminho que a medicina e a psicologia fizeram, nomeando os grandes expoentes de cada escola. Sándor era profundo conhecedor da filosofia antiga, da medicina e de psicologia. Dessa forma discorrer sobre essa história, nos remete a parte dos conhecimentos por ele adquiridos durante toda sua vida.

Também foi realizado um histórico referente aos métodos e técnicas corporais construídos ao longo desses anos, com o objetivo de inserir o método de trabalho corporal, que desenvolveu ao longo de sua história.

Acreditamos ter apresentado Sándor e sua obra para a academia, quando no capítulo terceiro descrevemos parte de sua história biográfica e o método de trabalho corporal por ele construído. Nosso intento é que Sándor e esse método de trabalho corporal possam ser considerados um capítulo enriquecedor da história da psicologia brasileira.

Nos quarto e quinto capítulos, utilizando as respostas obtidas nas entrevistas e questionários, inferimos como Sándor pode ter construído seu método de trabalho e como realizou a fundamentação do mesmo.

Esperamos, assim, ter respondido às questões propostas inicialmente nesta pesquisa.

Cabe ainda salientar que, respeitando o desejo de Sándor, não demos um nome ao método de trabalho corporal por ele construído, mesmo porque acreditamos que o tempo se encarregará desta tarefa.

Certamente, muito mais há para se pesquisar, trabalho que futuramente será empreendido por nós e por outros que têm o mesmo

objetivo: perpetuar um método de trabalho que traz em si a marca de um grande homem.

## IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A HISTÓRIA da farmácia como disciplina das ciências farmacêuticas. Medicamento, História e Sociedade: banco de dados preparado por João Pedro Sousa Dias. Desenvolvida pela Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa, Portugal. 1985 Disponível em: <<http://www.ff.ul.pt>> Acesso em: 10 Janeiro 2001.

ABRÃO, J. L. F. *Um percurso pela história da psicanálise de crianças no Brasil*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 1999. 256p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade do Estado de São Paulo, 1999.

ALBERTI, V. *História Oral A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. 197p.

AMERICAN Healing Arts, Texas, USA Disponível em <http://www.txzenshiatsu.com>. Acesso em: 10 jun. 2001.

ARISTÓTELES. *Poética. Organon. Política. Constituição de Atenas*. Trad. Baby Abrão, Pinhandara Gomes, Therezinha Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 315p.

ARROYO, S. *Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos*. São Paulo: Editora Pensamento, 1987. 211p.

ARSIOLLI, A., FARAH, R., RIBEIRO, A. Calatonia e Toques Sutis. Um método integrado de abordagem corporal para a harmonização psicofísica. Criado por Pethö Sándor. Disponível em <<http://www.geocities.com/~toquesutil>> . Acesso em 10 Jan. 1999.

ASSOCIAZIONE Italiana Insegnanti Metodo Feldenkrais, Itália. Disponível em: <<http://www.feldenkrais.it>>. Acesso em: 30 abr. 2001.

B. F. SKINNER Foundation, Morgantown, WV, USA. Disponível em: <<http://www.bfskinner.org>>. Acesso em: 30 abr. 2001.

BERTHERAT, T., BERNSTEIN, C. *O corpo tem suas razões*. 12. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987. 223p.

Bíblia Sagrada. 61. ed. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1988. 1638p.

BIENFANT, M. *Fisiologia da terapia manual*. São Paulo: Summus Editorial, 1989. 382p.

BLAVATSKY, H. P. *O que é a teosofia?* The Theosophist, Inglaterra, v.1, n.1, p.1-6, Out. 1879. In: LOJA TEOSÓFICA VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.geocities.com/lojavirtual/>>. Acesso em 5 jul. 2001.

BOADELLA, D. *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus editorial, 1985. 340p.

BOYESEN, G. *Entre psique e soma. Introdução à psicologia biodinâmica*. São Paulo: Summus editorial, 1986.189p.

BRENNAN, B. A . *Mãos de Luz. Um Guia para a Cura através do Campo de Energia Humana*. São Paulo: Editora Pensamento, 1990..384p.

BURKE, P. *Os últimos quinhentos anos*. Folha de São Paulo, 19 ago. 2001. Mais! p.8-11.

CAPRA, F. *O Tao da Física*.14 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1992. 274p.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2000. 774p.

CENTER of Self-healing, São Francisco Califórnia, Estados Unidos da América do Norte,. Disponível em: <http://www.self-healing.org>. Acesso em: 10 jun. 2001.

CHARDIN, P. T. *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Editora Herder, 1966. 355p.

CHEVALIER, J.; CHEERBRANT, A . *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figures, cores, números* .4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995. 996p.

DELMANTO, S. *Toques Sutis. Uma experiência de vida com o trabalho de Pethö Sándor*. São Paulo: Summus Editorial, 1997. 300p.

DENYS-STRUYF, G. *Cadeias musculares e articulares. O método G.D.S*. SP: Summus editorial, 1995. 135p.

DENOVARO, A. B. *Técnica de Pilates*. In RIBEIRO, A . R.,MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.50, p.219-223.

DESCARTES, R. *Discurso do método. As paixões da alma. Meditações*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 335p.

DETHLEFSEN, T.; DAHLKE, R. *A doença como caminho. Uma Visão Nova da Cura como Ponto de Mutação em que um Mal se Deixa Transformar em Bem*. São Paulo: Cultrix Editora, 1992. 262p.

*DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural. 1976. 194p.

DURAN, S. M. G. *O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethö Sándor: uma interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C. G. Jung*. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1997, 216p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

DYCHTWARD, K. *Corpomente. Uma síntese dos caminhos do oriente e do ocidente para a autoconsciência, saúde e crescimento pessoal*. 3.ed. São Paulo: Summus editorial, 1984. 280p.

EHRENFRIED, L. *Da educação do corpo ao equilíbrio do espírito*. 2.ed. São Paulo: Summus editorial, 1991. 98p.

ESCOLA de Reeducação do Movimento, São Paulo. Disponível em: <<http://www.ivaldo-bertazzo.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2001.

EUROPEAN Body-Therapist, London, United Kingdom. Disponível em: <<http://www.eabp.org/eap.htm>>. Acesso em: 5 maio 2001.

FADIMAN, J., FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Editora HARBRA Ltda., 1986. 394p.

FARAH, R. M. *Integração Psicofísica. O trabalho corporal e a Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Companhia Ilimitada/Robe Editorial, 1995. 502p.

FELDENKRAIS, M. *A consciência pelo movimento*. 3.ed. São Paulo: Summus editorial, 1977. 222p.

FERREIRA, V. L. *Sistema Usui de cura pelo Reiki*. In RIBEIRO, A. R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.47, p. 203-206.

FESTIVAL Internacional de Música Sagrada de Fez. Disponível em: <<http://www.home.worldnet.fr/~ouazzani/HomePage.shtml>>. Acesso em: 12 jul. 2001.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 3: O cuidado de si*. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.

FRANKEL, E. *Biossíntese*. In RIBEIRO, A. R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.7, p.40-41.

GABRIEL, M. S. A . A Dança da Vida. In: Ramos, R. C. L. (org.) *Danças Circulares Sagradas. Uma proposta de Educação e Cura*. São Paulo: Editora Triom, 1998, cap.8, p.137-149.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 752p.

GEOGEAKOPOULOS, A . *Watsu I*. Tradução Leila Bedaque. São Paulo: Watsu Center do Brasil, 1996. 54p.

GIEGERICH, W. *A neurose da psicologia ou o terceiro dos dois*. Tradução Pethö Sándor. *Analytic Psychology*, n.9, 1978, p.241-268.

GIGLIO, R. L. C., CHU, T. C. T. N. *Reprogramação Músculo-Articular – RMA.*, s.d. 119p.

GILGAMESH, *Rei de Uruk* São Paulo: Ars Poética Editora, 1992. 91p. (autor anônimo)

GOES, J. M. *Biomassagem*. In: RIBEIRO, A .R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.6, p.37-39.

GUNTHER, B. *Sensibilidade e relaxamento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974. 192p.

HAUSCHKA, M. *Massagem rítmica*. 2.ed. São Paulo: Fundação Beneficente Tobias, 1985. 198p.

HILLMAN, J. *O Código do Ser*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 353p.

IAMMITELLI, D., MUHANA, L. *Contact Improvisation. Tempo, espaço e peso: explorando a arquitetura do self*. In: RIBEIRO, A .R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.10, p. 50-52.

INSTITUTO de Abordagens Corporais da Bahia. Disponível em: <<http://www.e-net.com.br>>. Acesso em: 20 abril 2001.

INTERNATIONAL Academy for Biodinamic Psychology and Psychoterapy, London, United Kingdom. Disponível em <<http://www.gerdaboyesen.com>>. Acesso em: 5 maio 2001.

ISADORA Duncan Foundation for Contemporary Dance, New York, USA. Disponível em: <<http://www.isadoraduncan.org>> Acesso em: 5 jun. 2001.

JACOB, S. W., FRANCONI, C. A ., LOSSOW, W. J. *Anatomia e Fisiologia Humana*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990. 569p.

JACQUES, L. M. *Tui na: massagem terapêutica chinesa*. In RIBEIRO, A R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.56, p. 242-246.

JAFFÉ, A. *Ensaio sobre a psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Editora Cultrix, 1988. 128p.

JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes Editora, 1981. 148p.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre Psicologia Analítica* 2.ed. Petrópolis: Vozes Editora, 1981. 312p.

\_\_\_\_\_. *Aion. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes Editora, 1982. 317p.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes Editora, 1983. 698p.

\_\_\_\_\_. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes Editora, 1985. 140p.

\_\_\_\_\_. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. 14.ed. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992. 361p.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes Editora, 1994. 501p.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes Editora, 1985. 200p.

KAPIT, W., ELSON, L. M. *Anatomia: manual para colorir*. São Paulo: Livraria Rocca Ltda. 1987. 291p.

LABAN, R. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978. 268p.

LEBOYER, F. *Shantala. Uma arte tradicional. Massagem para bebês*. 5.ed. São Paulo: Ground, 1993. 155p.

LEME, E. M. *O corpo-sentido no processo educativo: uma abordagem fenomenológica*. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1998. 170p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LIMA, R. C. et al. *Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura*. São Paulo: Editora Triom, 1998. 195p.

LOWEN, A. *The language of the body*. New York: Macmillan, 1971. 416p.

MACHADO F. P. T. *Gestos de cura e seu simbolismo*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1994. 184p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

MARX, M. H., HILLIX, W. A. *Sistemas e teorias em psicologia* 2.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1976. 755p.

MASSON, S. *Os relaxamentos*. São Paulo: Editora Manole Ltda., 1986. 138p.

MASUNAGA, S., WATARU, O. *Zen shiatsu: how to harmonize yin and yang for better health*. USA: Japan Pubns, 1977. 180p.

MCNEELY, D. A. *Tocar. Terapia do Corpo e Psicologia Profunda*. São Paulo: Editora Cultrix, 1987. 172p.

MCGUIRRE, W. HULL, R. F. C. *C. G. Jung: Entrevistas e Encontros*. São Paulo, Editora Cultrix, 1982. 407p.

MESQUITA, J. C. *Biodança*. In: RIBEIRO, A. R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*, São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.5, p.32-36.

MINDELL, A. *O corpo onírico: o papel do corpo no revelar do si-mesmo*. São Paulo: Summus Editorial, 1982. 191p.

MONTAGU, A. *Tocar. O significado humano da pele*. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988. 427p.

NAVYA, A. L.; GARCIA, J. M. *Craniossacro essencial*. In RIBEIRO, A. R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais* São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.13, p.60-64.

*NEI Ching – O livro de Ouro da Medicina Chinesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. (s.d). 165p.

NEUMANN, E. *A criança*. São Paulo: Editora Cultrix, 1991. 183p.

\_\_\_\_\_. *História da Origem da Consciência*. 2.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995. 323p.

NORMAND, H. *Os mestres do tao. Lao-Tzu, Lie-Tzu, Chuang-Tzu*. São Paulo: Editora Pensamento, 1985. 188p.

PALCOS, M. A. *Escritos. Fundación Rio Abierto*. Argentina. Apostila. 80p.

PARKER, G. *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1995. 320p.

PENNA, L. *Dance e recrie o mundo*. São Paulo: Summus Editorial, 1993. 168p.

PERES, M. F. *Signos em rotação*. Folha de São Paulo, 19 ago. 2001. Mais! P.5.

PIERRAKOS, J. C. *Energética da Essência. (Core Energetics). Desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. São Paulo: Pensamento, 1994. 296p.

PLATÃO. *Diálogos. Eutífron ou da religiosidade. Apologia de Sócrates. Críton ou do dever. Fédon ou da alma*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultura, 1999. 191p.

REICH, W. *Análise do caráter*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 492p.

\_\_\_\_\_. *A função do orgasmo*. 4.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978. 328p.

REINHART, M. *Quíron e a jornada em busca da cura. Uma perspectiva astrológica e psicológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995. 475p.

REVISTA Eletronica Artes de Cura, da Bapera Editora, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.bapera.com.br>>. Acesso em: 20 abril 2001.

RIBEIRO, A. M. C. *Conhecimento da astrologia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1988. 630p.

RIBEIRO, A. R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997. 288p.

RICARD, F., SALLÉ, J. L. *Tratado de Osteopatia teórico e prático*. São Paulo: Robe Editorial, 1996. 322p.

ROLF, I. P. *Rolfing. A Integração das Estruturas Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 270p.

ROSENFELD, A. *O pensamento psicológico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. 127p.

SÁNDOR, P. et al *Técnicas de relaxamento*. 4.ed. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica, 1982. 113p.

\_\_\_\_\_. *Cinesiologia para psicólogos*. Apostila para o curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae, SP. (s.d.) 4p.

SANNINO, A. *Métodos do trabalho corporal na psicoterapia junguiana: teoria e prática*. São Paulo: Moraes, 1992. 196p.

SANTOS, A. Formação Contínua para Fisioterapeuta. Disponível em: <<http://www.centrodesaopaulo.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2001.

SCHNEIDER, M., LARKIN, M. *Manual de auto-cura. Método self-healing*. São Paulo: Triom, 1998. 216p.

SCHULTZ, D. P., SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. 9.ed. São Paulo: Editora Cultrix Ed., 1992. 440p.

SCHULTZ, J. H. *O treinamento autógeno*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967. 413p.

SHARMAN-BURKE, J., GREENE, L. *O Tarô Mitológico*. São Paulo: Siciliano, 1988. 244p.

SILVA, P. M. F. *Drenagem Linfática*. In RIBEIRO, A .R., MAGALHÃES, R. *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, cap.19, p.85-87.

SILVEIRA, N. *Jung, vida e obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S.A . 1974. 198p.

SOCIEDADE Brasileira de Tai-Chi-Chuan e Cultura Oriental do Brasil. Disponível em: <<http://www.sbtcc.org>>. Acesso em: 5 maio 2001.

SÓCRATES. *Platão. Apologia de Sócrates. Xenofonte. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. Apologia de Sócrates*. Trad. Enrico Corvisieri, Mirtes Coscodai. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 287p.

SOUCHARD, P. E. *Você disse Holístico? Interesse, condições d'application, limites des Therapies Globales*. França: Le Pousé, 1991..28p.

\_\_\_\_\_. *Reeducação Postural Global. Método do campo fechado*. São Paulo: Ícone, 1986.104p.

SOUZENELLE, A. *O simbolismo do corpo humano: da árvore da vida ao esquema corporal*. 3. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1984. 312p.

SUSSMANN, D. J. *Que és la acupuntura: que puede curar, como actua*. 5.ed. Buenos Aires, Kier, 1980.272p.

THE Dolphin Heart Mission Statement, USA. Disponível em: <<http://www.dolphinheart.com/watsu.html>>. Acesso em: 5 jun. 2001.

TORRESI, M. E. *Era uma vez um corpo... Estudo exploratório da relação mente-corpo no trabalho intelectual do professor universitário*. Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 1996,139p. Dissertação (mestrado em Educação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 1996.

TREIGER, J. *Fundação Cultural Avatar. Objetivos e Propósitos* Rio de Janeiro: Fundação Cultural Avatar, 1995. 115p.

\_\_\_\_\_. Publicação e letrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[maris@femanet.com.br](mailto:maris@femanet.com.br)> em 19 jun. 2001.

VEGETATIVE Lability. Tradução Pethö Sándor. Apostila para o Curso de Cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae. (s.d.) 96p.

von FRANZ, M. L. C. G. *Jung, seu mito em nossa época*. São Paulo: Cultrix,1992. 281p.

WERTHEIMER, M. *Pequena História da Psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.200p.

WINNICOTT, D. W. *A natureza humana*. São Paulo: Imago, 1990. 224p.

WOODMANN, M. *A coruja era filha do padeiro; obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.160p.

WOODWARD, W. *Historiografia da psicologia moderna: a versão brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 439p.

ZEMACH-BERSIN, D., ZEMACH-BERSIN, K., REESE, M. *Solte-se. Método de relaxamento para a saúde e a boa forma*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.174p.

## ANEXO

### Primeiro questionário

1- Parece que Sándor foi influenciado pela teoria junguiana. Mas outros autores também chamaram sua atenção. Quais foram esses autores?

2- Sándor se interessava por outras áreas do conhecimento, além da medicina e psicologia. Que outras áreas do conhecimento podem ter influenciado Sándor na construção do método de trabalho corporal?

3- Em quê e como esses autores, áreas e/ou abordagens foram importantes e influenciaram Sándor?

### Segundo questionário

1- Num dos questionários aparece a seguinte afirmação: *“Sándor era um "buscador". Compreendia o homem como um todo, um ser completo e complexo; via o homem como um ser bom. Ele era um humanista, coerente, com um desenvolvimento afetivo imenso.”* Do seu ponto de vista, como ele se relacionava com as pessoas? Ele era o mesmo com diferentes pessoas em diferentes situações?

2- Pelo carisma que as pessoas afirmam que Sándor possuía, provavelmente, alguns podem tê-lo elegido como seu guru. Como você acha que Sándor reagia a isso?

3- Há indícios de que Sándor era um apaixonado pela música. Contam que seu primeiro desejo era ser cantor e não médico. Na sua maneira de ver, como ele demonstrava seu amor pela música e que papel ela representou nas técnicas corporais que ele elaborou?

4- Sándor era médico obstetra - ginecologista. Entretanto, sabe-se que na época em que se formou médico, as especialidades não eram tão difundidas. Considera-se, então, que Sándor, era um clínico geral, um médico generalista, atuando mais como um médico de família. Diga, como você via o médico Sándor?

5- Parece que Sándor gostava e estudou astrologia. Como ele falava e demonstrava seu interesse por essa área do conhecimento?

6- Da mesma forma, ele demonstrou interesse por assuntos esotéricos e espiritualistas. Como você via esse interesse dele e como ele se colocava perante esses assuntos?

7- Qual a importância que Sándor dava à vivência do ser humano em grupo? Como ele colocava essa questão?

8- Pela escassez de publicações, parece que Sándor dava preferência à tradição do ensinamento oral, "de boca a boca". Como eram realizados esses ensinamentos? Na sua experiência, do que foi ensinado por ele, o que considera mais importante?

GABRIEL, M. S. A. *Métodos do Trabalho corporal: uma proposta sutil*. Assis, 2001. 235 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

## **RESUMO**

Esta dissertação é resultado de pesquisa em que os instrumentos utilizados foram questionários e entrevistas. De tal modo, foi descrito como o método de trabalho corporal foi construído por Pethö Sándor, assim como também sua provável fundamentação teórica, composto da imbricação entre a neurologia, anatomia e psicologia profunda de C. G. Jung. Além disso, foi também constatado que tanto o método de trabalho corporal como a própria vivência do autor foram tangidas por ensinamentos da sabedoria perene. Para que esse método pudesse ser inserido num contexto histórico, partimos da descrição das trajetórias históricas da filosofia, da medicina, da psicologia e do desenvolvimento dos métodos e técnicas corporais, passando pela descrição de cada um deles até chegarmos à atualidade, no afã de cumprirmos nosso objetivo.

Palavras-chave: Pethö Sándor; corpo e mente; terapia; cinesiologia – aspectos psicológicos; toques, uso terapêutico.

GABRIEL, M. S. A. *Métodos do Trabalho Corporal: uma proposta sutil*. Assis, 2001. 233 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

## **ABSTRACT**

This dissertation is the result of a research which was carried out based on questionnaires and interviews. This is mainly at the record of the way followed by Pethö Sándor over his life to draw up the method of body therapy. This method works the imbrication of Neurology, Anatomy and the deep Psychology by C. G. Jung. The available elements used to record the building-up of this method are presented in the proof that both, the body therapy and Sándor’s own life experience were touched by the teaching of ageless wisdom. For this method could be included in a historical context, this work was started by the description of the historic ways of Phylosophy, Medicine, Psychology and also the historical development of both, physical methods and technics. Then, each one was described from the beginning to the present time, with the strong will to reach the purpose of this work.

Key-words: Pethö Sándor; Body and mind; therapy; sinesiology; psychological aspects; touch; therapeutic usage.

*“O que eu ensino são como sementes  
que vão caindo dentro de vocês.  
Elas se desenvolverão de diferentes formas,  
Dependendo do campo interno de cada um...”*  
(Sándor)

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Assis, Outubro de 2001.

MARIS STELLA ALVARES GABRIEL